

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

VANESSA IORIS

**A EXPERIÊNCIA DA REDE PROSA:
TVs Universitárias do Rio Grande do Sul em Rede**

**SÃO LEOPOLDO
2015**

VANESSA IORIS

**A EXPERIÊNCIA DA REDE PROSA:
TVs Universitárias do Rio Grande do Sul em Rede**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Prof.^a Dra Christa Berger

**São Leopoldo
2015**

I64e Ioris, Vanessa
A experiência da Rede Prosa: tvs universitárias do Rio
Grande do Sul em rede / Vanessa Ioris. – 2015.
185 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos,
Programa de Pós-Graduação em Comunicação. São Leopoldo, RS,
2015.

Orientadora: Prof.^a Dra Christa Berger.

1. Televisão universitária – Rio Grande do Sul. 2.
Jornalismo colaborativo. 3. Trabalho em rede. 4. Rede Prosa. I.
Título. II. Berger, Christa.

CDU 651.1.279.1/916.51

(Bibliotecária Raquel Herbcz França – CRB 10/1795)

VANESSA IORIS

"A EXPERIÊNCIA DA REDE PROSA: TVS UNIVERSITÁRIAS DO RIO GRANDE DO
SUL EM REDE"

Dissertação apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de
Mestre, pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciências da
Comunicação da Universidade do Vale
do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovada em 23 de março de 2015

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Flávio Antônio Camargo Porcello – UFRGS



Profa. Dra. Mariana Bastian Tramontini – UNISINOS



Profa. Dra. Christa Berger – UNISINOS

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Christa Berger, por acolher meu projeto e me orientar nessa jornada.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de mestrado.

Aos membros da banca examinadora, pela disponibilidade.

Aos meus pais, Diógenes e Cecília, meus irmãos Carolina, Priscila e Rodrigo, meu cunhado Liandro, meu sobrinho Benício, e meu namorado, Henrique, pelo carinho, apoio e compreensão durante esse período.

Ao Daniel Pedroso, pelo estímulo inicial e por dividir muitos momentos de descobertas e aprendizado.

Aos colegas e amigos da Redação da TV e Rádio UNISINOS, Izadora Meyer, Joyce Heurich, Jéssica Zang, Júlia Ramona, Rodrigo de Oliveira e Camila Kehl, pela parceria. E, também, agradeço Priscila Gomes, Gabriela Clemente, Gabriela Boesel, Francisco Pereira, Diego Capela, Kelly Betina Veronez, Cláudia Silveira, Lisiane Miranda, Vívian Salvador e Ivie De Souza Netto pelo apoio de sempre.

Ao Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas (COMUNG), e aos representantes das TVs universitárias gaúchas que integram a Rede Prosa, em especial Marcus Staudt, Adriana Antunes e Taís Rizzotto.

Aos profissionais do Canal Futura, Acácio Jacinto, José Brito Cunha e Juliana Wexel, pelas informações disponibilizadas para a pesquisa.

Às Professoras Débora Lapa Gadret e Luciana Kraemer, pela generosidade durante o percurso.

À Professora Doutora Adriana Duval, que sempre foi fonte de inspiração para o caminho da pesquisa e da docência.

RESUMO

Este presente trabalho é resultado de um Estudo de Caso da Rede Prosa, experiência que 12 universidades do Rio Grande do Sul, ligadas ao Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas (COMUNG), iniciaram em novembro de 2012. A ideia de criar um processo alternativo de troca de conhecimentos e de produção de conteúdo jornalístico surgiu a partir do modelo da Rede mantida pelo Canal Futura, da Fundação Roberto Marinho, com 38 TVs de universidades do país. Considera-se como referencial teórico os estudos que refletem sobre as características da televisão universitária e do trabalho em rede. A metodologia empregada foi a da observação participante das reuniões com os integrantes da Rede Prosa, de entrevistas com os representantes e da análise de duas séries produzidas conjuntamente. Este texto mostra os primeiros passos da concepção de trabalho, as experiências vividas nos encontros realizados, sempre com foco em um eixo conceitual do grupo: a produção em rede. Conclui-se que compartilhar as práticas realizadas pela Rede Prosa, e reconhecer a importância e o potencial da interlocução de equipes das emissoras que fazem jornalismo em TVs pertencentes a diferentes Instituições de Ensino Superior, é um caminho promissor para elas, que são, constantemente, desafiadas na busca pela inovação.

Palavras-Chave: TV universitária. Jornalismo colaborativo. Trabalho em rede. Rede Prosa.

ABSTRACT

This work is the result of a Case Study of Rede Prosa, an experience that 12 universities of Rio Grande do Sul, linked to the Gaúchas Community Universities Consortium (COMUNG) started in November of 2012. The idea of creating an alternative process of knowledge exchange as well as exchange of journalistic content production came from the model of the network maintained by Canal Futura - Roberto Marinho Foundation, with 38 university TVs in the country. The studies on the characteristics of university TV and networking are considered the theoretical reference. The methodology used was the participant observation of meetings with members of the Rede Prosa, interviews with the representatives and analysis of two series produced jointly. This paper shows the first steps of conception work, the experiences in the meetings, always focusing on a conceptual axis of the group: the network production. It follows that sharing the practices carried out by Rede Prosa, and recognizing the importance and the potential of dialogue teams of broadcasters that make TV journalism from different institutions of higher education, is a promising path for them, as they are constantly challenged in the search for innovation.

Keywords: University TV. Collaborative journalism. Networking. Rede Prosa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Juliana Wexel, apresentadora, editora e produtora de Rede do Futura.....	35
Figura 2 - Esquema de Trabalho Futura e Parceiras.....	38
Figura 3 - Esquema de trabalho Rede Prosa.....	45
Figura 4 - Programação 1º Encontro Rede Prosa	48
Figura 5 - Programação 3º Encontro Rede Prosa	51
Figura 6 - Programação 4º Encontro Rede Prosa	54
Figura 7 - Termo de Compromisso	57
Figura 8 - Programação 5º Encontro Rede Prosa	59
Figura 9 - Página da Rede Prosa no <i>Youtube</i>	65
Figura 10 - Página da Rede Prosa no <i>Facebook</i>	65
Figura 11 - Programação 6º Encontro Rede Prosa	66
Figura 12 - Programação 7º Encontro Rede Prosa	70
Figura 13 - Certificado de participação	74
Figura 14 - Programação 8º Encontro Rede Prosa	75
Figura 15 - Programação 9º Encontro Rede Prosa	79
Figura 16 - Programação 10º Encontro Rede Prosa	84

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Registro Reunião de Pauta – Redação TV UNISINOS	36
Fotografia 2 - Registro Reunião de Pauta – Canal Futura	36
Fotografia 3 - Registro de Encontro de Reitores – Futura.....	39
Fotografia 4 - Registro de Encontro de Jornalismo em Rede - Futura	40
Fotografia 5 - Registro de laboratório de construção de pauta - Futura	41
Fotografia 6 - Encontro Rede Prosa na UNIVATES.....	49
Fotografia 7 - Encontro Rede Prosa na UCS.....	50
Fotografia 8 - Encontro Rede Prosa na UNISINOS	53
Fotografia 9 - Encontro Rede Prosa na FEEVALE.....	55
Fotografia 10 - Encontro Rede Prosa na UPF	60
Fotografia 11 - Encontro Rede Prosa na UNIFRA.....	67
Fotografia 12 - Encontro Rede Prosa na UCPel.....	71
Fotografia 13 - Encontro Rede Prosa na UNIVATES.....	75
Fotografia 14 - Encontro Rede Prosa na UCS.....	79
Fotografia 15 - Encontro Rede Prosa na UNISC.....	85

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Temas das Séries realizadas pela Rede Prosa	96
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Série sobre Variação Linguística	52
Quadro 2 - Série sobre Escritores Locais	56
Quadro 3 - Peça Gráfica da Rede Prosa para TV e <i>Web</i>	60
Quadro 4 - Série sobre erva-mate e os processos etnográficos	61
Quadro 5 - Série sobre Voluntariado	63
Quadro 6 - Série sobre Índios e Negros.....	67
Quadro 7 - Série sobre esportes adaptados.....	71
Quadro 8 - Série sobre Arte de Rua enquanto Contracultura	76
Quadro 9 - Série sobre a Relação Comunidade e Água	80
Quadro 10 - Vídeo Reitores - COMUNG.....	85
Quadro 11 - Série E o produto, vai como?	87

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Objetivos.....	15
1.1.1 Objetivo Geral	15
1.1.2 Objetivos Específicos	16
1.2 Estratégias Metodológicas	16
1.2.1 Estudo de Caso	16
1.2.1.1 <i>Experiência de Campo</i>	20
1.2.1.2 <i>Entrevistas</i>	20
2 TV UNIVERSITÁRIA	22
2.1 TVs Universitárias no Rio Grande do Sul.....	26
3 TRABALHO EM REDE.....	29
3.1 O exemplo do Canal Futura	32
3.2 A Construção da Rede Prosa.....	41
3.2.1 Encontros da Rede Prosa	47
3.2.1.1 <i>Primeiro Encontro da Rede Prosa</i>	47
3.2.1.2 <i>Segundo Encontro da Rede Prosa</i>	49
3.2.1.3 <i>Terceiro Encontro da Rede Prosa</i>	51
3.2.1.4 <i>Quarto Encontro da Rede Prosa</i>	54
3.2.1.5 <i>Quinto Encontro da Rede Prosa</i>	58
3.2.1.6 <i>Sexto Encontro da Rede Prosa</i>	66
3.2.1.7 <i>Sétimo Encontro da Rede Prosa</i>	70
3.2.1.8 <i>Oitavo Encontro da Rede Prosa</i>	74
3.2.1.9 <i>Nono Encontro da Rede Prosa</i>	78
3.2.1.10 <i>Décimo Encontro da Rede Prosa</i>	84
3.3 Rede Canal Futura x Rede Prosa.....	91
4 ANÁLISE DE REPORTAGENS DA REDE PROSA	95
4.1 Primeira Série – Variação Linguística.....	97
4.1.1 Temática da Série	98
4.1.2 Linguagem Própria	99
4.1.3 Unidade de Abordagem da Série	100
4.2 Nona Série – E o Produto, Vai Como?	101
4.2.1 Temática da Série	101

4.2.2 Linguagem Própria	103
4.2.3 Unidade de Abordagem da Série	105
5 CONCLUSÃO.....	106
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICE A - 1ª ETAPA DE ENTREVISTAS REDE PROSA.....	113
APÊNDICE B - 2ª ETAPA DE ENTREVISTAS REDE PROSA.....	123
APÊNDICE C - ENTREVISTAS – CANAL FUTURA.....	137
APÊNDICE D - REPORTAGENS SÉRIE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	150
APÊNDICE E - REPORTAGENS SÉRIE E O PRODUTO, VAI COMO?.....	161

1 INTRODUÇÃO

Há cerca de sete anos, concluí a graduação no Curso de Comunicação Social - Jornalismo na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), e, há quase nove, trabalho na TV UNISINOS¹ – uma emissora educativa, universitária, de interesse público e de caráter privado. Com sede no campus da universidade em São Leopoldo, o sinal abrange um público potencial de um milhão e meio de telespectadores. Entre programas diários e semanais, a TV UNISINOS procura promover informação, privilegiando a contextualização e a análise de assuntos de interesse público, agindo de acordo com o princípio de TV universitária, no conceito adotado pela Associação Brasileira de Televisão Universitária (ABTU).

Minha jornada na emissora teve início com um estágio em 2006. Em 2008, depois de concluída a graduação, fui contratada como repórter. E, desde 2010, passei a exercer a função de editora-chefe, em que sou responsável por atender diferentes demandas. Além do compromisso do trabalho cotidiano que a função exige (coordenar a apuração, produção, reportagem e edição), também me dedico a orientar e capacitar jovens estudantes de Jornalismo. Outro importante aspecto está no esforço em colocar uma programação com conteúdo de qualidade no ar.

A TV UNISINOS está inserida na mesma realidade da maioria das TVs universitárias brasileiras, em maior ou menor grau, no que diz respeito ao enfrentamento de limitações no trabalho do dia a dia, que acabam influenciando no resultado final. É possível perceber um cenário complexo, marcado por uma série de desafios. Faço referência às dificuldades de ordem prática e conceitual: orçamento, equipamentos defasados, equipes reduzidas, inexperiência dos profissionais e estagiários, carência de indicadores referentes à interação com o público e estímulo do ator social como colaborador de conteúdo.

Outro ponto é a presença de padrões de TV comercial (estruturadas a partir de um padrão específico de mercado) como contexto de influência. O que se verifica ainda é que o próprio curso de Jornalismo das universidades prepara e forma os estudantes para uma realidade diferente das pequenas estruturas ou das estruturas independentes. O aluno que chega para atuar na TV universitária está direcionado a se qualificar para este mercado convencional.

¹ A TV UNISINOS pode ser sintonizada no canal 52 UHF, na região do Vale do Sinos, e via Net no canal 87.

Um problema surpreendente nas TVUs brasileiras foi a triste tendência dos estudantes em reproduzir conteúdos, formatos e posturas já consagrados na TV comercial. Há uma preocupação em 'fazer currículo', demonstrando capacitação nos parâmetros convencionais da TV, para facilitar o acesso ao mercado de trabalho. Falta criatividade e sobram conservadorismo e conformismo. Com isso, a função laboratorial da TV universitária é mal aproveitada, devido ao desinteresse estudantil pela experimentação. (MAGALHÃES, 2013, p. 11).

Todas essas questões até então levantadas criam um ambiente de grande desafio. Ao voltar o olhar para essa produção realizada, percebe-se que a TV universitária carece de maior reflexão e tensionamento sobre o produto gerado e de possíveis caminhos de inovação para o mercado. Até mesmo porque o jornalismo aplicado em uma TV universitária é aquele que está comprometido não só com a informação, mas também com a transmissão do saber em suas abordagens. Em um canal com a proposta educativa, é preciso tensionar para que as temáticas de reportagens contemplem as prerrogativas de uma emissora dessa vertente. Nesse sentido, Azambuja (2008), defende que a TV universitária deve fornecer ao público elementos para que ele possa tirar suas próprias conclusões.

O jornalista faz Jornalismo Educativo quando contempla a atualidade levando em consideração o benefício do público. Fazê-los descobrir e reforçar suas possibilidades pessoais de participar responsabilmente da vida social apresenta a necessidade de diálogo entre escola, imprensa, professores e jornalistas. (AZAMBUJA, 2008, p. 62).

Mas, para isso, é preciso que a equipe de TV esteja preparada para trabalhar essa questão. E, como já foi mencionado, as TVs Universitárias costumam contar com equipes formadas na sua maioria por jovens profissionais e estudantes em processo de formação. Dessa maneira, faz-se necessário prepará-los para essa dinâmica. Segundo Azambuja (2008), as referências de TV para os estudantes de Jornalismo, vêm de TVs comerciais e essas são praticadas com e pelos alunos.

As instituições estão se aproximando mais dos interesses comerciais (de divulgação do nome da instituição) e de ser local de treinamento para entrar no mercado de trabalho do que de desenvolver um ambiente de aprendizagem, capaz de comportar um centro de formação de novos profissionais e, ao mesmo tempo, um laboratório de pesquisa de novos formatos e linguagens para a televisão brasileira. (AZAMBUJA, 2008, p. 220).

Fato este que justamente não deveria acontecer, já que não há possibilidades de concorrência entre emissoras comerciais e universitárias. No máximo, uma cópia limitada do modelo canônico, enquanto deveria experimentar cada vez mais linguagens diferentes. Neste mesmo ponto concordam Argollo e Barreto (2008, p. 10):

Pensar a estética e o conteúdo de uma programação televisiva universitária requer desprendimento de padrões, muitas vezes, utilizados pelas televisões comerciais. É na busca pela experimentação para a cidadania que está o caminho a percorrer pelas instituições de ensino superior como um todo e, particularmente, pelos realizadores de projetos televisivos universitários. Barros (1997) aponta que o comunicador precisa incorporar a faceta educativa de sua atividade, dentro de uma ética e estética da recepção.

Essa busca por um conteúdo que fuja das lógicas das TVs comerciais é certamente um objetivo trabalhado por diversas TVs universitárias espalhadas pelo país. O ideal seria experimentar cada vez mais linguagens e caminhos diferentes.

Acredita-se em uma televisão - e em um telejornalismo - livre de amarras, servindo como espaço para a produção de conhecimento, para a divulgação de ideias e ideais positivos. Os limites para a experimentação e para a busca de novas linguagens vão até onde os estudos da comunicação permitirem. Sempre com o compromisso ético, alunos e professores seguem em busca da aproximação com os fatos - o levando a notícia aos telespectadores, mas respeitando as necessidades de reflexão (ARGOLLO; BARRETO, 2008, p. 17).

A partir disso, há muito tempo, me pergunto sobre qual seria o caminho de trabalho a ser adotado por uma emissora de caráter universitário e educativo, diante, principalmente, do cenário midiático contemporâneo marcado por trocas e por protocolos de conteúdo? Tenho consciência de que não é um caminho fácil, porque por trás dele estão crenças e valores. Ou seja, caso fosse simples, outra TV universitária já o teria feito. Ou seja, que caminhos o jornalismo aplicado na TV universitária precisa e deve seguir, principalmente, para se distanciar da TV comercial, que está em um contexto diferente? Muitas vezes, as equipes de TVs universitárias estão preocupadas em colocar uma programação no ar, atender as demandas, e esquecem de parar e olhar para si mesmas. Promover momentos de reflexão sobre a qualidade do conteúdo realizado ou saber o que os colegas de outras TVs universitárias estão produzindo parece distante.

A partir desse panorama do estado das coisas, faço referência a uma proposta recente de articulação entre TVs com enfoque educativo: a Rede Prosa, parceria entre TVs Universitárias do Rio de Grande do Sul, ligadas ao Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas (COMUNG)², criada em novembro de 2012. O grupo trocou ideias e chegou à palavra prosa, de prostrar, que significa manter um diálogo com alguém; bater papo, conversar.

² “O Consórcio foi constituído oficialmente em 27 de abril de 1996, com o objetivo de viabilizar um processo integrativo que resultasse no fortalecimento individual das instituições e no conseqüente favorecimento da comunidade universitária rio-grandense e da sociedade gaúcha como um todo”. (COMUNG, [2014?]).

A ideia é funcionar como um canal para a troca mútua de conteúdo, um espaço de fomento ao compartilhamento de conhecimento e reflexão sobre rotinas e formatos explorados, principalmente no que diz respeito às reportagens. A Rede Prosa é vista pelos parceiros como uma iniciativa que pode permitir o desenvolvimento de indicadores de qualidade da narrativa e uma métrica que possa ajudar a aferir sua presença em produções do jornalismo das emissoras universitárias. É a possibilidade de diferentes vozes estarem permanentemente em situações de construção de consenso ao redor de objetivos de produção em comum.

Outro intuito está na busca de expandir o alcance do material produzido e do pluralismo cultural da programação de cada emissora. Entre as doze universidades que compõem atualmente este grupo estão: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), de São Leopoldo; Universidade FEEVALE, de Novo Hamburgo; Universidade de Caxias do Sul (UCS), de Caxias do Sul; Centro Universitário do Vale do Taquari (UNIVATES), de Lajeado; Centro Universitário Francisco (UNIFRA), de Santa Maria; Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), de Cruz Alta, Centro Universitário Metodista (IPA), de Porto Alegre; Universidade Católica de Pelotas (UCPel), de Pelotas; Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), de Santa Cruz do Sul; Universidade de Passo Fundo (UPF), de Passo Fundo; Centro Universitário La Salle (UNILASALLE), de Canoas; e Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), de Ijuí.

A proposta é inspirada no trabalho desenvolvido pelo Canal Futura, da Fundação Roberto Marinho, com sede no Rio de Janeiro. A emissora tem, atualmente, uma aliança com 38 universidades como uma estratégia para a expansão do sinal do Canal, de sua programação, além de ser uma maneira de reunir e exibir uma rede nacional de produção de conteúdo de instituições de ensino do país. E a maior parte das TVs universitárias que compõe a Rede Prosa mantém parceria com o Canal Futura. Mas, apesar desse contato com o Futura, a Rede Prosa se propõe a realizar um trabalho independente. Todo esse movimento nos faz tentar compreender de que maneira a atuação em rede pode colaborar para a construção de uma nova realidade para essas TVs universitárias gaúchas.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Estudar a experiência da Rede Prosa e sua produção jornalística colaborativa.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Apresentar quais são os processos e lógicas operacionais da Rede Prosa;
- Estudar a produção conjunta da Rede Prosa;
- Analisar séries produzidas via sistema colaborativo.

1.2 Estratégias Metodológicas

O objetivo com este trabalho está em desenvolver um estudo de caso sobre processos da Rede Prosa para inferir sobre as práticas da Rede e suas lógicas processuais, a partir da perspectiva de método proposto por Becker (1999), Braga (2008) e Duarte (2008), no capítulo sobre estudo de caso, no livro *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*.

1.2.1 Estudo de Caso

Becker (1999, p. 117) aponta que o método de estudo de caso “[...] supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno adequadamente a partir da exploração intensa de um único caso”. Sendo assim, o estudo de caso permite o acesso a uma série de dados e, geralmente, tem um propósito duplo:

Por um lado, tenta chegar a uma compreensão abrangente do grupo em estudo: quem são seus membros? Quais são suas modalidades de atividade e interação recorrentes e estáveis? Como elas se relacionam umas com as outras e como o grupo está relacionado com o resto do mundo? Ao mesmo tempo, o estudo de caso também tenta desenvolver declarações teóricas mais gerais sobre regularidades do processo e estrutura sociais. (BECKER, 1999, p. 118).

Becker (1999) ressalta que o estudo de caso prepara o pesquisador para trabalhar com descobertas inesperadas, exigindo uma reorientação, caso se apresentem novas descobertas. Outro ponto importante, diz respeito à observação participante, que consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo e buscando compartilhar com os sujeitos, o seu cotidiano. Becker (1999, p. 120) aponta que “[...] ele pode ser um participante em caráter integral na organização que estuda, e assim estando sujeito às mesmas chances de vida que qualquer outro membro do grupo”.

Por propiciar a participação mais intensa do pesquisador nas vivências dos grupos e acontecimentos julgados importantes para melhor compreensão, Becker (1999) ainda chama a atenção para o problema do *bias* durante o estudo de caso. Nesse sentido, o observador deve

evitar enxergar apenas os elementos conforme suas hipóteses implícitas ou explícitas. Ou ainda, por estabelecer relações e amizade com membros do grupo, evitar não dar atenção devida a determinadas informações ou eventos por esses motivos.

O bias pode ser evitado reproduzindo cuidadosamente um relato completo de todos os eventos observados; buscando cobrir todas as variedades de eventos através de algum tipo de mecanismo de amostragem primitiva (fazer observações em momentos diferentes do dia ou do ano, procurar deliberadamente membros de grupos diferentes da comunidade ou da organização, e assim por diante); e formulando hipóteses tentativas à medida que o trabalho de campo prossegue e depois procurando deliberadamente casos negativos. (BECKER, 1999, p. 121, grifo do autor).

A metodologia de estudo de caso possibilita ao pesquisador fazer generalizações no que diz respeito às relações entre os vários fenômenos estudados, mas como afirma Becker (1999, p. 129) “[...] um caso, é no fim das contas, apenas um caso” e como, então “[...] se pode descobrir sua importância?”. Segundo Becker (1999, p. 129), “[...] no decorrer de uma série de estudos, a comparação de variações nas condições e consequências pode fornecer uma teoria altamente diferencial do fenômeno em estudo”:

Como exemplo simples, um estudo de comunidade poderia localizar seis classes sociais numa comunidade. Um estudo posterior, numa comunidade em certa medida diferente, revela apenas cinco, uma vez que a classe superior não chega a se dividir entre riqueza ‘velha’ e ‘nova’; a comparação dos dois pode demonstrar variações nas histórias ou posições ecológicas das comunidades que poderiam explicar a diferença, e a hipótese pode ainda ser testada em um terceiro estudo. (BECKER, 1999, p. 129).

Nesse sentido, conforme Becker (1999), comparações baseadas nas variações do fenômeno mostram a influência de cada fator e, cada estudo subsequente, pode ser construído a partir das contribuições dos seus predecessores. Por fim, o resultado pode ser uma compreensão mais detalhada da operação de um grande número de fatores e condições à medida que interagem para produzir resultados diferentes.

Becker faz referência ainda ao uso prático de resultados de pesquisa. Segundo o autor (1999, p. 131), os estudos geralmente tem o propósito “[...] de fornecer orientação para administradores e outros que possam desejar intervir na organização ou comunidade, a fim de mudar alguma condição considerada como ineficiente e desagradável ou prejudicial ao bem-estar do grupo”. Dessa maneira, ele se torna útil para a identificação e descoberta de problemas e pode ajudar com dicas e sugestões para uma possível intervenção.

Outra contribuição utilizada diz respeito à realizada por José Luiz Braga (2008), que reflete sobre o estudo de caso empregado na pesquisa comunicacional, relacionando-o ao

paradigma indiciário. Braga (2008, p. 77) enumera quatro finalidades do estudo de caso aplicado na investigação de processos e de produtos midiáticos:

- a) gerar conhecimento rigoroso e diversificado sobre uma pluralidade de fenômenos que são intuitivamente percebidos como de interesse para a área (o conhecimento dos casos em si);
- b) assegurar elementos de articulação e tensionamento entre situações de realidade e proposições abstratas abrangentes prévias (situações particulares versus conhecimento estabelecido);
- c) pela lógica própria dos processos indiciários, gerar proposições de crescente abstração a partir de realidades concretas;
- d) caracterizar-se como âmbito de maior probabilidade de sucesso no desentranhamento de questões comunicacionais diretamente relacionadas ao fenômeno em sociedade.

No entanto, Braga (2008, p. 77) chama a atenção para “[...] o risco de alguns aportes potenciais não se realizarem plenamente”, o que pode acontecer em caso de dispersão dos estudos, devido à variedade de objetos ou a ausência de teorias que se aproximem do campo comunicacional. Outro risco se refere quando o caso estudado funciona apenas para legitimar uma teoria.

Outro desvio ocorre quando o caso é trabalhado apenas na apreensão empírica da coisa singular – evidenciando seu funcionamento descritivamente, sem fazer inferências, ou fazendo, ou fazendo inferências técnicas. Detalham-se todos os ângulos percebidos, intuitiva ou sistematicamente levantados, sem estabelecer ordens de relevância, ou apenas de modo impressionístico, não expressamente justificado. Embora isso possa ter utilidade, não representa avanço de conhecimento. Aqui, não há tensionamento do objeto por perspectivas teóricas nem destas pelo objeto. Trata-se de riscos opostos: na primeira alternativa, não se dá suficiente atenção ao caso em sua singularidade empírica; na segunda, não se faz o esforço de avançar das constatações empíricas para o desenvolvimento teórico. (BRAGA, 2008, p. 77).

Segundo Braga (2008, p. 78), esses riscos podem ser enfrentados “[...] através de alguns encaminhamentos relativos ao paradigma indiciário”. Faz parte, então, dos estudos de caso, conforme Braga (2008), o trabalho de tensionamento entre situação empírica, teoria e problema de pesquisa, no sentido de levantar indícios e decidir sobre a sua relevância, além de articular conjuntos de indícios derivando, daí, inferências sobre o fenômeno.

Na obra *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*, no capítulo dedicado ao estudo de caso, Márcia Yukiko Matsuuchi Duarte (2008, p. 215) ressalta que o método é utilizado com frequência “[...] talvez porque seja uma boa maneira de introduzir o pesquisador iniciante nas técnicas de pesquisa ao integrar o uso de um conjunto de ferramentas para o levantamento de análise de informações”. São várias as definições

encontradas para o estudo de caso, segundo Duarte (2008, p. 216), que cita Robert K. Yin como indispensável para compreensão:

O estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas. Ele enfatiza ser a estratégia preferida quando é preciso responder a questões do tipo ‘como’ e ‘por que’, o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneo inseridos em algum contexto da vida real.

Duarte (2008) afirma que o uso do estudo de caso é preferencial quando o pesquisador tem como objetivo verificar eventos contemporâneos, em situações em que não é possível manipular comportamentos relevantes e onde se permite aplicar duas fontes de evidências, que são a observação direta e uma série de entrevistas, em geral não utilizadas pelo historiador. “Embora apresente pontos em comum com o método histórico, o poder diferenciador do estudo de caso reside em ‘sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações’”. (YIN, 2001, p. 25 apud DUARTE, 2008, p. 219).

O estudo de caso, ainda segundo Duarte (2008), é um modo de se investigar um tópico empírico valendo-se de um conjunto de procedimentos pré-especificados e que pode ser utilizado, com as seguintes finalidades (YIN, 2001, p.34-35 apud DUARTE, 2008, p. 220):

- 1) explicar os vínculos causais em intervenções da vida real que são complexas demais para as estratégias experimentais ou aquelas utilizadas em levantamentos; descrever uma intervenção e o contexto da vida real em que ocorreu;
- 3) ilustrar determinados tópicos dentro de uma avaliação, às vezes de modo descritivo ou mesmo de uma perspectiva jornalística;
- 4) explorar situações nas quais a intervenção que está sendo avaliada não apresenta um conjunto simples e claro de resultados;
- 5) ser uma ‘metaavaliação’, ou seja, o estudo de caso pode ser empregado para fazer o estudo de um Estudo de Avaliação.

O estudo de caso utiliza para a coleta de evidências, fundamentalmente, seis fontes distintas de dados, segundo Duarte (2008, p. 229): “[...] documentos, registros em arquivo, entrevistas, observação direta, observação participantes e artefatos físicos, cada uma delas requerendo habilidades e procedimentos metodológicos diferenciados”. Para garantir o bom andamento da pesquisa, Duarte (2008, p. 229) ainda traz Yin para apontar três princípios a serem empregados na atividade de coleta de dados: “(1) a utilização de várias fontes de evidências; (2) a criação de um banco de dados para o estudo de caso; e (3) a manutenção de um encadeamento de evidências”.

O método do estudo de caso contribui para a compreensão dos fenômenos sociais, sejam eles individuais ou organizacionais. Cada fenômeno analisado pode se considerar fruto de uma história que o torna exclusivo. “É o estudo das peculiaridades, das diferenças daquilo que o torna único e por essa mesma razão o distingue ou o aproxima dos demais fenômenos”. (DUARTE, 2008, p. 234).

1.2.1.1 Experiência de Campo

A coleta dos materiais referentes à Rede Prosa foi realizada desde o primeiro encontro promovido em Lajeado, na sede da TV UNIVATES, em nove de novembro de 2012, quando representantes de TVs universitárias gaúchas se reuniram com o intuito de formar uma rede colaborativa de trabalho. Até o momento, no total, foram dez encontros. O último foi realizado em quatro de dezembro de 2014, na UNISC, em Santa Cruz do Sul.

A coleta levou em conta as discussões realizadas durante os encontros, além das reportagens produzidas em conjunto. Os materiais são relativos a dois movimentos, que serão explorados para o estudo:

- a) encontros realizados pela Rede Prosa;
- b) análise da primeira e da última série de reportagens da Rede Prosa (a descrição das reportagens estão na íntegra nos apêndices D e E do trabalho).

1.2.1.2 Entrevistas

Em um momento inicial da pesquisa, em julho de 2013, solicitamos aos representantes de cada TV universitária participante da Rede Prosa na época, para que respondessem um pequeno questionário, sobre a motivação em participar da Rede. A ideia do trabalho foi exposta pela pesquisadora durante os encontros e os colegas se propuseram a responder as perguntas via e-mail. As repostas estão na íntegra no apêndice A deste trabalho. Foram enviadas as seguintes questões:

- a) *Qual o interesse e motivação da TV Universitária em participar da Rede Prosa?*
- b) *Como encara a produção colaborativa em Rede?*
- c) *O que pode ser agregado à realidade dessa Instituição?*

Em um segundo momento, em janeiro de 2015, voltamos a solicitar as impressões dos representantes das universidades parceiras da Rede Prosa, que responderam às questões via e-mail. As repostas estão na íntegra no apêndice B deste trabalho. Dessa vez, para fazer uma análise de mais de dois anos de Rede Prosa:

- a) *Nesses dois anos de trabalho, você acredita que a Rede Prosa tem cumprido com o objetivo inicial? Por quê?*
- b) *Qual sua avaliação sobre os produtos (séries de reportagens) e processos gerados em parceria (destacar pontos positivos e negativos)?*
- c) *Que tipo de impacto foi gerado a partir da participação na Rede Prosa (comparecimento aos encontros e entrega das reportagens)?*

Para descrever o processo em rede do Canal Futura, da Fundação Roberto Marinho, realizamos entrevistas via e-mail e por telefone com Acácio Jacinto, Gerente de Relacionamento do Canal Futura com Universidades Parceiras; José Brito Cunha, Coordenador do Núcleo de Jornalismo do Canal Futura; e Juliana Wexel, editora e apresentadora do Jornal Futura, do Canal Futura, e responsável pela produção em rede junto às TVs Universitárias. As repostas na íntegra estão no apêndice C deste trabalho.

2 TV UNIVERSITÁRIA

Não é novidade que os meios de comunicação vivem, atualmente, intensa transformação com a revolução da sociedade da informação, promovida pela Internet por conta da convergência. Nesse contexto, é fundamental repensar os veículos, entre eles a TV, que ainda exerce um papel significativo sobre a sociedade e atinge diferentes camadas da sociedade. Bucci (1997, p. 26) chama a atenção para a necessidade de refletir sobre a TV. Segundo ele, “para muitos, ainda hoje, TV não é coisa séria. Seria simplória demais, idiotizante demais para ser levada a sério”.

Diferentes estudos apontam a TV como estratégia de mudança social, que pode propiciar o desenvolvimento e a mobilização social, embora as emissoras comerciais se esquivem de responsabilidade, ao argumentar que se trata de um espaço de entretenimento. De quem poderia ser, então, esse compromisso?

No artigo 223, da Constituição de 1988, está o princípio de modelo tríplice para a televisão brasileira, que consiste nos sistemas privado, público e estatal. (BRASIL, 1988). Conforme Priolli (2008), “[...] como o artigo nunca foi regulamentado nesse aspecto, segue o país sem saber quais seriam precisamente, definidos em termos legais, os três sistemas apontados; e sem saber, muito menos, o que se entende pela complementaridade entre eles”.

Segundo Bucci (2008), por não haver uma distinção clara dos termos, prevaleceu o senso comum. A comunicação estatal defende o ponto de vista do governo e, a pública, dá voz à sociedade. “[...] que este aí é um sofisma cuja intenção é demonizar o estatal, que teria de nascer a sina governista, e santificar o ‘público’, que jamais cairia em tentação”. (BUCCI, 2008, p. 260).

A TV pública tem como pressupostos cinco eixos fundamentais, de acordo com Torves (2007, p. 105): “[...] a democracia, a cidadania, a visibilidade, dos atores sociais, a linguagem audiovisual e os gêneros e os discursos que esta televisão deve ter e experimentar”. Ou seja, os projetos de comunicação de uma TV pública devem ser plurais, diversificados e de qualidade e voltados para a cidadania.

A TV pública deve divulgar os ‘produtos’ culturais ligados à educação e à humanística. No que diz respeito à informação, a emissora pública deve ter uma consciência maior da pauta, tem que ser mais temática e analítica; as informações devem ser mais claras e objetivas, não se agregando a questões políticas e governamentais devem ser tratadas com competência, serem mais pluralistas e isentas. É importante fazer jornalismo público, com fontes plurais, notícias analíticas, privilegiando a diversidade, com formato e linguagem diferenciada das emissoras comerciais. (TORVES 2007, p. 131).

Para Priolli (2008), o problema é que a televisão pública ainda é tratada como um rótulo, ou no máximo um projeto:

É um rótulo para todos aqueles que julgam insuficiente o conceito de televisão educativa, o único que está tipificado em lei para distinguir a televisão não-comercial. Como acreditam que a simples ideia de educação pela TV aborrece o público, não poucos operadores desse campo passaram a utilizar o termo 'televisão pública', mais palatável e 'vendável'. Outros, por sua vez, encaram o conceito como uma meta, um projeto político-cultural de transformar a TV educativa existente, quase toda estatal, em efetivo organismo sob controle da sociedade, livre das ingerências políticas dos governantes.

Ainda segundo Priolli (2010), o país já possui uma TV comercial com poder, reputação e adorada pelo público, e, por isso sugere que:

Pode ter um dos melhores sistemas de televisão do mundo, se a TV pública e a TV estatal também forem valorizadas e puderem efetivamente servir como ponto de equilíbrio, em ética, qualidade, compromisso social e isenção política. É o que cabe aos brasileiros construir, em favor das gerações futuras.

No que se refere à TV universitária, ela tem como característica ser um canal de televisão mantido por Instituições de Ensino Superior. No Brasil, sua história é recente. A primeira experiência de que se tem registro é a TV Universitária de Recife, ligada à Universidade Federal de Pernambuco, em 1968. “Foi criada em um momento em que o analfabetismo atingia mais da metade da população brasileira e 50% dos habitantes encontravam-se em idade escolar. Seu objetivo era promover a educação formal.” (PRIOLLI; PEIXOTO, 2004, p. 4). Na prática, segundo Porcello (2002, p. 41), “[...] ela era universitária apenas no nome pois sempre teve compromissos com a rede pública de TVs educativas do país”.

A TV Universitária passou a se desenvolver a partir da Lei Federal número 8.977, em 6 de janeiro de 1995, conhecida como Lei da Televisão a Cabo, que prevê, de acordo com Porcello (2002, p. 49-50):

[...] os chamados canais básicos de utilização gratuita, onde estão as Universidades e Instituições de Ensino Superior, as organizações comunitárias, as Câmaras Municipais de Vereadores, Assembleias Legislativas dos Estados, Câmara dos Deputados e Senado Federal, além dos canais comerciais e de prestação de serviços.

A TV universitária não segue as lógicas do poder político ou do mercado, já que é proibida de comercializar a sua programação. Esta, por sua vez, é direcionada para a construção da cidadania. Segundo Calligaro (2007, p. 52), “O caráter público das TVs universitárias, embora muitas vezes pertençam a instituições de direito privado, determina que

esses canais tenham como dever pensar na sociedade, no interesse do cidadão”. E acrescenta que as TVs universitárias representam espaços de difusão das reflexões e do conhecimento gerado pelas instituições de ensino superior.

No conceito adotado pela ABTU (Associação Brasileira de Televisão Universitária), a Televisão Universitária é aquela produzida no âmbito das IES ou por sua orientação, em qualquer sistema técnico ou em qualquer canal de difusão, independente da natureza da sua propriedade. Uma televisão feita com a participação de estudantes, professores e funcionários; com programação eclética e diversificada, sem restrições ao entretenimento, salvo aquelas impostas pela qualidade estética e a boa ética. Uma televisão voltada para todo o público interessado em cultura, informação e vida universitária, no qual prioritariamente se inclui, é certo, o próprio público acadêmico e aquele que gravita no seu entorno: familiares, fornecedores, vestibulandos, gestores públicos da educação, etc. (PRIOLLI; PEIXOTO, 2004, p. 5).

Uma das principais dificuldades enfrentadas pelas TVs universitárias diz respeito à forte referência que as emissoras sofrem a partir do modelo das TVs comerciais. Segundo Calligaro (2007), é natural que as emissoras universitárias desejem exibir programas com boas imagens, bom formato e bem editados, mas a busca por essa perfeição acaba se tornando um entrave. “[...] na maioria das vezes, talento e criatividade dependem muito mais de competência e conhecimento para se transformar em programas de qualidade do que da utilização de equipamentos sofisticados” (CALLIGARO, 2007, p. 57).

Outro ponto enfrentado pelas TVs universitárias está relacionado ao posicionamento e definição de estratégias de programação, pois elas não conhecem seu público-alvo. Segundo Priolli e Peixoto (2004, p. 7), “[...] existem poucas pesquisas de aferição de audiência e, assim sendo, as emissoras não sabem para quem falam, se para o público em geral ou se apenas para a própria comunidade acadêmica”. Além disso, as TVs Universitárias não dão conta de preencher todos os horários com produções próprias, o que gera uma grade de programação com um grande número de reprises, desestimulante para quem assiste.

Para Calligaro (2007, p. 52), as TVs universitárias “[...] devem ser reconhecidas como uma alternativa ao que é veiculado pelas emissoras que transmitem sua programação em canais abertos ou mesmo pagos”. Ou seja, a maior oferta de programas oferece ao público a chance de escolher o que se deseja assistir na TV. Conforme Torves (2007, p. 99), este tipo de emissora “[...] deve manter os princípios da ética e da qualidade assim como o compromisso de elevar o nível sócio-econômico, educativo e cultural dos cidadãos”. Para Porcello (2002, p. 87), “[...] as pautas e critérios editoriais de seus programas precisam contemplar as histórias de construção e não de destruição. É buscar um olhar positivo para as ações humanas, sem é claro, perder o aspecto crítico e reflexivo que caracteriza a universidade”.

Ramalho (2010, p. 70) afirma que a universidade é o lugar privilegiado da pesquisa, e sua TV precisa refletir isso. E lembra que “[...] pesquisar novos formatos exige tempo para maturação, testes e verificação de resultados; não basta ter uma ideia, gravar um programa piloto e exibi-lo”. Conforme Porcello (2002, p. 48), a TV universitária funciona como um “[...] elo de ligação entre o conhecimento obtido na instituição acadêmica e a sua beneficiária mais direta: a sociedade”. Porém, nem sempre é o que se verifica.

Toda pesquisa é uma construção do conhecimento, e os programas de entrevistas que divulgam as produções científicas, comuns nas TVs universitárias, não devem apenas cumprir o papel informativo ou propagandísticos das produções acadêmicas, mas também instigar a curiosidade sobre o processo da pesquisa, como se deu a construção do conhecimento, incentivando especialmente a comunidade estudantil, em qualquer nível, a enveredar-se por esse caminho. (RAMALHO, 2010, p. 75).

De acordo com Porcello (2002, p. 89), o desafio da TV universitária está em encontrar equilíbrio entre o que deve ser dito e a maneira de dizê-lo: “Evitar os vícios comerciais e compromissos com o mercado como fazem as TVs privadas, mas também não cair do lado oposto, ou seja, tornar-se um modesto circuito de TV, fazendo com que a universidade fale apenas de si mesma”.

Uma televisão com essas características, comprometida com a universidade, o ensino, a cultura, a educação e a arte, que busca transformar a informação em conhecimento não pode se render à ditadura dos índices de audiência, mas também não pode querer ser televisão sem observar as regras mínimas do ato de fazer TV. Os princípios básicos, como captar a atenção do telespectador ou mostrar-lhe o que seja realmente interessante, são artifícios válidos e que não podem ser desprezados. Deve garantir visibilidade para a produção acadêmica, para o pensamento e as linhas de pesquisa. (PORCELLO, 2002, p. 89).

A experimentação deve ser vista como um caminho a ser seguido, sem medo do erro. “Dessa forma, as emissoras poderiam estar criando uma nova maneira de fazer e ver televisão. Mostrar informações que o público não tinha, necessariamente, vontade de consumir deveria ser uma das metas mais importantes das TVs universitárias”. (CALLIGARO, 2007, p. 57). Para Wainer (2014), alunos e técnicos precisam vencer os próprios conceitos e permitir que aquilo que é novo e diferente possa triunfar.

Isso não é trivial. A dificuldade diz respeito à própria expectativa e os comentários de outros. Expectativa, pois o embate hoje em dia é pela inserção do jovem no mercado de trabalho (que seria possível, segundo crêem, ao longo do reconhecimento de uma performance convencional. E os comentários podem reverberar a atitude como “erro”, como incapacidade, falta de auto-avaliação, descuido e não como criação deliberada e, como tal, arriscada. A inovação, quando alcançada e identificada, exige um permanente esforço de manutenção no âmbito da convicção interna e conhecimento compartilhado. (WAINER, 2014, p. 11).

Porcello coloca a TV universitária como uma boa alternativa de programação de qualidade para a TV brasileira. “É também um avanço em relação às programações maçantes e repetitivas das TVs educativas, cronicamente prejudicadas pela falta de dinheiro e pelas influências políticas” (PORCELLO, 2002, p. 85). O autor complementa que, para se consolidar, a TV precisa encontrar uma resposta nela própria.

2.1 TVs Universitárias no Rio Grande do Sul

O Rio Grande do Sul tem um papel significativo quando o assunto é TV universitária. A primeira emissora do segmento no país, a TV Campus, foi implantada seis meses depois da promulgação da Lei 8.977, na cidade gaúcha de Santa Maria, de acordo com Torves (2007, p. 99).

Como a universidade não tinha recursos técnicos, inicialmente uma produtora – a Mix Produtora – fazia a produção de um programa semanal. Para pagar os custos, os fundadores, Sérgio de Assis Brasil e Martha Marchesan, da Mix Produtora, buscaram apoio cultural. Nessa época era realizado um programa chamado TV Campus, veiculado aos sábados e reprisado aos domingos e às quartas-feiras. Um aluno de Publicidade e três do Jornalismo, do curso de Comunicação Social da UFSM, auxiliavam na realização do programa, que era uma espécie de revista tratando de pesquisa, extensão, eventos da universidade etc. As primeiras edições foram ao ar em julho de 1995. (CALLIGARO, 2007, p. 69).

Segundo Ramalho (2011, p. 26), “[...] apesar de o Sudeste sediar o maior número de instituições de ensino superior, o Sul é a região onde a TV está mais presente no ambiente universitário, considerando a relação quantidade de TVs e quantidade de universidades”. Além disso, o Estado sediou, em 1997, o I Fórum Brasileiro de TVs Universitárias, realizado pela Universidade Federal de Caxias do Sul. Na ocasião, foi criada a ABTU, formalmente registrada no ano 2000. “Apenas esses dois eventos já demonstram o interesse das universidades daquela região pela criação e manutenção de TVs”. (RAMALHO, 2011, p. 26).

No Rio Grande do Sul, do total de TVs universitárias em atividade, nove fazem parte da Rede Prosa.

A UNISC TV foi fundada em 1996. Atualmente, ocupa o canal 15 da operadora a cabo Net, de Santa Cruz do Sul. A grade de programação é composta por programas do Canal Futura e por produções próprias, realizadas por alunos-estagiários do Curso de Comunicação Social da universidade. (UNISC, [2014?]).

A TV UNISINOS, criada em 1999, e com sede na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo, transmite a programação do Canal Futura, além de gerar programas locais, que abordam temas voltados à educação e às questões emergentes da comunidade. Sua

transmissão é feita a partir do morro Dois Irmãos em Novo Hamburgo e opera no canal 52 UHF, 51 (52.1) HDTV em testes e no canal 87 da Net. (UNISINOS, [2014?]).

A UPF TV (2008) conta com transmissão aberta desde agosto de 2005. Pode ser sintonizada em Passo Fundo através dos canais 4 e 62 da TV aberta e canal 8 da Net; em Marau pelo canal 54; e em Carazinho pelo canal 20. A emissora, em parceria com o Canal Futura, trabalha com uma programação baseada no compromisso com a cidadania, com a prestação de serviços e à difusão do conhecimento.

A UNICRUZ TV foi criada em 1999 pela Universidade de Cruz Alta. Pelo canal 15 da Net, retransmite o sinal do Canal Futura e na sua programação local procura diversificar a abordagem de assuntos, buscando tratar de temas atuais, polêmicos, educacionais, pedagógicos, dando um olhar diferenciado para as notícias do cotidiano. (UNICRUZ, [2014?]).

A TV UCPel foi criada em abril de 1996. Atualmente, pode ser sintonizada pelos Canais 15 da NET e 7 da Viacabo. Retransmite a programação do Canal Futura e produz programas locais. (UCPel, [2014?]).

A TV FEEVALE teve início em 2002 como laboratório experimental do curso de Comunicação Social. Hoje, é veiculada no canal 15 da Net, de Novo Hamburgo. Ao voltar-se para a experimentação e produção de programas educativos, informativos, científicos, culturais, esportivos e de serviços, a TV FEEVALE busca a difusão do conhecimento, a promoção da cultura e o desenvolvimento regional. (FEEVALE, [2014?]).

A TV UNIFRA foi ao ar pela primeira vez em maio de 2008. Sua programação, que vai ao ar pelo canal 15 da Net Santa Maria, é produzida por alunos e professores dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Franciscano. Na grade da TV, o telespectador pode acompanhar a programação do Canal Futura e produções locais, que abrangem cultura, entretenimento e informação. (UNIFRA, [2014?]).

A UCS TV (2014) foi fundada em outubro de 1997 pela Universidade de Caxias do Sul, com a meta de privilegiar ações de interação entre a universidade e a comunidade em nível de conhecimento. Desde 2011, retransmite a programação do Canal Futura. É possível sintonizar através do Canal 15 da Net e pelo sistema de sinal aberto pelo Canal 27 UHF, em Antônio Prado, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Flores da Cunha, Garibaldi, Guaporé, Gramado, Nova Prata, São Marcos, Vacaria, Veranópolis e por sistema a cabo em Bento Gonçalves, Caxias do Sul e Farroupilha.

A TV UNIVATES, inaugurada em 22 de julho de 2009 pelo Centro Universitário UNIVATES tem como objetivo, além de envolver alunos e professores na produção de

conteúdo, divulgar projetos com enfoque acadêmico, disseminando o conhecimento produzido pela instituição. A emissora tem parceria com o Canal Futura e pode ser sintonizada pelo Canal 15 da Net. (UNIVATES, [2014?]).

3 TRABALHO EM REDE

A sociedade contemporânea tem passado por transformações consideráveis no que diz respeito às interações sociais, que são dinamizadas por processos de convergência midiática. Atualmente, contamos com um fluxo acelerado de informações e muita oferta de conteúdo. A tecnologia tornou-se mais acessível e as pessoas, de diferentes setores da sociedade, têm possibilidade de produzir conteúdo. Esse conteúdo circula em diferentes plataformas e em diferentes meios. Nesse sentido, Jenkins (2009, p. 377) define o termo convergência como:

[...] palavra que define mudanças, tecnológicas, industriais, culturais e sociais no modo como as mídias circulam em nossa cultura. Algumas das ideias comuns expressas por este termo incluem o fluxo de conteúdos através de várias plataformas de mídia, a cooperação entre as múltiplas indústrias midiáticas, a busca de novas estruturas de financiamento das mídias que recaiam sobre os interstícios entre antigas e novas mídias e o comportamento migratório da audiência, que vai a quase qualquer lugar em busca das experiências de entretenimento que desejam. Talvez, num conceito mais amplo a convergência se refira a uma situação em que múltiplos sistemas de mídia coexistem e em que o conteúdo passa por eles fluidamente. Convergência é entendida aqui como um processo contínuo ou uma série contínua de interstícios entre diferentes sistemas de mídia não uma relação fixa.

Desta forma, a tecnologia assume um papel significativo, já que ajuda a facilitar o processo comunicacional e também faz com que quem está *de fora* interfira na produção de conteúdo. Por exemplo, é possível perceber como o acesso à internet e à digitalização tecnológica mudaram não apenas a forma de trabalho das redações, mas também interferiram e interferem na relação com o público receptor, e na própria relação da sociedade consigo mesma. Castells (2004, p. 287) analisa a internet como algo indissociável da vida contemporânea e nos lembra que:

Essa tecnologia é, e será ainda mais, um meio de comunicação e de relação essencial sobre o qual se baseia uma nova forma de sociedade em que já vivemos e, nesse sentido, a internet não é simplesmente uma tecnologia; é o meio de comunicação que constitui a forma organizativa de nossas sociedades [...] A internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos.

Hoje em dia, as pessoas têm capacidade de captar imagem e som com suas câmeras ou seus telefones celulares e enviar vídeos via Internet não apenas para as redações dos telejornais, mas também para a redação dos jornais impressos e para os sites de compartilhamento de vídeos como é o caso do *YouTube*. As facilidades propostas pela internet, a partir do protocolo *Web 2.0*, permite que a sociedade edite seus vídeos em casa, nas

Organizações Não Governamentais ou na escola e, assim, ingressem no sistema midiático como produtores de conteúdo que será mediado pelos jornalistas. E essa relação de colaboração não deixa de ser uma forma de interação. Kieling traz contribuições de como a crescente oferta interativa tem estimulado o desenvolvimento de conteúdos colaborativos:

A formação das redes e comunidades na Internet, o e-mail, os sítios de relacionamento, as alternativas de aparatos de recepção, a mobilidade, a convergência e os mecanismos de interatividade e interação forjaram outras formas de atuação deste ator econômico, social, cultural e político. Graças a esses meios ele pode escolher quando, onde e como consumir, interpretar, interagir com os conteúdos. Ele pode redistribuir, expandir e até alterar esses textos digitais. E mais, pode contestar e também produzir e publicar de maneira independente, coletiva ou colaborativa. Tais processos podem acontecer dentro ou fora dos sistemas midiáticos formais. (KIELING, 2012, p. 2).

A partir desse tensionamento, percebe-se que são gerados novos impactos tanto para o público receptor, quanto para quem está no dia a dia do fazer jornalístico. E essa perspectiva convida a pensar o telejornalismo a partir de outro viés, ou seja, o da colaboração. Nesse sentido, é possível tirar proveito das lógicas de convergência para pensar um departamento de jornalismo ou uma redação mais colaborativa, em que temos a sociedade também produzindo conteúdo. Eliseo Veron (1997), a partir da proposição de um esquema para a análise da midiática - entendida aqui como um processo de produção e circulação de discursos sociais que atinge toda a sociedade gerando afetações múltiplas - coloca que as instituições, os meios de comunicação e os atores individuais são agentes comunicativos que produzem conteúdo, e esse conteúdo, ao ingressar no tecido social, acaba afetando a sociedade como um todo.

Desta forma, neste contexto midiático comunicacional brevemente explanado, entendemos que a partir dos pressupostos da convergência midiática, da força da internet como um veículo de acesso ao sistema midiático e a partir da midiática, encontramos indícios e movimentos que nos levam a pensar na importância da colaboração como uma alternativa concreta para a produção de telejornais.

Kieling (2012, p. 7) ainda afirma que “[...] esse tipo de espaço colaborativo já existe em todas as TVs comerciais”, entre elas a TV Globo. Segundo Kieling (2012), hoje todos os telejornais da emissora usam conteúdo colaborativo enviado por meio do portal da emissora ou do G1. Mas sabe-se que a estrutura de uma TV comercial em muitos aspectos difere de uma TV universitária. Por isso, essa realidade é dificilmente verificada nas TVs universitárias. E no caso das emissoras que fazem parte da Rede Prosa, a saída está em organizar-se e encarar o colaborativo de outra forma, através de um trabalho em rede entre elas. Ou seja, enquanto as tecnologias aplicadas à comunicação sofrem transformações e criam

possibilidades novas de produção de conteúdo de forma colaborativa, as equipes das TVs universitárias gaúchas da Rede Prosa aprimoram sua forma de trabalhar, conceituando e desenvolvendo processos que caracterizam uma solução específica e autoral de produção colaborativa.

A ideia de reunir pessoas em torno de um mesmo objetivo não é algo novo. Há muito se sabe que é extremamente difícil atender diferentes tipos de demanda operando isoladamente, sem a cooperação entre os pares. Musso (2004, p. 31) define rede como “[...] uma estrutura de interconexão instável, composta de elementos em interação, e cuja variabilidade obedece a alguma regra de funcionamento”. Para Kastrup (2004, p. 80), o único elemento constitutivo de uma rede é o nó e não importam suas dimensões:

Pode-se aumentá-la ou diminuí-la sem que perca suas características de rede, pois ela não é definida por sua forma, por seus limites extremos, mas por suas conexões, por seus pontos de convergência e de bifurcação. Por isso, a rede deve ser entendida com base numa lógica de conexões, e não numa lógica de superfícies.

Callon (2004) sugere que uma rede demonstra força por ser um acúmulo de fraquezas. Ligar pontos uns com os outros, permite que o coletivo tire sua grandeza da adição das fraquezas singulares.

O que faz com que uma rede seja forte é o fato de cada ponto da rede se apoiar nos outros pontos da rede, e é porque a rede local adiciona, junta essas fraquezas umas com as outras, que ela engendra força. A fraqueza – não mais que a força – não é uma fatalidade, uma essência ou um destino. Trata-se de fazer alianças, de criar relações. (CALLON, 2004, p. 78).

Conforme Castells (2009, p. 232), os membros da rede são independentes e dependentes em relação à rede, por isso, podem ser uma parte de outras redes.

Então, o desempenho de uma determinada rede dependerá de dois de seus atributos fundamentais: conectividade, ou seja, a capacidade estrutural de facilitar a comunicação sem ruídos entre seus componentes; coerência, isto é, na medida em que há interesses compartilhados entre os objetivos da rede e de seus componentes.

No universo das TVs universitárias, esse movimento de trabalhar de forma colaborativa, também acontece. Um exemplo é a Rede de Intercâmbio de Televisão Universitária (RITU), que foi criada em 2007 e passou a funcionar regularmente por meio de um convênio entre a ABTU e a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), organização social ligada aos ministérios da Ciência e Tecnologia e da Educação. Trata-se de um sistema

de compartilhamento, para que as TVs universitárias do país construam uma grade local com base nos vídeos produzidos por emissoras universitárias brasileiras.

Atualmente, são cerca de 300 programas e 150 horas de programação que estão disponíveis para os 40 membros utilizarem livremente. Segundo Moreira (2014, p. 40), presidente da ABTU, grande parte das TVs universitárias carece de conteúdo para dar conta da programação e “[...] a RITU é uma solução criada para garantir que esse conteúdo complementar tenha um DNA universitário, mantendo a unidade da grade de programas e compartilhando a diversidade e os sotaques regionais”.

Para participar, basta ser associado à ABTU, escolher os programas mais adequados ao canal e fazer *download* no computador. Além disso, a TV universitária deve ter o compromisso de contribuir com a Rede, para continuar a acessar os conteúdos. Sem a presença de uma cabeça, a rede é horizontal e permite a criação de uma identidade universitária de TV nacional.

3.1 O exemplo do Canal Futura

O Canal Futura foi criado em 1997, com a proposta de ser um projeto social de comunicação, educação, de interesse público, gerado e construído por parceiros da iniciativa privada e do terceiro setor. Entre os compromissos aos quais a emissora se propõe estão: estimular o espírito comunitário e empreendedor, o pluralismo, a ética e a sustentabilidade socioambiental. Princípios e valores que estão próximos aos das Instituições de Ensino Superior do país, conforme Jacinto afirmou em entrevista à autora. E foi assim que os profissionais do Canal perceberam o potencial em estabelecer parcerias com universidades, para a formação de uma rede de geração de conteúdo.

“Remonta ao início do projeto do Canal Futura, a opção pela produção de conteúdo em parceria com realizadores externos, estabelecendo uma metodologia para a ‘produção acompanhada’ desses conteúdos, em que equipes do canal, que tenham envolvimento direto com as produções em curso, possam acompanhá-las, trabalhando para viabilizar sua qualidade artística, técnica, jurídica e de conteúdo. Fomos buscar entre tantos parceiros, as emissoras de televisão das universidades ou até mesmo os laboratórios dos cursos de comunicação, uma produção colaborativa de conteúdos audiovisuais adequados ao uso em programação televisiva”. (JACINTO, 2015).

A TV UNISINOS, de São Leopoldo, foi a primeira a estabelecer parceria com o Canal Futura, em 2003. Atualmente, a rede conta com 38 universidades públicas, particulares,

comunitárias e confessionais, espalhadas no Centro-Oeste, Nordeste, Norte, Sul e Sudeste, com maior concentração nessas duas últimas regiões.

“O universo de Instituições de Ensino superior que trabalha com as premissas [...] inquebrantáveis do Futura nos interessam para estabelecer ações conjuntas, não apenas na produção de conteúdo audiovisual, mas em projetos mais abrangentes em iniciativas institucionais de extensão, como a aplicação de conteúdos como ferramentas auxiliares na sala de aula, principalmente nos cursos de pedagogia e licenciatura. Queremos buscar parcerias com Instituições comprometidas evidentemente com as questões sociais”. (JACINTO, 2015).

Parte das parceiras transmite a programação em sinal aberto, por operadora de cabo local ou ainda em circuito interno, incrementando com produções locais das próprias universidades. A aliança é uma estratégia para a expansão do sinal do Canal, de sua programação, além de ser uma maneira de reunir uma rede nacional de produção de conteúdo de instituições de ensino do país.

A produção em rede é entendida basicamente como a realização de conteúdos em que há algum tipo de envolvimento ou participação de pessoas que não sejam funcionários do canal e que possam influenciar editorialmente nas produções do Futura, com uma pluralidade de interlocutores [...] que participam ativamente dos projetos editoriais da casa. (ALEGRIA, 2014, p. 26).

De acordo com o entrevistado Jacinto, o Canal Futura encara a produção colaborativa como uma interação dialógica e negociada entre diferentes grupos e pessoas, organizada para atingir um objetivo em comum. *“A parceria com os canais universitários é extremamente valiosa no sentido de oxigenar e refletir sobre pautas, estruturas de texto, formatos, uma avaliação permanente e revisão das escolhas definidas”.* (JACINTO, 2015).

Cunha (2015), em entrevista à autora, reconheceu que a produção colaborativa faz parte do DNA do Canal, devido ao modelo de operação em rede. A identidade da emissora é construída por meio do conhecimento coletivo, com diversidade narrativa, pluralidade de pontos de vista e coautorias, para, assim, disponibilizar um material mais consistente e diversificado sobre os assuntos retratados. *“Receber conteúdos com diferentes pontos de vista é uma das estratégias que nos auxilia a oferecer ao público um leque de opções mais consistente e plural”*, afirma Cunha (2015). Outro ponto defendido por ele é o da parceria:

“No Futura, este conceito é determinante, afinal, não temos uma rede de afiliadas, e sim, fazemos parte de uma rede de parceiras. Isto é fundamental. Entender que a via é de mão dupla e que o interesse em manter o relacionamento firme é de ambas as partes. Costumo dizer que tão importante quanto exibir uma reportagem, documentário ou entrevista ao público é deixar claro como fazemos

isto e quem está por traz da informação. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido com as universidades parceiras é transformador”. (CUNHA, 2015).

Wexel (2015) afirmou em entrevista à autora que acredita que a experiência do trabalho em rede traz possibilidades de inovação e de construção de conhecimento para a comunicação social, com o foco na utilidade pública, já que as TVs universitárias também têm um propósito educativo, assim como o próprio Canal Futura. *“A ideia de se estabelecer uma parceria (...) está ligada à ideia de construção de conhecimento, de intercâmbio com a academia para aproximar das comunidades” (WEXEL, 2015).*

O conceito de produção colaborativa, para o Canal Futura, pode ser pensado ainda de modo semelhante aos conteúdos disponíveis na rede mundial de computadores, principalmente tendo-se em vista um processo diferenciado de produção. Segundo Barros (2007, p. 3), “[...] as práticas colaborativas estão relacionadas com o momento atual vivido pela internet, no qual as ferramentas de publicação de conteúdo são amplamente difundidas e são relativamente fáceis de serem manipuladas”.

Enquanto as tecnologias aplicadas à comunicação social sofriam intensas transformações, criando possibilidades novas de produção de conteúdo de forma colaborativa, as equipes do canal aprimoraram sua forma de trabalhar, conceituando e desenvolvendo processos que caracterizam uma solução específica e autoral de ‘produção colaborativa’ de conteúdos audiovisuais adequadas ao uso em programação televisiva. (ALEGRIA, 2012, p. 216).

Para concretizar o trabalho em rede, o Futura alia equipes em tempo permanente de interlocução sobre processos de produção. Um dos pontos defendidos pelo Canal está em aproveitar todo o tipo de material que esteja de acordo com os princípios editoriais da emissora e com a agenda educacional e social do país.

A emissora se apoia em um conjunto de indicadores de qualidade para o conteúdo produzido. Eles estão divididos em quatro eixos: a) qualidade jurídica (a obra audiovisual deve estar de acordo com a legislação vigente no país); b) qualidade de conteúdo (relacionada com os princípios éticos e cuidados com a correção e a atualidade das informações); c) qualidade técnica (preza pelos aspectos que envolvem técnica); e d) qualidade narrativa (busca por renovação de linguagem, inovação e articulação permanente entre conteúdo e forma).

Ou seja, um processo de produção para o qual concorreram diversos interlocutores (indivíduos ou instituições), de modo a configurar um resultado (conteúdo audiovisual) que reflita a convergência em direção a determinado consenso de produção de sentido, negociado com todos os envolvidos e tendo em vista os compromissos editoriais e responsabilidades – inclusive as obrigações legais – às

quais um canal de televisão está submetido pela legislação da radiodifusão em vigor no Brasil. (ALEGRIA, 2014, p. 30).

A maior parcela do conteúdo gerado pela produção em rede é exibida pelo Jornal Futura³, que é um dos programas mais tradicionais da grade da emissora. Em 2012, foram veiculadas 288 reportagens de parceiros; em 2013, foram 400 e, em 2014, até o mês de abril, foram 142 reportagens no total (informação verbal)⁴.

Desde 2011, as TVs universitárias parceiras fazem o envio de reportagens através da internet, onde podem depositar os arquivos digitais em um endereço de *File Transfer Protocol* (FTP), que, em português, significa *Protocolo de Transferência de Arquivos*, criado pelo canal e colocado à disposição da rede. O processo é visto pelo Canal Futura como eficiente e de baixo custo. “No princípio trouxe alguns problemas, até que a maior parte dos envolvidos se adaptassem aos procedimentos novos, mas o resultado final mostra que as mudanças foram importantes para melhorar e aumentar a participação.” (ALEGRIA, 2012, p. 69).

Figura 1 - Juliana Wexel, apresentadora, editora e produtora de Rede do Futura



Fonte: JORNAL... (2014).

Como forma de organizar o processo de envio do material para o Núcleo de Jornalismo e qualificar as reportagens, são realizadas, desde 2011, reuniões de pauta, semanalmente, entre a equipe da redação do Canal Futura e o representante de uma TV universitária. Para cada reunião, são convidadas três universidades para participação a distância. O contato é feito via telefone ou videoconferência, previamente agendado. Assim, é possível alinhar a pauta, definir fontes e a data de exibição.

³ “O Jornal Futura é uma revista eletrônica interativa, exibida de segunda à sexta, durante meia hora, que busca reportar projetos e ações voltados para questões sociais, que levem à reflexão sobre os problemas do nosso dia a dia e suas possíveis soluções”. (CANAL FUTURA, 2011).

⁴ Informação divulgada durante o 7º Encontro Nacional de Jornalismo em Rede do Canal Futura, realizado no dia 2/5/2014, no Rio de Janeiro.

[...] como se estivessem na própria redação de jornalismo do Canal Futura, os funcionários, alunos ou professores das universidades podem interagir com a equipe responsável pelo programa, fazer críticas, defender propostas de pauta e estabelecer correspondências entre as diferentes dimensões territoriais nas quais os grupos atuam: o âmbito nacional, da equipe do Futura, e o local, das equipes das universidades. As tensões geradas nesse relacionamento fazem com que o programa ganhe em diversidade de expressão regional e em pluralidade de pontos de vista. (ALEGRIA, 2012, p. 68).

O Núcleo de Jornalismo do Canal Futura faz contato com as TVs universitárias para realizar os agendamentos ou a própria TV universitária pode se candidatar e sugerir uma data de participação. Este tipo de organização permite que as parceiras assumam compromissos de entrega apenas de acordo com suas realidades. Ou seja, segundo Alegria (2014, p. 33), em uma jornada de produção colaborativa, “[...] cada um dos seus integrantes deve se responsabilizar pelas obrigações que melhor correspondam ao seu alcance institucional, evitando sobrecarregar estruturas enxutas”.

Fotografia 1 - Registro Reunião de Pauta – Redação TV UNISINOS



Fonte: Registrada pela autora.

Fotografia 2 - Registro Reunião de Pauta – Canal Futura



Fonte: Wexel (2015).

Durante as reuniões de pauta, são levantados pontos como: qual o problema da pauta? Quem são fontes envolvidas nessa produção? Quais soluções podem ser propostas? Qual linguagem narrativa será utilizada? Outras questões debatidas incluem a responsabilidade com as informações e a contextualização do tema. *“A gente procura propor o que a gente chama de abordagem ‘glocal’, né? Uma produção local, mas com olhar global, com um olhar temático”*. (WEXEL, 2015). Os temas mais recorrentes das reportagens englobam educação, sustentabilidade, juventude, direitos humanos, ecologia, inovação, empreendedorismo e economia.

Dificilmente, uma reportagem que não tenha passado pela reunião de pauta é exibida pelo Canal. De acordo com Wexel (2015), o motivo de evitar esse tipo de veiculação tem sido uma premissa para a equipe, *“[...] porque ela acaba sendo deslocada dessa proposta mais orgânica, de estar fazendo coletivamente, de uma maneira mais horizontalizada, respeitando a diversidade cultural, onde cada equipe está inserida”*.

Sendo assim, o debate prévio, realizado nas reuniões de pauta com a rede, é visto pelo Núcleo de Jornalismo como estratégico. Cunha (2015) afirma: *“Não posso permitir que qualquer conteúdo exibido pelas telas do Futura na TV ou internet viole algum estatuto ou crie ruídos, por exemplo, com a legislação brasileira”*. Como gestor do Núcleo de Jornalismo, Cunha procura acompanhar as reuniões de pauta e conferir todo o conteúdo que vai ao ar.

Segundo Wexel (2015), as reportagens produzidas pelas TVs universitárias, a partir da discussão de reunião de pauta, de uma maneira geral, tem uma avaliação positiva pela equipe de jornalismo do Canal Futura. Mas existe uma barreira colocada como desafio a ser enfrentado: a dificuldade de se romper com o modelo de produção comercial. Conforme Wexel (2015), as produções refletem essa prática, que geralmente é estimulada nos próprios Cursos de Jornalismo dentro das universidades de todo o país. *“A gente tem buscado cada vez mais sair desse modelo, tentar criar outros modelos, até mesmo no ritmo de narração, na construção de um texto, a gente fica com essa forma de produção que, muitas vezes, impede a criatividade”*. (WEXEL, 2015).

Uma parte complementar da reunião de pauta é o retorno por meio de *feedback*⁵, via e-mail ou por telefone. Segundo Wexel (2015), oferecer qualquer tipo de avaliação faz com que as equipes das TVs universitárias possam crescer sobre conteúdos locais e conteúdos recorrentes, que, muitas vezes, são factualizados por uma absorção de um modelo de TV comercial.

Outro desafio imposto ao trabalho em rede, para o Canal Futura, está na dificuldade de construir um diálogo permanente com as parceiras, já que as equipes das TVs universitárias

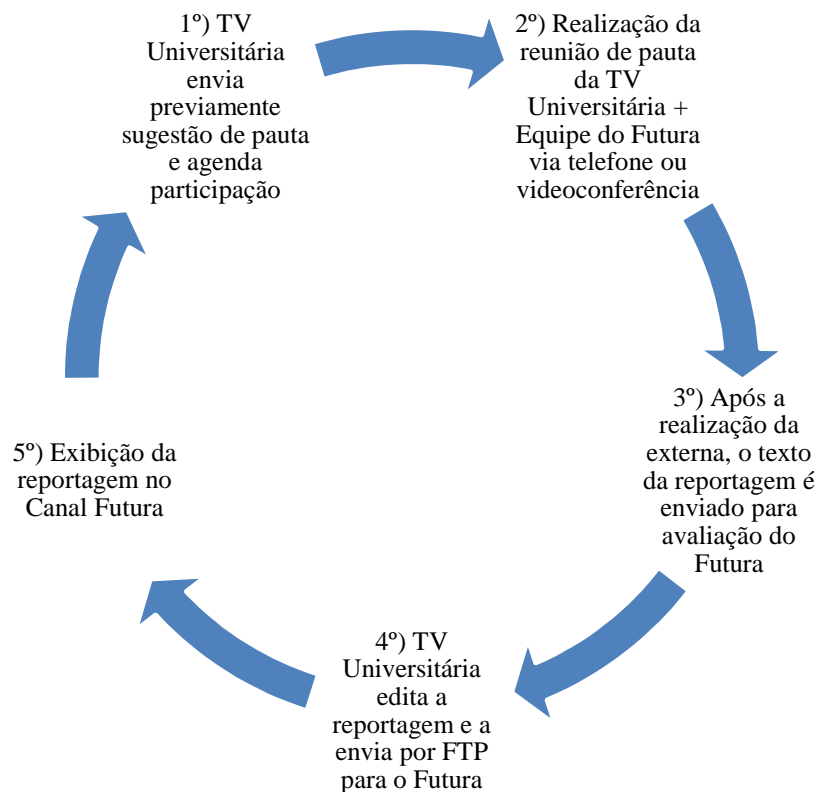
⁵ Palavra inglesa que significa realimentar ou dar resposta a um determinado pedido ou acontecimento.

mudam com frequência, existe uma alta rotatividade de profissionais, e cada uma dessas emissoras têm diferentes formas de funcionamento, de estrutura técnica e de estrutura humana. *“O desafio é constante, pois a realidade de cada fornecedor é distinta, mas o estímulo pela inovação caminha na mesma velocidade, uma vez que o olhar diferenciado sobre um assunto em comum traz a possibilidade de qualificação da abordagem narrativa”*. (CUNHA, 2015).

“Como as equipes são muito fluídas, são muito dinâmicas e muito sazonais nas universidades, acaba que outro desafio é nós conseguirmos alcançar avanços nessas produções, já que com a rotatividade os profissionais vão mudando das universidades e a gente tem que começar do zero com aquele repórter, aquele produtor que chega e ainda precisa entender um pouco o tipo de jornalismo que nós temos buscado, que trabalha de um ponto de vista mais educativo. Então, esse é o trabalho mais desafiador, começar do zero com uma TV universitária que tem contribuindo, que tem uma ciranda bacana com a gente. Muitas vezes, aquele profissional segue seu caminho de formação, de evolução profissional e a gente precisa começar tudo de novo”. (WEXEL, 2015).

A dinâmica de trabalho do Núcleo de Jornalismo do Futura com as universidades parceiras pode ser entendida da seguinte maneira:

Figura 2 - Esquema de Trabalho Futura e Parceiras



Fonte: Elaborada pela autora.

A emissora não paga pela utilização do conteúdo e as TVs universitárias parceiras não são obrigadas a enviar conteúdo. Mas se assim o fizerem, devem ser submetidos à avaliação da equipe do Canal Futura. Mesmo assim, a emissora trabalha para que haja democratização do polo emissor. Isto é, as relações de poder dentro da rede são reguladas como forma de garantir que as relações interpontos sejam igualitárias. Caso ocorra um desvio nesse processo, a proposta de *muitos-para-muitos* pode ficar prejudicada.

“O Canal Futura é um projeto de comunicação, que busca com essas parcerias, de uma maneira horizontal produzir junto e fazer com que a nossa programação seja conteúdo de desenvolvimento, de melhora, de transformação da vida das pessoas que estão acompanhando a nossa programação. Então, esse também é um desafio de colocar esse entendimento numa linha horizontal e não hierarquizada”. (WEXEL, 2015).

Conforme Cunha (2015), o Canal Futura não tem interesse em funcionar como uma espécie de cabeça de rede e, sim, mediador de conteúdos.

“Por causa da alta rotatividade de profissionais na rede, fica mais difícil exibir uma matéria que não tenha passado pela reunião de pauta. Pode ser que funcione. Mas pode ser que não. O Futura não tem a atribuição de regular nenhuma relação de poder na rede. O papel do Futura é promover diálogos em função da produção audiovisual. Debates acontecem e continuarão acontecendo”. (CUNHA, 2015).

Como forma de se aproximar das universidades parceiras, o Canal Futura procura promover momentos de interação, reunindo, no Rio de Janeiro, Reitores, Pró-Reitores, Vice-Reitores e Diretores de TV. A intenção é unir projetos às metas de educação do país apontadas pelos Reitores, e promover debates que incentivem o desenvolvimento das TVs Educativas e a divulgação do conhecimento.

Fotografia 3 - Registro de Encontro de Reitores – Futura



Fonte: Cedida pelo Canal Futura (2015).

O Canal Futura realiza, ainda, encontros de formação permanente dos profissionais das TVs universitárias parceiras, por meio dos Encontros Nacionais de Jornalismo em Rede, todos os anos. Dessa maneira, é possível aproximar profissionais de alunos e professores para debater pontos estratégicos, para o aprimoramento da relação entre a emissora e as universidades e para a atualização sobre as novas tendências audiovisuais.

“É para que haja essa interatividade permanente entre o Canal Futura, a sua produção de conteúdo, e a preocupação em promover os espaços regionais, os sotaques brasileiros, entendemos que o diálogo aberto com a produção coletiva fortalece nossos esforços de renovação do Núcleo de Jornalismo aprimorando cada vez mais as práticas de produção em rede”. (ACÁCIO, 2015).

Fotografia 4 - Registro de Encontro de Jornalismo em Rede - Futura



Fonte: Cedida pelo Canal Futura (2013).

Outra iniciativa do Canal Futura é a de promover oficinas de laboratório de construção de pauta dentro das próprias sedes das TVs universitárias parceiras. Integrantes do Jornalismo fazem uma visita a uma parceira, com o objetivo de discutir as produções realizadas, rever processos e planejar novos conteúdos. *“A gente procura visitar as TVs universitárias pra ajudar nesse desafio do entendimento de como a gente pode produzir junto”.* (WEXEL, 2015).

Fotografia 5 - Registro de laboratório de construção de pauta - Futura



Fonte: Registrada por Pereira (2012).

Dessa maneira, as equipes das TVs universitárias, na sua totalidade, têm a possibilidade de entrar em contato direto com profissionais do Canal Futura. A experiência não fica restrita somente a quem participa dos encontros anuais, no Rio de Janeiro. A partir desse contato, os profissionais do Canal Futura ainda têm a chance de conhecer a real estrutura das parceiras.

3.2 A Construção da Rede Prosa

Em julho de 2011, durante os intervalos do 4º Encontro em Rede do Canal Futura, no Rio de Janeiro, representantes de algumas TVs universitárias gaúchas passaram a pensar na possibilidade da troca de experiência e conteúdo apenas entre elas. Em julho de 2012, durante o 5º Encontro em Rede do Canal Futura, a conversa foi retomada e seguiu adiante. A ideia seria de seguir a proposta do Canal Futura, mas com especificidades próprias.

Um dos objetivos principais desse grupo esteve, então, na criação de uma rede colaborativa que oferecesse subsídios para driblar dificuldades que fazem parte da realidade das TVs universitárias. Estas, por sua vez, enfrentam grandes esforços diários para colocar uma programação com conteúdo de qualidade no ar, visto que são, na sua maioria, compostas por equipes reduzidas, profissionais jovens em processo de formação, equipamentos e estruturas nem sempre ideais. Outro ponto estaria em ampliar a discussão sobre a narrativa das reportagens, além de expandir o alcance do material produzido e do

pluralismo cultural da programação de cada emissora. Por meio desse intercâmbio de conhecimento, segundo os participantes, se daria a construção conjunta de ganhos qualitativos por todos os lados.

Assim, iniciou-se a troca de e-mails entre os membros de sete TVs de universidades do Rio Grande do Sul interessadas na criação dessa rede colaborativa: TV UNISINOS, TV UNIVATES, UCS TV, UNISC TV, TV UNIFRA, UPF TV e TV UCPel, para a combinação de um encontro presencial, com o intuito de conhecer melhor a história, a programação e a estrutura das TVs de cada instituição, e de discutir a possibilidade de desenvolvimento conjunto na produção de conteúdo. Após, outras instituições aderiram à Rede: TV FEEVALE, UNICRUZ TV, UNIJUÍ, UNILASALLE e o IPA. Apesar dessas três últimas não terem canal próprio, elas decidiram mesmo assim participar da iniciativa.

A primeira coleta de informações realizada pela autora junto aos representantes da Rede Prosa fornece uma ideia de como eles encaram a produção colaborativa em Rede:

“Acho que estamos dando um importante passo na construção de uma comunicação coletiva e horizontal, mostrando que não há um aspecto ou região mais importante que a outra, mas que justamente por sermos diferentes, temos focos de atenção diferentes e que é nesse contexto que as riquezas se sobressaem”. (ANTUNES, 2014).

“[...] é evidente que quanto mais cabeças pensando na mesma direção, mais aproveitamento e crescimento alcançaremos. Lançada uma temática para a produção de um VT em rede, cada instituição de ensino tem autonomia para trabalhá-la e, dessa diversidade de olhares e formas de produzir - seja em termos de conteúdo, enquadramento, etc - uma universidade aprenderá com outras novas linguagens audiovisuais e até mesmo de gestão de pessoal. Por que não?”. (CORREA, 2014).

“Essa troca de reportagens que está se desenvolvendo através da Rede será de grande importância para todas as TVs, uma vez que, além de colaborar e dar um ‘fôlego’ em nossa produção diária de matérias é uma oportunidade de nossos repórteres divulgarem seus trabalhos e levar um pouco de cada município e universidade para diferentes telespectadores”. (BALARDIN, 2014).

“Uma chance de conhecer realidades de produção e de linguagens diferenciadas levando em conta realidades comuns”. (KRAEMER, 2014).

“[...] é uma forma de ampliarmos a divulgação de nosso trabalho e também oferece ao telespectador de nossa rede uma amostra do mosaico cultural de nosso Estado”. (DORNELES, 2014).

“[...] isto está em nosso processo natural de realização das coisas, tanto comunitariamente como profissionalmente. Os desafios são maiores, pois temos de não só discutir, mas aceitar as diferenças e estabelecer um processo permanente de crítica e evolução”. (KIRST, 2014).

“Tem sido um aprendizado. [...] A tendência é que seja cada vez melhor”. (RIZZOTTO, 2014).

“Muito mais do que uma troca de produções, a Rede Prosa possibilita a troca de conhecimento e de experiências. Além disso, ela beneficia nossas emissoras, nossas universidades e nossos telespectadores”. (SPOHR, 2014).

“A produção em rede está no DNA da Televisão desde a sua criação. E isso não seria diferente numa televisão universitária. A produção de conteúdo para a televisão é algo complexo, que exige muitos recursos técnicos e financeiros, o que torna quase impossível uma produção 24h inédita. É nesse sentido que a colaboração se torna fundamental, porque possibilita a ampliação não só do conteúdo, mas no caso das TVs universitárias, permite a colaboração e troca de experiências tecno-educacionais, que vem sendo desenvolvidas por cada uma das parceiras da Rede. (PEDROSO, 2014).

“A equipe da UNICRUZ TV encara de forma muito positiva e desafiadora. Conversamos sobre as possibilidades de abordagem da pauta no grupo que é formado por três jornalistas. Muito embora, só um fique com a responsabilidade de executar a pauta, tudo que diz respeito a ela é decidido no grupo. Acreditamos de forma efetiva que está integração deva ser preservada e ampliada para um melhor resultado trabalho”. (DAL-SOTO, 2014).

Apesar de ser uma Rede que surgiu entre TVs universitárias gaúchas parceiras da rede mantida pelo Canal Futura, a Prosa tratou de não estabelecer esse como elo do grupo. O primeiro passo, logo no primeiro encontro na sede da TV UNIVATES, em nove de novembro de 2012, foi definir que o critério de ligação seria pelo COMUNG. Assim, todas as universidades conveniadas ao Consórcio estariam aptas a participar.

Questões de embates e disputas de poder entre as universidades foram deixadas de lado desde o início de criação da Rede Prosa. Conforme Dorneles (2015), a capacidade de unir universidades representa um grande passo: *“[...] as universidades tem uma visão empresarial da educação e, portanto, passar na grade da TV FEEVALE uma reportagem da UNISINOS e vice-versa, sem que aconteça uma ‘poda’ interna, só com o advento da Prosa”.* Giacomini (2015) comenta que sua percepção em relação à Rede Prosa é de que não existe concorrência, mas um espírito colaborativo. Segundo ele, *“[...] todos querem fazer melhor não para que a ‘sua’ reportagem seja a melhor de todas, mas para que toda a série seja a melhor possível. Acho que esse sentimento é comum entre as equipes”.* Kirst (2015) acrescenta que a construção é conjunta e nada impositiva:

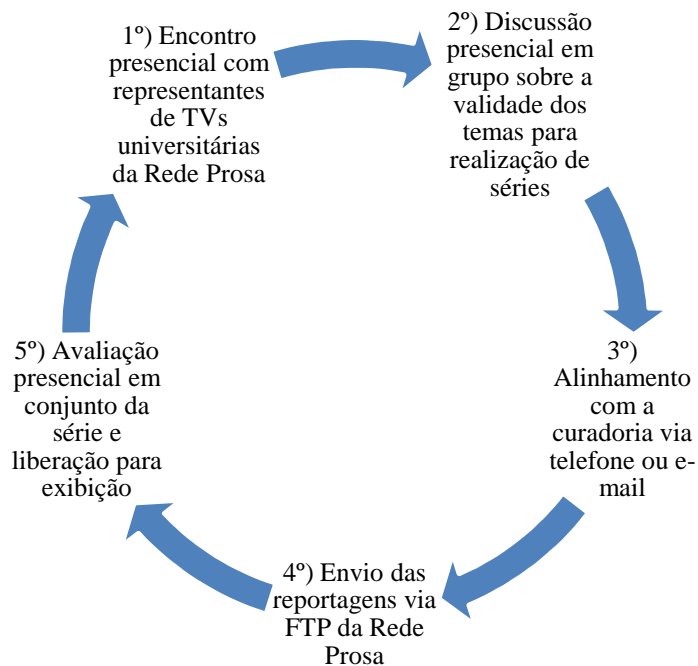
“Estamos sim trocando conteúdos, mas estamos pensando coletivamente, sem interferir no perfil e na ação individual de cada membro da Rede Prosa. Isto nos possibilitara novas posturas e ainda maior crescimento e realizações individuais, mas também do coletivo”.

De acordo com Antunes (2015), desde o início, o grupo propôs três metas que deveriam ser executadas. São elas: 1) produzir séries em conjuntos com as televisões que integram o COMUNG; 2) destacar as semelhanças e diferenças que compõem o estado do Rio Grande do Sul; 3) realizar uma troca de experiências entre os profissionais que integram as TVs parceiras. *“Esses três objetivos visam criar uma identidade para a Rede e nos fixarmos em nível nacional, como sendo uma rede específica do Sul”.* (ANTUNES, 2015). Além disso, o grupo definiu que seriam realizados, com frequência, encontros presenciais entre as equipes e que cada universidade, em uma espécie de rodízio, seria responsável em receber os colegas.

Para estabelecer o trabalho em conjunto de maneira concreta, as equipes definiram, no segundo encontro, realizado em nove de maio de 2013 na UCS, o início da realização de séries temáticas para serem exibidas livremente em programas das grades das TVs universitárias. E já que uma das premissas do grupo envolve produzir um material com identidade e ligação com o Rio Grande do Sul, o primeiro tema abordado centrou-se na variação linguística. Cada equipe teve possibilidade de explorar e incluir nas reportagens pesquisas das próprias universidades que fossem voltadas ao tema. Como forma de avaliar a qualidade das reportagens produzidas pelas TVs universitárias, o grupo decidiu que, a cada encontro, seria entregue uma série de reportagens e essas, por sua vez, seriam avaliadas em conjunto.

Como as TVs parceiras da Rede possuem realidades distintas, o modo de produzir de cada redação reflete na uniformidade para as séries da Prosa. Como tentativa de minimizar esse problema, a partir do 5º encontro da Rede Prosa, foi estabelecida uma curadoria de conteúdo. Adriana Antunes, Diretora de Programação UCS TV, de Caxias do Sul, se propôs a assumir a função. O objetivo foi trazer um alinhamento de linguagem e formato para a série. O trabalho da Rede Prosa passou a ser organizado da seguinte maneira:

Figura 3 - Esquema de trabalho Rede Prosa



Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo Antunes (2015) afirmou em entrevista à autora, há redações que conseguem realizar um trabalho mais apurado em relação a outras que estão ainda no processo inicial de compreender a Rede. Entre a realização de um encontro e outro, as equipes têm cerca de dois meses para produzir, captar e editar a reportagem que fará parte da série da Rede Prosa. Neste período, os representantes das TVs universitárias têm liberdade para contatar a curadora. São discutidas abordagens, problematização, escolha de fontes e estrutura da narrativa. A curadora também se disponibiliza a revisar o texto antes de ser encaminhado para a edição de imagens.

“A ideia foi ótima [...] e o problema agora é a distância. Acertar a narrativa, a busca pela fonte, selecionar o que realmente vale a pena da fonte, passar texto, controlar o tempo de cada reportagem e outras ações próprias do fazer ficam prejudicadas pela falta de contato presencial. Mas, apesar disso, chegamos a um ponto que não podemos voltar atrás, pois mesmo que de forma muito empírica ainda, conseguimos evoluir nesse processo”. (ANTUNES, 2015).

Desde o início da Rede Prosa foi criado o endereço de FTP próprio para compartilhamento com base na TV UNIVATES, destinado para a troca dos materiais produzidos pela Rede. Esse ponto facilitou para as TVs universitárias acessem facilmente as reportagens.

Com mais de dois anos de trabalho, os integrantes das TVs universitárias que compõem a Rede Prosa avaliam a experiência de maneira positiva:

“Esse compartilhamento é importantíssimo para a produção televisiva. Quantas equipes de televisão têm a oportunidade de se reunir com outras equipes para compartilhar suas alegrias e suas tristezas? Alegria e tristeza, a primeira vista, podem parecer palavras pouco "profissionais". Mas as equipes de profissionais são formadas por pessoas e, assim sendo, as emoções também precisam ser compartilhadas. Não ficamos somente nisso, é claro. Compartilhamos também aspectos da técnica de produção - no que se refere às equipes de jornalismo, especialmente o que está relacionado à produção de reportagem. Então, resumindo, integrar e compartilhar foram dois verbos que conjugamos muito bem nesses dois anos de Rede Prosa”. (GIACOMINI, 2015).

A possibilidade de trocas e discussões sobre os conteúdos é considerada como um dos pontos fortes da Rede. Para Kraemer (2015), as reuniões “[...] têm conseguido se mostrar produtivas na medida em que efetivamente permitem discussões sobre a seleção (pauta), os procedimentos para execução da proposta, e ainda a narração audiovisual”. Dal-Soto (2015) afirma que ao entrar em contato com produções das equipes que integram a Rede, foi possível se desafiar a sair de um formato engessado e melhorar. “O grupo também se sentiu mais animado e desafiado a buscar. Nos encontros as trocas de experiências é muito produtiva e também vem nos ajudando na nossa rotina diária”. (DAL-SOTO, 2015).

Segundo Quintana (2015), a Prosa trouxe novas referências e responsabilidade na busca pelo aprimoramento. “Mostrar o que é feito pela instituição, como funciona tal temática na região e, principalmente, tentar se superar e qualificar o que é produzido em cada material. A cada encontro, novas observações e novas concepções”. (QUINTANA, 2015). Pedroso (2015) complementa que “[...] a avaliação dos produtos gerados é boa e sinaliza uma grande potencialidade”. Para Rizzotto (2015), o crescimento das séries de reportagens é evidente: “É perceptível o amadurecimento das equipes, não só nos quesitos técnicos como captação de imagens e edição, mas principalmente no direcionamento das reportagens”. De acordo com Giacomini (2015), “[...] a experiência da Rede Prosa poderá se constituir numa referência futura em termos de trabalho colaborativo. E acho que essa referência irá extrapolar o âmbito das próprias universidades do COMUNG”.

Entretanto, o grupo reconhece que é preciso avançar mais. “O fato é que precisamos evoluir, e talvez uma forma de compreendermos para onde queremos ir e como faremos isso é documentando o que está sendo feito”. (ANTUNES, 2015).

“O fazer jornalístico das séries nos fez refletir sobre o próprio ofício da reportagem. Ao ver as soluções para as temáticas (comuns para todos os

membros da rede), a forma de construção das reportagens, nos proporcionou uma visão mais ampla sobre o fazer jornalístico. O velho roteiro, cabeça, off, sonora, passagem, off, sonora, ainda predomina. Ver pequenos avanços em que se quebre esta fórmula dura e ao mesmo tempo se fazer entender de forma rica em conteúdo tornando atrativa a reportagem. Eu creio que este seja o futuro do jornalismo, ou seja, mais humano, dinâmico e próximo da comunidade”. (DORNELES, 2015).

“Acredito que, como TVs universitárias e, portanto, tendo mais liberdade de criar e de experimentar, possamos ousar mais no formato de nossas reportagens. O conteúdo, em geral, está muito bom. Sinto que devemos discutir e propor mais ousadia para o formato das reportagens”. (GIACOMINI, 2015).

Para os integrantes das TVs universitárias parceiras da Rede Prosa é preciso avançar ainda em outros aspectos. Spohr (2015) acredita que o crescimento da Rede não pode estar centrado apenas na troca de conteúdo entre as universidades: *“Vejo que somente a troca de conteúdo através das séries, acaba por reduzir as possibilidades de um amadurecimento e expansão da rede”*. Segundo Antunes (2015), o próximo passo que deve ser dado está em *“[...] conseguir fixar a Rede como um produto comercializável, ou seja, que possamos criar um programa único englobando todas as TVs e torná-lo rentável para todas”*. Para Pedroso (2015), a Rede Prosa deve amadurecer um modelo de negócios: *“[...] tem que ter capacidade de exercer influência política para que consiga verba de produção, para melhorar a questão da visibilidade das TVs universitárias”*.

3.2.1 Encontros da Rede Prosa

Como parte da pesquisa, foi realizada observação participante durante todos os encontros promovidos pela Rede Prosa (dez encontros no total). O objetivo foi acompanhar o processo de concepção da Rede, as trocas de experiência e os debates, como forma de escavar ideias, premissas e motivações mais profundas relacionadas à participação na Rede. Os participantes dos encontros eram avisados sempre ao início de cada evento sobre a realização da pesquisa e a coleta de informações. A seguir, é possível acompanhar as descrições desses momentos e o processo de construção da Rede Prosa.

3.2.1.1 Primeiro Encontro da Rede Prosa

No dia nove de novembro de 2012 foi promovido o primeiro encontro, intitulado *Encontro de TVs Universitárias Gaúchas*, na sede da TV UNIVATES, em Lajeado, das 9h às 16h30. Além de representantes da TV UNIVATES, marcaram presença integrantes da TV

UNISINOS, UCS TV, UNISC TV, TV UNIFRA e TV UCPel. A UPF TV não compareceu ao evento pelo fato de que a emissora estaria passando por um momento de reestruturação.

Figura 4 - Programação 1º Encontro Rede Prosa



Fonte: UNIVATES (2012).

Na primeira parte do evento, esteve na pauta a discussão sobre os critérios de acesso à Rede: benefícios e compromissos; identidade da rede; formatos dos conteúdos telejornalísticos; gestão e coordenação da rede. A segunda parte ficou reservada para os relatos das produções e estruturas de cada TV universitária, e a possibilidade de comprometimento de cada uma com a Rede. Ao final do encontro, foram discutidos o local e a data para o encontro seguinte, as primeiras trocas de material, a possível criação de um programa em comum e os critérios de acesso para novos componentes da Rede. O critério definido foi o de que qualquer TV universitária ligada ao COMUNG, poderia participar.

Fotografia 6 - Encontro Rede Prosa na UNIVATES



Fonte: Registrada e cedida pelo Setor de Marketing da UNIVATES (2012).

Como o primeiro encontro aconteceu em uma época de fim de ano, os representantes das TVs universitárias acordaram que seria difícil qualquer início de movimento para com a Rede naquele período, devido às férias. Mesmo assim, as emissoras mantiveram contato via e-mail. Nesse meio tempo, aconteceram trocas esporádicas de reportagens e foram feitos convites às demais reitorias das universidades que integram o COMUNG.

3.2.1.2 Segundo Encontro da Rede Prosa

O 2º encontro foi promovido no dia nove de maio de 2013, no campus da UCS em Caxias do Sul, das 9h30 às 17h30. Neste momento, foi intitulado como *2º Encontro da Rede Gaúcha de Cooperação entre TVs Universitárias de universidades ligadas ao COMUNG*. Além dos representantes da UCS TV, marcaram presença a TV UNIVATES, TV UNISINOS, UNISC TV, TV UNIFRA e TV UCPel. E mais duas universidades se uniram à Rede: TV FEEVALE e o IPA, que, apesar de não possuir uma TV própria, manifestou interesse em compartilhar o conteúdo produzido pelos estudantes universitários. A UPF TV mais uma vez não compareceu ao evento por alegar dificuldades em função da reestruturação pela qual passa a emissora.

Fotografia 7 - Encontro Rede Prosa na UCS



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Desse encontro, saíram as seguintes definições: A primeira ação executada pela rede teria inicialmente uma proposta menor, ou seja, a criação de um programa ficaria para outro momento. Logo, as TVs acordaram em realizar uma série de reportagens, com a finalidade de preencher um programa (a critério de cada emissora) ou a grade de intervalos de seus respectivos canais. Sendo assim, cada emissora teve a tarefa de fechar um VT com tempo de cerca de 2 minutos e 30 segundos de duração, sobre a temática da variação linguística característica de cada região. As emissoras poderiam fazer uso de pesquisas das Instituições de Ensino Superior pertencentes com o viés comunitário e enviar o material até a primeira semana do mês de junho.

Durante o encontro, os participantes sugeriram possíveis nomes para a Rede e ficaram entre duas opções: Rede TEAR ou Rede Prosa. A TV UNIVATES ficou responsável em fazer a verificação das possibilidades jurídicas destes nomes e outras possibilidades de nomes poderiam ser encaminhadas até o dia 15 de maio de 2013.

A TV UNIVATES também ficou responsável em fornecer o endereço de FTP, para o armazenamento dos materiais da primeira série. E, como encaminhamento, ficou a cargo da equipe de videografismo da TV UNIVATES a criação do logotipo e de uma vinheta de 7

segundos para a identificação da Rede. A data do encaminhamento da arte para aprovação das TVs parceiras ficou para o dia 3 de junho de 2013.

3.2.1.3 Terceiro Encontro da Rede Prosa

O 3º encontro já intitulado como *3º Encontro da Rede Prosa* foi promovido na sede da TV UNISINOS, no campus da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo, no dia 20 de junho de 2013, das 9h30 às 16h30. Além dos representantes da TV UNISINOS, marcaram presença a UCS TV, TV UNIVATES, TV UNIFRA e TV FEEVALE e o IPA. A TV UCPel e UNISC TV não puderam comparecer por questões de agenda. E a UPF TV também não pode comparecer.

Figura 5 - Programação 3º Encontro Rede Prosa



Fonte: UNISINOS (2013).

Na parte da manhã, os participantes conferiram a exibição das cinco reportagens sobre variação linguística, produzidas pela TV UNISINOS, TV FEEVALE, UCS TV, TV UNIVATES e TV UNIFRA. Na sequência, cada representante teve a possibilidade de relatar como foi a produção da reportagem, a decisão de abordagem e as dificuldades ou não para a realização. A TV UCPel enviou a reportagem apenas no dia do encontro e, por isso, não

tivemos condições de exibi-la para o grande grupo. A UNISC TV enviou a reportagem após o encontro. O IPA e a TV UPF alegaram que não seria possível produzir a reportagem por conta de outras demandas e, por isso, não enviaram o material.

Quadro 1 - Série sobre Variação Linguística



Fonte: Elaborado pela autora com base em trechos de reportagens.

A veiculação das reportagens nas emissoras ficou definida para o mês de julho e elas têm liberdade em utilizar o material, que pode ser durante o telejornal de cada veículo ou como interprogramas nos intervalos da programação, sempre com a vinheta e o logotipo na composição. Não será possível compor um programa especial com todas as reportagens, porque esse é um objetivo a longo prazo da Rede, ou seja, assim que houver material considerado “suficiente”, será possível criar um programa da Rede Prosa e, também, será oferecido para o Canal Futura. A próxima troca da Rede será uma série que pretende destacar escritores locais e a influência da sua obra na comunidade e o prazo de entrega ficou definido para o dia oito de agosto.

Fotografia 8 - Encontro Rede Prosa na UNISINOS



Fonte: Registrada e cedida pelo Setor de Marketing da UNISINOS (2013).

Na segunda parte do encontro, a pauta envolveu a definição das artes do logotipo e da vinheta da Rede Prosa (aprovada por todos), além da discussão do procedimento das questões jurídicas que envolvem a marca. Ficou definido que o assunto será levado ao Prof. Ney José Lazzari, Presidente do COMUNG, em que será discutida a possibilidade de registro da marca.

Como encaminhamento para o próximo encontro, que será realizado na sede da TV FEEVALE, em Novo Hamburgo, em 29 de agosto, está a discussão da criação de uma página nas Redes Sociais como forma de criar um canal de diálogo e visibilidade para a Rede. E, também, o compromisso em contatar de maneira direta as demais universidades que fazem parte do COMUNG, já que os convites haviam apenas sido enviados para as reitorias de cada universidade. Para os participantes, o 3º Encontro reforçou a percepção de que existe de fato uma rede e que ela pode ser produtiva para todas as TVs universitárias.

3.2.1.4 Quarto Encontro da Rede Prosa

O 4º Encontro da Rede Prosa foi promovido no campus da FEEVALE, em Novo Hamburgo, no dia 12 de setembro de 2013, das 9h às 16h30 (dias depois do que havia sido combinado no encontro anterior). Além dos representantes da TV FEEVALE, marcaram presença a TV UNISINOS, UCS TV, TV UNIVATES, TV UNIFRA, UPF TV, TV UCPel, UNISC e a mais nova integrante, TV UNICRUZ. O IPA não pode comparecer por questões de agenda. Neste encontro, o Canal Futura esteve representado pelo jornalista Henrique Fonseca, integrante do setor de Relacionamento com as Universidades, com o intuito de conhecer melhor a Rede Prosa. O Canal Futura tem interesse na utilização das séries produzidas pela Rede Prosa.

Figura 6 - Programação 4º Encontro Rede Prosa



Fonte: FEEVALE (2013).

O encontro começou com discussões referentes à marca da Rede Prosa, que foi registrada por intermédio do COMUNG para televisão, entretenimento e universidades. Também foi comunicado que o COMUNG tem interesse em patrocinar a vinda de convidados para participarem dos encontros da Rede Prosa, como forma de qualificar as discussões

propostas. Entre as opções de nomes levantados estiveram: Marcelo Canelas, Ana Melo (Futura), Flávio Porcello, Ginga, Jorge Furtado, Luís Nachbin, Fernando Gabeira e Cláudio Lorini. Os convites serão encaminhados primeiramente para Jorge Furtado, em segunda opção Luís Nachbin ou, então, um representante do Canal Futura.

Antes de assistir a segunda série produzida, os participantes relataram como foi a experiência de exibição da primeira série, que tratou sobre variação linguística. Todos os depoimentos se voltaram para a validade do conteúdo agregado. A TV UNISINOS utilizou o conteúdo em programa diário, assim como a TV FEEVALE e a TV UNIVATES, que fizeram uso da série em dias corridos, no telejornal de cada emissora. A TV UNIFRA, UNISC TV e TV UCPel exibiram em seus respectivos telejornais, que vão ao ar em dia específicos da semana. E a UCS TV reservou o conteúdo para os intervalos da programação.

Fotografia 9 - Encontro Rede Prosa na FEEVALE



Fonte: Registrada e cedida pela FEEVALE (2013).

Em seguida, houve a exibição da segunda série com sete reportagens produzidas em conjunto. A produção teve como objetivo destacar escritores locais e a influência da sua obra na comunidade. A primeira reportagem a ser exibida foi da UNISC TV, seguida pela UPF TV, TV FEEVALE, UCS TV, TV UNISINOS, TV UCPel e, por fim, TV UNIVATES.

Quadro 2 - Série sobre Escritores Locais



Fonte: Elaborado pela autora com base em trechos de reportagens.

Após a exibição, foi aberto espaço para avaliação do grupo, que verificou a necessidade de padronização dos geradores de caracteres⁶, para que a identidade fique ainda mais reforçada. Entre as provocações, esteve a necessidade de experimentar mais; a sugestão de que o personagem seja o protagonista da história, e ter cuidado com as imagens, no que diz

⁶ Gerador de caracteres é usado para identificar quem aparece na tela, para reforçar uma informação do *off* ou da imagem.

sentido à direção e plasticidade. Foi, ainda, sugerido ao grupo sempre encaminhar junto ao VT no FTP, as sugestões de cabeças.

Na sequência, o grupo se dedicou a discutir o tema da próxima série. A sugestão que agradou foi a de construir diferentes olhares sobre um dos símbolos da cultura gaúcha, o chimarrão. Entre as ideias de abordagem, estiveram: a questão medicinal (estudos que provavelmente ocorram dentro das universidades); folclore e lendas em torno do chimarrão; como ele ajuda a contar a história do Rio Grande do Sul; como prepará-lo, como é a preparação industrial ou artesanal da erva; como ele influencia a gastronomia e a relação do chimarrão/matear com o tempo. A entrega ficou agendada para o dia 24 de outubro de 2013.

Para o grupo, foi proposto assinar um termo de adesão, como forma de oficializar o compromisso firmado entre as emissoras universitárias e garantir que todas possam utilizar os conteúdos produzidos. O termo será encaminhado para cada TV, para ser assinado pelos gestores dos canais e o documento deverá ser entregue no 5º encontro.

Figura 7 - Termo de Compromisso



rede **prosa**

Termo de compromisso

Rede PROSA – Rede de cooperação entre os canais universitários ligados ao COMUNG

A TV que pertence a Universidade
 integrante do COMUNG - Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas e sob a responsabilidade do Sr. (a)

 cargo (diretor/coordenador) se compromete a participar das trocas de conteúdos compartilhando os materiais com as instituições que fazem parte da REDE PROSA e também dos encontros periódicos do grupo.

Nome do responsável:
 RG:

Assinatura

Fonte: COMUNG (2013).

Como encaminhamentos para o grupo, estiveram os seguintes pontos:

- a) será criada uma peça gráfica pela equipe da TV UNIVATES com aproximadamente 15 segundos para explicar a questão conceitual da Rede Prosa. O conteúdo poderá ser usado nos intervalos da programação de cada emissora;
- b) será criada também uma peça gráfica para assinatura nos VTs para identificar a TV que produziu a matéria (*exemplo: esta matéria foi produzida pela UCS TV, uma das integrantes da Rede Prosa, a rede de cooperação entre as TVs universitárias ligadas ao COMUNG*). O material será usado para assinar as séries produzidas pela Rede;
- c) a TV UNIVATES irá coletar as informações das abrangências das TVs universitárias que fazem parte da Rede Prosa e fará uma peça gráfica com estas informações. Posteriormente será encaminhada para os componentes da Rede.
- d) será formada uma comissão para ir até a TVE e conversar sobre a Rede Prosa. Entre os encaminhamentos, a possibilidade de uma parceria futura para novas apoiadores culturais;
- e) redes sociais: um canal do *YouTube* será criado e gerenciado pela UNISC TV. A página da Rede Prosa no *Facebook* será criada e gerenciado pela TV UNISINOS. Os materiais serão apresentados no 5º encontro.

O 5º e último encontro do ano ficou agendado para o dia cinco de dezembro de 2013, na sede da UPF TV, de Passo Fundo. E já que haverá um espaço considerável de tempo até o próximo encontro, o grupo chegou ao consenso de agendar não só a terceira, como, também, a quarta série da Rede Prosa. O tema definido foi o voluntariado, em que cada TV Universitária poderá trazer diferentes experiências de cada região voltadas para o assunto. Esta entrega será no dia 21 de novembro de 2013.

3.2.1.5 Quinto Encontro da Rede Prosa

O 5º Encontro da Rede Prosa foi promovido na sede da UPF TV, de Passo Fundo, no dia cinco de dezembro de 2013, das 9h às 16h30. Além dos representantes da UPF TV, marcaram presença a TV FEEVALE, TV UNISINOS, UCS TV, TV UNIVATES, TV UNIFRA, TV UCPel, UNISC TV, TV UNICRUZ. O IPA não pode comparecer novamente por questões de agenda. Neste encontro, o Canal Futura esteve representado mais uma vez

pelo jornalista Henrique Fonseca, integrante do setor de Relacionamento com as Universidades. E o encontro contou com José Brito Cunha, Coordenador de Jornalismo do Canal Futura, convidado para falar aos participantes sobre experiências de narrativas.

Figura 8 - Programação 5º Encontro Rede Prosa

prosa Passo Fundo 5/12
ENCONTRO DA REDE PROSA

Programação

9h às 10h	Recepção dos participantes/Visitação à emissora/ <i>Coffee break</i> .
10h	Boas-vindas do Reitor/ Presidente da Fundação/ Presidente do Comung (gravado).
10h15min	Video Institucional UPF TV e UPF.
10h30min	Apresentação da 3ª Série de Reportagens, com o tema: O processo da erva-mate.
11h15min	Avaliação 3ª Série.
11h45min	Apresentação da 4ª Série de Reportagens, com o tema: Voluntariado.
12h30min	Avaliação 4ª Série.
13h	Almoço.
14h	<i>Tour</i> pela UPF.
14h30min	Palestra: "A construção da pauta na rede" com José Brito (coord. núcleo jornalismo Canal Futura)
15h15min	Perguntas.
16h	Definições da próxima série (tema da matéria, foco do próximo encontro, palestrante, data e local); Apresentação das vinhetas conceito e assinatura, mapeamento da rede, detalhes RNP e redes sociais.
16h30min	Coquetel de encerramento.

comung UPF TV CANAL 4 UPF 45 anos Universidade de Passo Fundo

Fonte: UPF (2013).

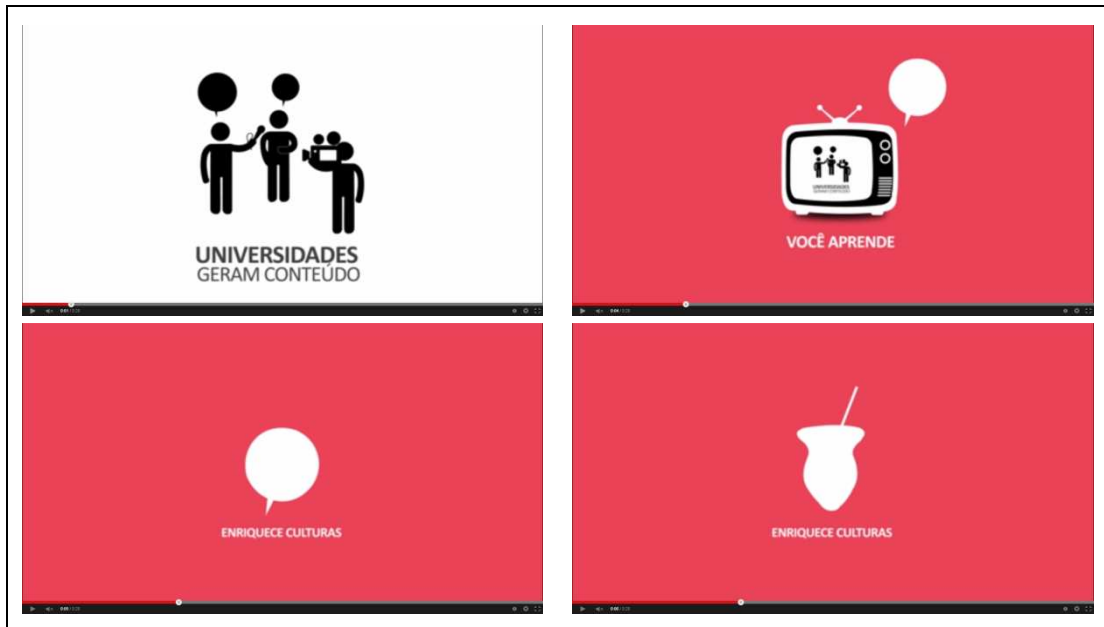
Fotografia 10 - Encontro Rede Prosa na UPF

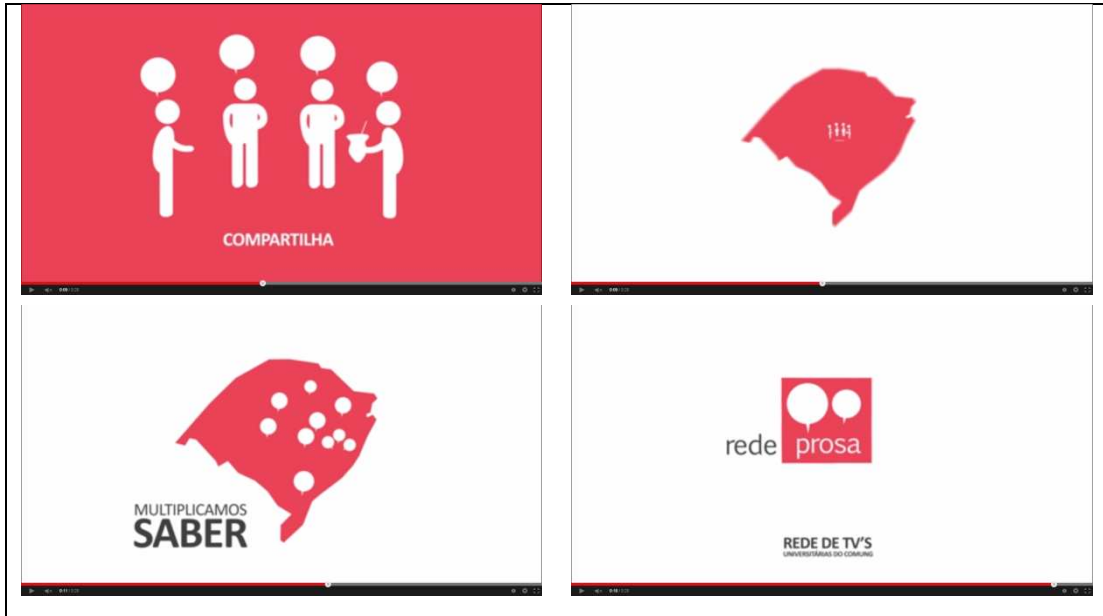


Fonte: Registrada e cedida pela UPF (2013).

O primeiro momento, na parte da manhã, ficou reservado para a apresentação da peça gráfica da Rede Prosa, criada pela TV UNIVATES, que explorou o conceito de uma Rede formada por TVs Universitárias gaúchas e a ideia de trabalhar em conjunto, conforme mostram as imagens:

Quadro 3 - Peça Gráfica da Rede Prosa para TV e Web





Fonte: Elaborado pela autora com base em trechos da peça gráfica da Rede Prosa.

Na sequência, foi dado início à exibição da série sobre erva-mate e os processos etnográficos. A ordem de exibição foi aleatória e ocorreu da seguinte maneira: UPF TV, TV UNIFRA, TV UCPEL, UCS TV, UNISC TV, TV UNIVATES, UNICRUZ TV, TV FEEVALE e TV UNISINOS.

Quadro 4 - Série sobre erva-mate e os processos etnográficos





Fonte: Elaborado pela autora com base em trechos de reportagens.

Na avaliação do grupo, as reportagens demonstraram melhoria na plástica das imagens, porém as produções apresentaram abordagens semelhantes. Por isso, foi verificada a necessidade de planejamento, para que o resultado seja mais coerente e que possa ser apresentada uniformidade de conteúdo com qualidade e significação.

E, apesar, de um manual de identidade visual ter sido disponibilizado na pasta da Rede Prosa no FTP, os geradores de caracteres da maioria das reportagens, novamente, apresentaram problemas. O grupo pensou, então, em a equipe da TV UNIVATES disponibilizar um GC como padrão, para só ser reeditado. Porém, isto não será viável em função dos diferentes formatos de arquivos utilizados pelas TVs. Logo, segue a proposta de verificar o arquivo com as instruções.

Em seguida, o grupo se dedicou a assistir a 4ª série de reportagens sobre voluntariado. A exibição das produções ocorreu na seguinte ordem: TV FEEVALE, TV UCPel, UCS TV, TV UNIFRA, TV UNIVATES, UPF TV, TV UNISINOS, UNISC TV e UNICRUZ TV.

Quadro 5 - Série sobre Voluntariado

	
UCS TV	TV UNISINOS
	
TV UNIFRA	UNISC TV
	
TV UNIVATES	TV UCPel
	
TV FEEVALE	UPF TV
	
UNICRUZ TV	

Fonte: Elaborado pela autora com base em trechos de reportagens.

Na avaliação, o grupo analisou as reportagens como esteticamente boas, mas foram verificados problemas como: novamente o uso equivocado dos geradores de caracteres; abordagens semelhantes; reportagens que perderam o foco; reportagens que não exploraram o áudio ambiente, e trilhas que acabaram prejudicam o contar das histórias.

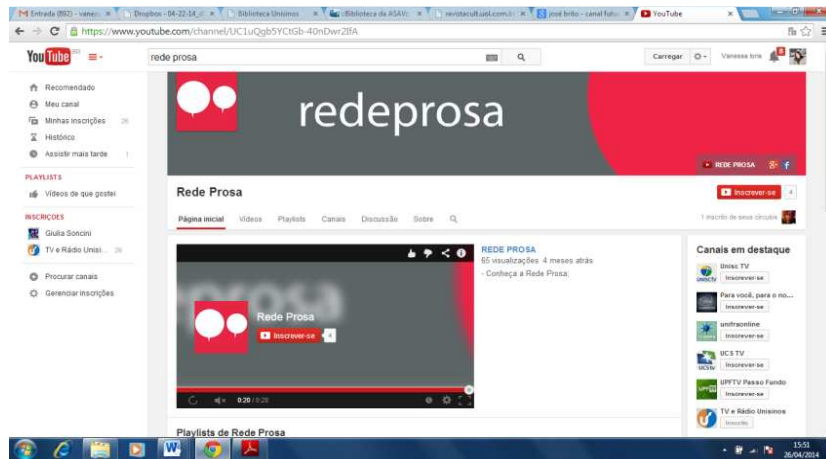
Para o Coordenador de Jornalismo do Canal Futura e convidado do encontro, José Brito Cunha, é necessário problematizar mais a pauta, como forma de sair apenas dos pontos positivos (geralmente ressaltados nas reportagens produzidas) e confrontar com a realidade não apenas local, mas, também, nacional. Ele sugeriu, também, uma curadoria editorial, que servirá como referencial e ponto de partida para as produções. Essa função poderá ser realizada como forma de rodízio e o próprio José Brito Cunha se colocou à disposição para auxiliar. A curadoria inicial ficará a cargo da Adriana Antunes, Gerente de Programação da UCS TV, que se mostrou disponível para a função.

Na parte da tarde, o grupo assistiu a palestra do convidado, José Brito Cunha, que lembrou produções para inspirarem o grupo, como o documentário *Nas Lajes*, com direção de Susanna Lira, exibido pelo Canal Futura. O documentário, que pretende revelar o significado que a laje tem na vida de alguns moradores do Complexo do Alemão e descobrir que o uso da laje vai além do espaço de lazer, traz elementos interessantes para se pensar, como o uso de *sobe som* (*som ambiente*) pode ser uma virada para a narrativa, por exemplo, a presença de uma personagem, chamada Natália, que funcionou como o fio condutor da história. As imagens revelam câmeras em lugares inusitados e houve uma diversidade de fontes.

Depois dessa discussão, o grupo falou sobre a próxima produção da Rede. Ficou definido que para evitar repetição de conteúdo, as TVs farão a série dividida em dois temas: negros (TV UCPel, TV UNISINOS, UNICRUZ TV, UNISC TV e UPF TV) e índios (UPF TV, TV FEEVALE, TV UNIVATES, UCS TV e TV UNIFRA). Para fechar cinco reportagens para cada tema, a UPF TV se disponibilizou em realizar duas produções.

O grupo acompanhou ainda a breve apresentação realizada da página da Rede Prosa no *Facebook* e o canal no *Youtube*. Ambos serão abastecidos por materiais produzidos pela Rede, como as reportagens da série, reportagens referentes aos registros dos encontros, fotos e bastidores de produção.

Figura 9 - Página da Rede Prosa no Youtube



Fonte: Rede Prosa (2014?).

Figura 10 - Página da Rede Prosa no Facebook



Fonte: Rede Prosa (2012).

Como encaminhamentos, foi solicitado que os termos de adesão (conforme comunicado no último encontro) fossem preenchidos pelos gestores dos canais e que as TVs universitárias que já sediaram encontros, encaminhem por FTP os materiais confeccionados nos eventos, como reportagens e fotos para criação da memória da Rede.

Como sugestão para o próximo encontro, será enviado convite ao Francisco Daher, Coordenador de Comunicação Institucional da Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, para que ele possa falar sobre a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP). E o 6º encontro da Rede Prosa será realizado no dia 27 de março de 2014, no Centro Universitário Franciscano em Santa Maria.

3.2.1.6 Sexto Encontro da Rede Prosa

O 6º Encontro da Rede Prosa foi promovido no Centro Universitário Franciscano, em Santa Maria, no dia 27 de março de 2014, das 9h às 16h30. Além dos representantes da TV UNIFRA, marcaram presença a TV FEEVALE, TV UNISINOS, UCS TV, TV UNIVATES, UPF TV, TV UCPEL, UNISC TV, UNICRUZ TV. O IPA não pode comparecer novamente por questões de agenda.

Figura 11 - Programação 6º Encontro Rede Prosa



The image shows a program schedule for the 6th Prosa Network Meeting. At the top, there is a logo with two speech bubbles and the word 'prosa'. To the right, it says 'VI ENCONTRO REDE PROSA 27 de março Santa Maria'. Below this is the title 'Programação'. The schedule is as follows:

Horário	Evento
9h	Recepção / Coffee Break
10h	Abertura *Com participação da reitora do Centro Universitário Franciscano.
10h30min	Exibição/ Avaliação da 5ª série REDE PROSA (Índios/Negros) Data inicial para exibição da série nas TVs da PROSA
13h	Almoço
14h15min	Visita/Mostra da TV Unifra (Com vídeo institucional e explicação da grade de programação)
14h50min	Palestra: Como funciona a RedeCOMUTAR com FRANCISCO JOSÉ DAHER JUNIOR (TV UFOP)
15h45min	Relato sobre formas de captação recursos através da Lei Rouanet para canais educativos com DOUGLAS BÁCARO (TV UP)
16h	Encaminhamentos finais Tema/Data 6ª Série/Local/Data 7º Encontro

At the bottom of the poster, there are logos for 'COMUNIC' and 'CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCANO'.

Fonte: UNIFRA (2014).

Neste encontro, o Canal Futura esteve representado mais uma vez pelo jornalista Henrique Fonseca, integrante do setor de Relacionamento com as Universidades. E o encontro contou com a presença de dois convidados palestrantes: Francisco Daher, Coordenador de Comunicação Institucional da Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, para falar sobre o funcionamento da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) e, Douglas BÁCARO, diretor executivo da TV UP, de Umuarama, no Paraná, que trouxe relato sobre formas de captação de recursos através da Lei Rouanet para TVs universitárias.

De forma simultânea ao evento que discutiu as questões jornalísticas, ocorreu a primeira reunião dos gestores/coordenadores das TVs universitárias que fazem parte da

Rede Prosa. Estiveram presentes nesta reunião representantes das emissoras das seguintes universidades: UCS TV, UPF TV, TV UCPel, TV FEEVALE e TV UNIFRA. O próximo encontro de gestores será na mesma data/local do 7º evento da Rede Prosa.

Fotografia 11 - Encontro Rede Prosa na UNIFRA



Fonte: Registrada e cedida pela UNIFRA (2014).

Ainda no período da manhã, o grupo conferiu as 10 reportagens que fizeram parte da série índios/negros. Não houve uma organização prévia para a exibição e as produções foram apresentadas da seguinte maneira: as duas reportagens (índios/negros) realizadas pela UPF TV, TV UNIFRA (índios), TV UNISINOS (negros), UNISC TV (negros), UNICRUZ TV (negros), UCS TV (índios), TV UNIVATES (índios), TV UNIVATES (índios) e TV UCPel (negros).

Quadro 6 - Série sobre Índios e Negros





TV UNIFRA



UPF TV



TV UNIVATES



TV UNISINOS



UNISC TV



TV UCPel



UPF TV



UNICRUZ TV

Fonte: Elaborado pela autora com base em trechos de reportagens.

Apesar de todas as reportagens terem sido entregues a tempo, grande parte do grupo relatou dificuldades de produção e esforço dobrado para conseguir atender o prazo. A curadora também mostrou preocupação, já que nem todos os representantes das TVs universitárias alinharam a abordagem das reportagens e houve problemas de foco e falta de problematização. Os geradores de caracteres seguem dando problema quanto à padronização, por isso, o grupo entrou em acordo de que a partir da próxima produção será utilizado caixa alta para nome e profissão do entrevistado, assim como funções da equipe de reportagem.

Foi solicitado um maior cuidado na utilização do FTP da Rede, tanto nas questões de envio, postagem das reportagens nos destinos corretos. Em comum acordo, foi definido que a partir de agora as TVs terão um dia extra de envio, ou seja, após a postagem da série no FTP e a visualização/avaliação do conteúdo no encontro, a emissora poderá corrigir algum erro que exista e postar até o final do dia seguinte ao evento.

O representante do canal Futura, Henrique Fonseca, irá conversar com a equipe de jornalismo do canal para verificar quais critérios serão usados para escolha das matérias que irão ao ar pelo Canal Futura. Também questionará a emissora quanto a utilização dos VTs dos canais que não são afiliados ao Futura, mas que fazem parte da Rede Prosa (caso da TV FEEVALE e UNICRUZ TV). Ficará a cargo da Adriana Antunes (UCS TV) o contato com o telejornalismo da Futura para tratar desse ponto.

Na parte da tarde, o grupo assistiu a primeira palestra sobre a RNP, que possui uma Plataforma de intercâmbio de Conteúdos Digitais (ICD), para a troca de diferentes tipos de conteúdo audiovisual entre TVs universitárias, educativas e comunitárias. O palestrante Francisco Daher, Coordenador de Comunicação Institucional da Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, reforçou a importância desse tipo de parceria como meio de fortalecer a comunicação pública, de caráter educativo. Ao mesmo tempo, mostrou preocupação da pouca adesão à ferramenta e fez convite ao grupo para que participem também desse processo. Sendo assim, estabeleceu-se um diálogo de troca de conteúdo experimental entre cada TV universitária, que faz parte da Rede Prosa, com a rede apresentada. Porém, uma parceira com a Rede Prosa dependerá do posicionamento que tiver o COMUNG. A TV UNIVATES irá levar o assunto para conhecimento do presidente do Consórcio.

A segunda palestra ficou a cargo de Douglas Báculo, diretor executivo da TV UP, de Umuarama, no Paraná, que falou sobre a experiência da emissora na captação de recursos. Báculo lembrou a importância de se manter uma relação direta com a comunidade, dispondo de educação e valores igualitários para formação da sustentabilidade social. Reforçou a importância do projeto de lei de incentivo à cultura, que institui políticas públicas para a cultura nacional.

Por fim, o grupo discutiu o tema para a próxima série da Rede. Como sugestões de assuntos para serem trabalhados estiveram: mobilidade urbana, territórios, tráfico humano e esportes adaptados. O último foi escolhido pelo grupo, motivado pela proximidade da Copa do Mundo. A postagem das reportagens ficou marcada para o dia 19 de maio de 2014. Também foi definido que o próximo encontro da Rede Prosa será realizado na sede da TV UCPel, em Pelotas, no dia 22 de maio de 2014.

3.2.1.7 Sétimo Encontro da Rede Prosa

O 7º Encontro da Rede Prosa foi realizado na Universidade Católica de Pelotas, a UCPel, no dia 22 de maio de 2014, das 9h às 16h30. Marcaram presença os representantes da UCPel, UNISINOS, FEEVALE, UCS, UNIVATES, UNIJUÍ, UNISC, UNIFRA, UPF UNILASALLE. Não marcaram presença a UNICRUZ e IPA. Com a recente adesão do UNILASALLE e da UNIJUÍ, a Rede Prosa conta agora com 12 Instituições Comunitárias de Ensino Superior, das 15 credenciadas ao COMUNG.

Figura 12 - Programação 7º Encontro Rede Prosa

prosa VII ENCONTRO REDE PROSA 22 de maio Pelotas

PROGRAMAÇÃO

9h Recepção participantes / Coffee Break

9h30 Abertura / Boas-vindas

10h 7º Encontro de jornalismo *Sala multiuso
Exibição/Avaliação de conteúdo da 6ª série (Esporte adaptado)
Definição tema/data da 7ª série

10h 2º Encontro dos Gestores das TVs Universitárias Comunitárias Gaúchas | 1º Encontro das Rádios Universitárias Comunitárias Gaúchas *Sala de aula

13h Almoço

14h Visita TV UCPel

14h20 Mostra Case TV UCPel - "Formar além de informar"
*Sala multiuso

15h Palestra: "Rastro selvagem: Olhar diferente para produções audiovisuais ambientais/educacionais"

16h30 Encerramento/Encaminhamentos finais
Definição local/data do 8º Encontro jornalismo, 3º Encontro dos gestores e 2º Encontro das rádios Universitárias Comunitárias Gaúchas.

**Paralelo ao evento
2º Encontro dos gestores das TVs universitárias comunitárias gaúchas
1º Encontro das rádios universitárias comunitárias gaúchas

rua Almirante Barroso, 1.202
fone: (53) 2128 8422

comung CATÓLICA DE PELotas TV UCPel

Fonte: UCPel (2014).

Fotografia 12 - Encontro Rede Prosa na UCPel



Fonte: Registrada e cedida pela UCPel (2014).

Paralelamente, foi promovido o 2º Encontro de Gestores e o 1º Encontro das Rádios Comunitárias Gaúchas. O grupo de jornalismo das TVs universitárias se dedicou a assistir as nove reportagens produzidas para a série intitulada “Esportes Adaptados”. A exibição foi aleatória e realizada da seguinte maneira: UNICRUZ TV, UPF TV, TV FEEVALE, TV UNISINOS, TV UNIFRA, UNISC TV, TV UCPel, TV UNIVATES e UCS TV.

Quadro 7 - Série sobre esportes adaptados





Fonte: Elaborado pela autora com base em trechos de reportagens.

Depois da exibição das reportagens, o grupo ouviu os comentários da curadora. Na avaliação de Adriana Antunes, Diretora de Programação da UCS TV, o grupo vem em uma crescente interessante de trabalho, mas que é preciso melhorar pontos, como a abordagem das reportagens, por exemplo. Ela lembrou que a UNICRUZ não fez nenhum contato com ela e a matéria apresentou problemas de foco e pecou em não abordar o aspecto social. Com a UPF TV, ela trocou ideias apenas uma única vez, e afirmou que a reportagem poderia ter explorado mais o profissional de Educação Física, já que nenhuma outra universidade lembrou-se desse ponto. Para a curadora, a TV FEEVALE, que fez vários contatos com ela, conseguiu cumprir a função, além de trazer boa passagem e uma trilha que coloca a matéria “para cima”. A curadora avaliou a reportagem da TV UNISINOS como “redonda” e com bons usos de som ambiente, além da “boa sacada” em contar a história de maneira não linear. A reportagem da TV UNIFRA acertou no uso de imagens preto e branco e terminou melhor do que começou, segundo a curadora. A UNISC TV trouxe uma boa matéria, mas poderia ter explorado melhor

o jeito de narrar. A TV UCPel não deixou claro qual o problema enfrentado pelo personagem da matéria. Ainda de acordo com a curadora, a TV UNIVATES trouxe uma boa matéria e a UCS TV poderia ter trazido mais imagens.

Após o apontamento sobre as produções, o grupo participou de uma videoconferência com José Brito Cunha, Coordenador de Jornalismo do Canal Futura, direto do Rio de Janeiro. A ideia de convidá-lo para a conversa era de entender os critérios e indicadores de qualidade utilizados pelo jornalismo do Canal para a realização das matérias.

Ficou combinado que serão encaminhados exemplares do livro "Telejornalismo educação e produção em rede - Futura" para as Instituições Comunitárias de Ensino Superior. Este material é um esboço de um trabalho de três anos do Futura e que não está finalizado. É uma espécie de livro aberto, que segue em fase de construção coletiva, e que futuramente, poderá ser o manual do Futura e/ou das afiliadas, ou até mesmo uma espécie de "carta" com diretrizes para essas atividades em conjunto.

Depois desse momento, o grupo debateu sobre o tema da 7ª série de reportagens. Assuntos como "trabalho infantil", "sustentabilidade", "empreendedorismo", "pessoas comuns", "artistas locais" e "territórios" apareceram entre as sugestões. O grupo decidiu expandir a pauta "artistas locais" para "A arte de rua enquanto contracultura", pois acreditou que seria possível apresentar um olhar etnográfico nas produções.

Na parte da tarde, Marcus Spohr, da TV UCPel, palestrou sobre "Formar além de informar" e trouxe para o grupo o exemplo de formação de estudantes de Jornalismo da TV UCPel. Depois disso, o grupo assistiu à palestra "Rastro Selvagem: olhar diferente para produções audiovisuais ambientais / educacionais", com Gustavo Arruda, Diretor-Proprietário da empresa Rastro Selvagem, que colocou à disposição do grupo o acesso e a veiculação dos materiais produzidos pela empresa.

Antes de encerrar o evento, foi comunicado que o 8º encontro da Rede Prosa (8º Encontro de Jornalismo das TVs, o 3º Encontro de Gestores e o 2º Encontro das Rádios Comunitárias Gaúchas) será em Lajeado, na UNIVATES. A data será no dia 24 ou 31 de julho, conforme a agenda do presidente do COMUNG, prof. Ney Lazzari, que será palestrante no evento. Os certificados de participação para os participantes serão enviados via COMUNG nos próximos dias.

Figura 13 - Certificado de participação



Fonte: COMUNG (2014).

3.2.1.8 Oitavo Encontro da Rede Prosa

O 8º Encontro da Rede Prosa foi realizado no Centro Universitário do Vale do Rio Taquari, UNIVATES, em Lajeado, no dia 31 de julho de 2014, das 9h às 16h30. Marcaram presença os representantes da UNIVATES, UNISINOS, FEEVALE, UPF, IPA, UNIVATES, UNISC, UNIFRA, UNICRUZ e UNIJUÍ. Apenas o UNILASALLE e a UCPel não contaram com representantes nesse encontro.

Figura 14 - Programação 8º Encontro Rede Prosa



Fonte: UNIVATES (2014).

Fotografia 13 - Encontro Rede Prosa na UNIVATES



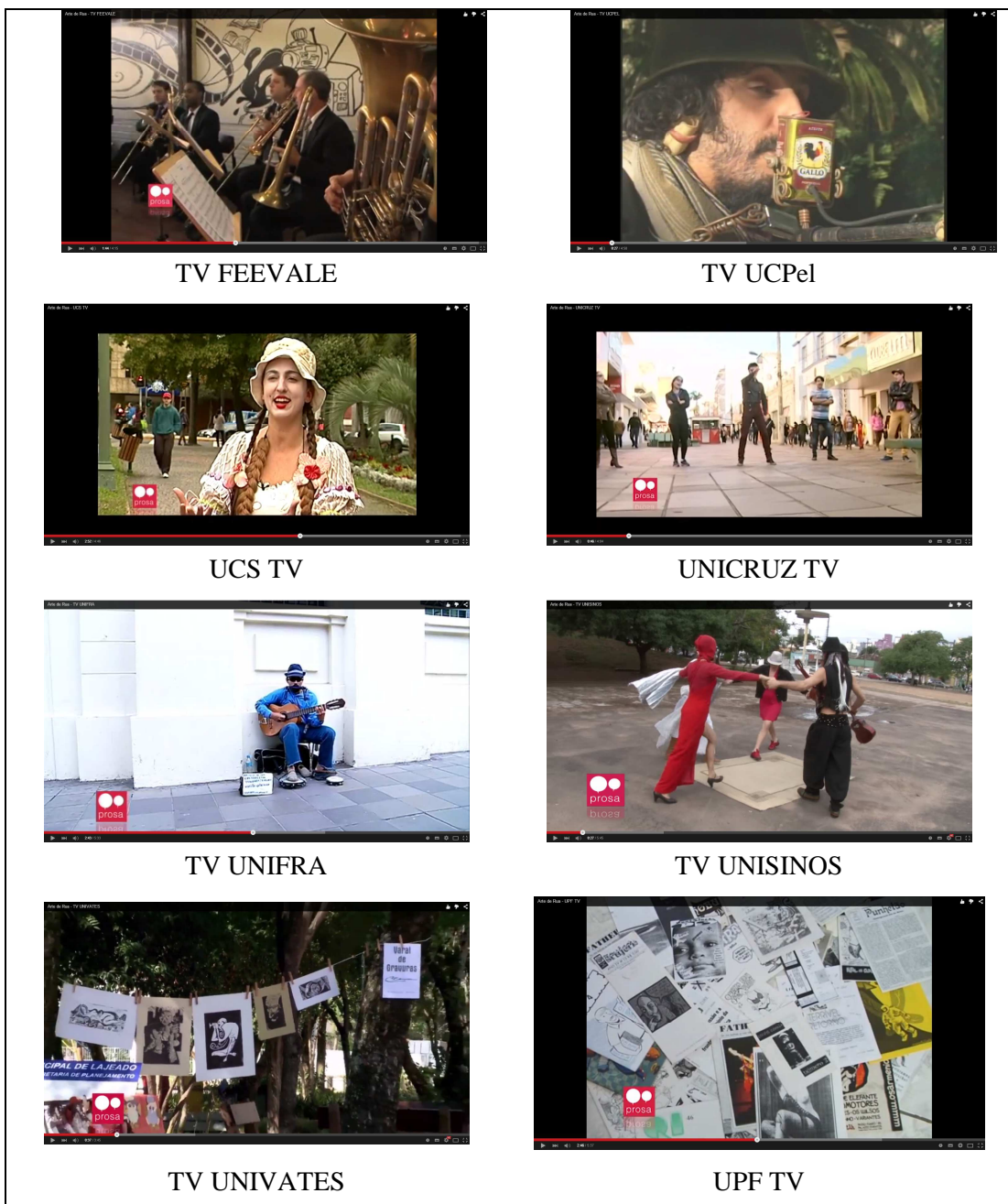
Fonte: Registrada e cedida pela UNIVATES (2014).

O encontro iniciou com a apresentação da nova identidade da TV UNIVATES, que em 2014 completa cinco anos de existência e aproveitou o momento para compartilhar com os colegas. Depois disso, foi exibido um vídeo sobre a Rede Prosa, preparado pela TV UNIVATES, que mostrou depoimentos de representantes das TVs universitárias parceiras e

imagens dos sete encontros já realizados. O grupo ainda conferiu a fala de Júlia Elisabete Barden, Pró-Reitora de Desenvolvimento Institucional da UNIVATES.

Na sequência, os grupos foram divididos para o andamento do trabalho. Em ambientes diferentes foram realizados, paralelamente, o 3º Encontro dos Gestores e o 2º Encontro das Rádios. O grupo de jornalismo das TVs se dedicou a assistir as oito reportagens produzidas para a série intitulada “Arte de Rua enquanto Contracultura”. A exibição foi aleatória e realizada da seguinte maneira: TV FEEVALE, TV UCPEL, UCS TV, UNICRUZ TV, TV UNIFRA, TV UNISINOS, TV UNIVATES e UPF TV.

Quadro 8 - Série sobre Arte de Rua enquanto Contracultura



Fonte: Elaborado pela autora com base em trechos de reportagens.

Como a curadora, Adriana Antunes, Diretora de Programação da UCS TV, não pode comparecer ao encontro, enviou um vídeo com uma rápida avaliação da série. De uma maneira geral, entre os pontos positivos, destacou a unidade presente na série, conteúdo “melhor costurado” e imagens com mais movimentação de câmera. Entre os pontos a melhorar estão problemas de áudio, de geradores de caracteres e de concordância gramatical em alguns textos. Na avaliação por universidade, a curadora apontou que a reportagem da UNICRUZ TV não contextualizou a dança de rua e poderia ter procurado fontes oficiais para isso. A produção da UPF TV trouxe um texto poético, “costurado” e com ótimas imagens. A única dica seria deixar o *off* com mais ritmo. A TV FEEVALE, apesar das dificuldades, conseguiu cumprir com a pauta. A TV UCPel, conforme Adriana, trouxe bons cases, as ações estão costuradas, mas as imagens estavam desbotadas. A TV UNISINOS apresentou bons cases, texto bem escrito e, por isso, uma ótima matéria. A UCS TV conseguiu contextualizar bem o espaço da rua. A TV UNIVATES teve problemas de fontes, mas um ponto positivo foram os enquadramentos apresentados. A TV UNIFRA, segundo a curadora, trouxe uma bela matéria, bem “costurada”, com cases ótimos, bons enquadramentos e brincadeira com as imagens.

Após conferirem o vídeo da curadora, os participantes trouxeram suas impressões sobre a série. O Coordenador da Rede Prosa, Marcus Staudt, comentou sobre o comprometimento de cada universidade ao entregar uma reportagem para a série, já que nem todas conseguiram cumprir com a demanda. A representante da TV UNIVATES falou da dificuldade em fechar com o personagem e o porquê da escolha pelo case “Arte na Praça” trazido na reportagem.

Uma das representantes da UCS TV comentou que é possível perceber que cidade tem a arte acontecendo na rua e, com certeza, essas universidades saíram na frente. Mas ela acredita que, ao mesmo tempo, as que tiveram dificuldade em localizar personagens, poderiam falar da falta desse tipo de manifestação. A representante do IPA comentou que o conjunto das reportagens está harmônico, que todos cumpriram com a função de mostrar como está a arte de rua na sua cidade, mas que as produções poderiam aprofundar como essas pessoas vivem. O desafio, segundo ela, está em trabalhar mais conflito relacionado ao tema e mais informações do que declarações, tornar o texto mais crítico do que ilustrativo. Tudo isso sem perder a poesia e a narrativa diferenciada. O outro representante do IPA presente no encontro gostou das reportagens e do experimentalismo apresentado em alguns dos vídeos, como o da UCS TV, que traz imagens de bastidores e imagens de celular.

Um dos representantes da TV UNISINOS no encontro, reforçou a importância da presença dos cinegrafistas nesses momentos de discussão. O Coordenador da Rede Prosa

lembrou que esses profissionais estão sempre convidados e vai de acordo com cada universidade trazê-los ou não. O representante da UNIJUÍ aproveitou o momento para sugerir participações da universidade via videoconferência já que o deslocamento pode ser um problema. O representante da TV UNIFRA tomou a palavra para comentar sobre a produção da sua universidade. A equipe enfrentou problemas para convencer os artistas a participarem da reportagem. A representante da UNICRUZ também relatou dificuldades em fechar a pauta, por conta da falta de artistas de rua na cidade. Outros participantes comentaram que mostrar por que não existe esse tipo de manifestação em Cruz Alta poderia ter sido mais válido do que produzir uma história que não se sustenta.

Após esse momento, como sugestão dos representantes do IPA, o grupo assistiu a um documentário produzido pela universidade. Depois disso, o grupo discutiu o tema da próxima série. Entre os assuntos propostos, estiveram “novos idosos”, “bioma do pampa” e “relação da comunidade com a água”. Por meio de votação, a última opção foi escolhida pela maioria. Marcus Staudt, representante da TV UNIVATES, se propôs a gravar e encaminhar via FTP, o depoimento de um professor especialista na área que pudesse oferecer um subsídio de abordagem para cada região.

Na parte da tarde, os integrantes do evento participaram de tour guiado pela UNIVATES, com as visitas ao Centro Cultural, à TV e à Rádio UNIVATES. Em seguida, o reitor da UNIVATES e presidente do COMUNG, professor Ney José Lazzari, palestrou sobre o tema *COMUNG: desafios e oportunidades*. Ele abordou assuntos como a fundamental aproximação das instituições de Ensino Superior para enfrentar problemas de mercado e a relação entre as universidades. Segundo Lazzari, “as instituições competem, mas em muitos aspectos é possível estabelecer uma cooperação”.

Antes de encerrar o evento, o grupo decidiu que o 9º encontro da Rede Prosa será promovido pela UCS, no dia 25 de setembro de 2014. E a data de entrega da série de reportagens ficou definida para 22 de setembro. Nos dias subsequentes a esse encontro, o COMUNG encaminhará por e-mail os certificados de participação no evento.

3.2.1.9 Nono Encontro da Rede Prosa

O 9º Encontro da Rede Prosa foi promovido pela UCS, no dia 25 de setembro de 2014, das 9h às 16h30. O encontro não foi realizado na sede da universidade, como acontece de costume. Desta vez, os convidados foram até o Vale dos Vinhedos, em Bento Gonçalves. Marcaram presença os representantes da UCS, UCPel, FEEVALE, UNISINOS, UPF, IPA,

UNIVATES, UNISC, UNIFRA, UNICRUZ e UNIJUÍ. Apenas o UNILASALLE não contou com representantes nesse encontro.

Figura 15 - Programação 9º Encontro Rede Prosa



9º encontro rede prosa

25 DE SETEMBRO
LOCAL: HOTEL VILLA MICHELON
BENTO GONÇALVES, RS

comung
UCS tv
UCS fm
UCS
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

PROGRAMAÇÃO

9h *Coffee break*

9h30 *Recepção de boas vindas*

9º Encontro de Jornalismo

9h45 *Exibição / avaliação de conteúdo da 8ª série de reportagens*

11h *Feedback da curadoria da série apresentada*

11h30 *Debate, definição do tema da próxima série, data de entrega*

9h45 *4º Encontro dos Gestores das TVs Universitárias Comunitárias*

9h45 *3º Encontro dos Gestores das Rádios Universitárias Comunitárias*

12h30 *Intervalo para o almoço*

14h30 *Palestra com o doutor em TV digital Carlos Monteiro*

15h45 *Definição do local para o 10º Encontro da Rede Prosa*

16h30 *Coffee break de encerramento*

Complexo Turístico Vale dos Vinhedos
RS 444 - km 18,9 - Estrada do Vinho - Vale dos Vinhedos
Bento Gonçalves, RS - Fone: (54) 3459-1800
www.villamichelon.com.br

Fonte: UCS (2014).

Fotografia 14 - Encontro Rede Prosa na UCS



Fonte: Registrada e cedida pela UCS (2014).

No primeiro momento, na parte da manhã, as equipes das TVs se dedicaram a assistir as reportagens da 8ª Série sobre a Relação das comunidades com a Água. Foram dez produções no total, que tinham como objetivo oferecer um panorama sobre a realidade das águas de diferentes regiões do Estado do Rio Grande do Sul.

Antes da exibição da 8ª série, a curadora Adriana Antunes, Diretora de Programação da UCS TV, aproveitou para afirmar que todas as equipes das TVs universitárias fizeram contato para o desenvolvimento das pautas. E, em sua opinião, essa foi a primeira vez que uma série da Rede Prosa apresentou unidade. A ordem de exibição foi a seguinte: UNIJUÍ, IPA, TV FEEVALE, TV UCPel, TV UNIFRA, TV UNISINOS, UCS TV, UNISC TV, TV UNIVATES e UPF TV.

Quadro 9 - Série sobre a Relação Comunidade e Água





Fonte: Elaborado pela autora com base em trechos de reportagens.

Depois de conferir as produções, foi aberto espaço para discussão. Para uma das representantes da UCS TV, foi bastante válido mostrar diferentes realidades sobre a água dentro do Estado. Um dos pontos interessantes, segundo ela, foi de que ninguém se preocupou em “dourar a pílula” e, sim, mostrar os problemas e o que realmente cada região enfrenta. Um dos representantes da TV UNIVATES ressaltou a variedade de fontes presentes nas reportagens como ponto positivo e chamou a atenção do ganho para as equipes: “você tiveram bastante trabalho para produzir uma reportagem, mas agora vocês ganham um pacote com dez reportagens”. Ele também elogiou as imagens e a apuração nas produções e pediu mais atenção para as oscilações de áudio e a padronização dos geradores de caracteres.

Para a curadora Adriana Antunes, Diretora de Programação da UCS TV, o grupo conseguiu estabelecer uma unidade nas reportagens, ou seja, elas têm início, meio e fim. E foi um desafio, porque são muitos assuntos e as temáticas parecidas. Segundo ela, foi preciso cuidado para que universidades próximas em termos de localização, como a UNISINOS e a FEEVALE, não entrassem em conflito com a abordagem e com as fontes: “Isso foi contornado e as reportagens se complementam de certa forma”. Ela ainda afirmou que as reportagens apresentaram uma maior preocupação fotográfica, de enquadramento e de edição. E que a linguagem narrativa, pela primeira vez, esteve mais voltada para o audiovisual. Ela lembrou ao grupo de que “não dá para fazer reportagens com recorte factual, como nos veículos comerciais. O nosso compromisso é outro, com a experimentação”.

Depois de fazer uma avaliação geral, a curadora apontou pontos individuais. Segundo ela, a UNIJUÍ apresentou problemas de foco. O IPA trouxe ótimas imagens e ótimo texto. “Quebraram com aquela linha linear de narrativa. Foi a primeira reportagem do IPA e atenderem muito bem o desejo que temos para essa Rede”, afirmou. A TV FEEVALE apresentou ótima contextualização, fontes e imagens, mas apenas pequenos problemas de áudio. A reportagem da TV UCPel, segundo ela, estava correta, com início, meio e fim, mas deveriam tirar a trilha, que estava com tom de felicidade, enquanto o tema trazia algo sério. A TV UNIFRA trouxe uma reportagem bem construída, com boas imagens, bom uso da trilha e as fontes oficiais entraram muito bem falando sobre as punições, ponto que não foi tocado em nenhuma outra reportagem da série. A curadora afirmou que a TV UNISINOS contextualizou bem a questão da poluição, o texto estava bem encadeado, com boas costuras, boas imagens e acrescentou: “Achei que o professor que acompanhou a externa fez a diferença”. A UCS TV trouxe boas imagens e texto com boas costuras. O texto que a UNISC TV trouxe é bom, assim como a narrativa é boa, segundo ela. A TV UNIVATES trabalhou com a questão do saneamento básico e ficou bom. “Gostei, porque foi a única matéria que começou com sonora”, afirmou a curadora. E, por fim, a UPF TV foi a reportagem que mais apresentou linguagem jornalística, diferente das demais, mais voltadas para o audiovisual. A curadora acrescentou que “as imagens estavam estouradas e a repórter estava acelerada, talvez pela quantidade de informações que precisava trazer”.

Na sequência, cada instituição pode comentar sobre suas produções, com exceção da UNIJUÍ que não contou com um representante nesse momento do encontro. Um dos representantes da UPF TV chamou a atenção para o fato de que as equipes, muitas vezes, deixam para entregar as reportagens para a série em cima do prazo, o que acaba comprometendo com a qualidade do material. Uma das representantes da TV UNISINOS no evento contou como foi o processo de concepção da pauta, desde a busca de informações com as fontes até a realização da externa, em que foi preciso conciliar a previsão do tempo com a agenda do professor que acompanharia a gravação. “Fiquei satisfeita com o resultado, porque conseguimos retratar o contraste presente no mesmo rio”, afirmou. Uma das representantes da TV FEEVALE comentou que a primeira preocupação foi sobre qual abordagem seria trabalhada na reportagem, já que existem tantos pontos importantes a se falar sobre o Rio dos Sinos. “Decidimos focar na questão mais humana, que é o relacionamento das pessoas com a água. Fomos a uma área rural de Novo Hamburgo, levamos duas horas para chegar”, contou.

O representante do IPA comentou que o prazo foi bom para pensar, produzir e captar imagens e sonoras. Segundo ele, foram necessárias três externas para dar conta da

reportagem, já que ele fez todo o trabalho sozinho. Ele agradeceu ainda a oportunidade de começar a participar com reportagens para séries da Rede Prosa. Duas representantes da TV UCPel comentaram sobre a construção da abordagem e o levantamento sobre a realidade do local. Um dos representantes da TV UNIVATES também dividiu com o grupo quais as preocupações e dificuldades para a construção da reportagem, mas que se sentiram satisfeitos com o resultado. A representante da UNISC TV, contou sobre por que decidiu mostrar atitudes individuais da relação com a água, fugindo um pouco do que o restante do grupo preferiu retratar. A representante da TV UNIFRA comentou sobre as dificuldades em encontrar um foco para a reportagem e avaliou o resultado como completo e satisfatório. O representante da UPF TV contou que a equipe preferiu levar para o lado de conscientização, já que esse é um ponto comum e necessário de ser pensado por qualquer cidade. E, por fim, um dos representantes da UCS TV presentes no evento comentou que definir o foco foi um desafio para a equipe, que partiu de uma radiografia da cidade para saber qual a real situação da água em Caxias do Sul. Para ele, foi satisfatório poder entrar em contato e retratar essa realidade.

Após esse momento, o grupo trouxe sugestões de temas para a próxima série de reportagens. Entre as indicações, apareceu a ideia de mostrar “bons exemplos”, “problemas que as cidades enfrentam e nem sempre enxergamos”, “profissões em extinção”, “aterros sanitários”, “como o produto é transportado” e “personagens exóticos”. O grupo ficou dividido entre os temas “aterro sanitário” e “como o produto é transportado”. Por meio de uma votação, ficou definido que a 9ª série terá como tema "E o produto, vai como?", que irá mostrar como se dá o processo de transporte de produtos em cada cidade e região. O argumento foi de que essa pauta seria mais fiel à identidade regional, que deve estar presente nas reportagens da Rede Prosa.

Na parte da tarde, os participantes assistiram à palestra sobre a TV Digital no Brasil, ministrada pelo Professor, Jornalista e consultor Carlos Barros Monteiro. O palestrante deu um panorama sobre as características que regem o sistema e os desafios da linguagem da segunda tela na produção de conteúdo. O palestrante ainda falou para as universidades prestarem mais atenção aos editais do governo, para a realização de produções.

Paralelamente ao encontro da parte jornalística das TVs, ocorreu o 3º Encontro entre as Rádios universitárias e a 4ª Reunião dos gestores/coordenadores das TVs universitárias integrantes da Rede Prosa, que aprovaram o projeto *Vídeo Minuto Reitores/COMUNG*. A ideia é que cada universidade grave um vídeo de 1 minuto de duração com os reitores de suas universidades respondendo a seguinte pergunta: *Como o COMUNG, formado por 15*

instituições, auxilia no dia a dia da sua Instituição de Ensino Superior e na vida da comunidade de sua região?. O material produzido será veiculado nos intervalos dos canais de televisão e nas rádios parceiros da Rede Prosa, além de ser postado no site do COMUNG. A data limite para captação é 31 de outubro de 2014 e para postagem no FTP é 05 de novembro de 2014. A veiculação dos vídeos deve acontecer a partir de dez de novembro de 2014.

Ao final do evento, o grupo decidiu que o 10º encontro da Rede Prosa e último de 2014 será na sede da UNISC, em Santa Cruz do Sul, no dia quatro de dezembro. E a data de entrega da série de reportagens ficou definida para 1º de dezembro.

3.2.1.10 Décimo Encontro da Rede Prosa

O 10º Encontro da Rede Prosa foi promovido na UNISC, em Santa Cruz do Sul, no dia quatro de dezembro de 2014, das 9h às 16h30. Para o encontro entre as TVs, estiveram presentes os representantes da UNISC, FEEVALE, UNISINOS, UCS, UNIVATES, UPF, UNIFRA e UNIJUÍ. Os representantes do IPA, UCPel, UNICRUZ e UNILASALLE não puderam comparecer por motivos de agenda.

Figura 16 - Programação 10º Encontro Rede Prosa

ENCONTRO REDE PROSA
4 DEZ/2014

PROGRAMAÇÃO

MANHÃ	TARDE
<p>Hall da Sala 101</p> <p>9h - Recepção / Café de boas-vindas</p> <p>Sala 101</p> <p>9h30 - Abertura / Boas-vindas da Reitora da Unisc</p> <p>10h - X Encontro de Jornalismo de TVs das ICES/RS Exibição e avaliação de conteúdo da 9ª Série de Reportagens - "E o produto, como vai?"</p> <p>11h - Feedback curadoria sobre 9ª série</p> <p>12h - Debate/Definição tema e data da 10ª série</p> <p>Sala 102</p> <p>10h - 5º Encontro de gestores das TVs das ICES/RS</p> <p>Sala 103</p> <p>10h - 4º Encontro de rádios das ICES/RS</p> <p>13h - Almoço</p>	<p>14h15 - Visita às dependências da Unisc TV</p> <p>Sala 101</p> <p>14h45 - Palestra: "E o áudio, menos importante que o vídeo?", com Christian Vaisz - Coordenador de projetos Kiko Ferraz Studios</p> <p>15h - Espaço para perguntas</p> <p>15h45 - Encaminhamentos finais Definição local/data do 11º encontro jornalismo das TVs, 6º encontro de gestores das TVs e 5º encontro de rádios das ICES/RS</p> <p>Hall da Sala 101</p> <p>16h - Café da Tarde</p>

Logos: comung, UNISCTV, UNISC, prosa

Fonte: UNISC (2014).

Fotografia 15 - Encontro Rede Prosa na UNISC



Fonte: Registrada e cedida pela UNISC (2014).

O encontro teve início com as boas-vindas dos representantes da UNISC, Coordenador da UNISC TV, Jair Giacomini, e a Chefe de Gabinete da Reitoria da UNISC, Carla Pacheco da Rosa. Neste momento, também foi exibido um vídeo com a fala do Presidente do COMUNG, Professor Ney Lazzari, agradecendo a dedicação das TVs Universitárias e desafiando as equipes a crescerem com os trabalhos no próximo ano. Foi lembrado ainda que todas as universidades entregaram os vídeos com os reitores, conforme combinado no último encontro.

Quadro 10 - Vídeo Reitores - COMUNG



Pe. Marcelo Fernandes de Aquino
Reitor da UNISINOS



Paulo Fossatti
Reitor UNILASALLE



Irmã Iraní Rupolo
Reitora UNIFRA



Evaldo Antonio Kuiava
Reitor UCS



José Carlos Bachettini Júnior
Reitor UCPel



Roberto Pontes da Fonseca
Reitor IPA



José Carlos Carles de Souza
Reitor UPF



Ney José Lazzari
Reitor UNIVATES



Carmen Lúcia de Lima Helffer
Reitora UNISC



Martinho Kelm
Reitor UNIJUÍ



Patrícia Bianchi
Reitora UNICRUZ



Inajara Vargas Ramos
Reitora Interina FEEVALE

Fonte: Elaborado pela autora com base em trechos dos depoimentos de reitores.

Na parte da manhã, o grupo se dedicou a assistir a 9ª série realizada em parceria, intitulada *E o produto, vai como?*. De maneira aleatória foram exibidas as seguintes reportagens: TV UNIFRA, TV UNIVATES, TV FEEVALE, UNISC TV, TV UCPel, UNIJUÍ, UPF TV, UCS TV, TV UNISINOS e IPA.

Quadro 11 - Série E o produto, vai como?



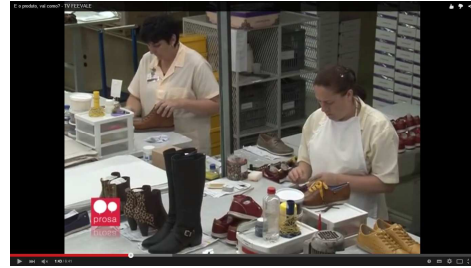
TV UNIFRA



TV UNIVATES



TV FEEVALE



UNISC TV



TV UCPEL



UNIJUÍ



UPF TV



UCS TV



TV UNISINOS



UPF TV

Fonte: Elaborado pela autora com base em trechos de reportagens.

Após a exibição da série, o grupo assistiu ao vídeo enviado pela curadora Adriana Antunes, Diretora de Programação da UCS TV, que não pode comparecer ao encontro. Nele, Adriana trouxe uma breve avaliação das reportagens. Sobre a produção da TV UCPel, afirmou que a equipe contemplou bem o tema. A reportagem da TV FEEVALE foi definida por ela como “linda”, bem construída e o ganho esteve em ser conduzida todo o tempo pela repórter (*stand-up*). Já a reportagem da UNIJUÍ foi avaliada como bem construída, mas com sonoras muito longas. A produção da UPF TV foi elogiada pelas boas imagens, mas a curadora chamou a atenção para a “cara de institucional” em alguns pontos da produção que fazia referência à universidade. A TV UNIFRA, segundo a curadora, trouxe boas sonoras, contemplou bem o tema, além de ter trazido números para a tela, o que enriqueceu o material. Para ela, a reportagem da UNISC TV deveria ter mostrado mais o que foi dito no texto da repórter. E as reportagens da TV UNIVATES e UCS TV foram bem construídas, na sua opinião. A TV UNISINOS e o IPA ficaram de fora da avaliação, pois os materiais dessas universidades ainda não estavam postados no FTP, quando a curadora teve oportunidade de assisti-los. Antes de encerrar o vídeo, Adriana Antunes ainda aproveitou para comentar que as equipes têm se inspirado umas nas outras, o que é bastante positivo; solicitou ajustes de geradores de caracteres, envio das cabeças das reportagens e propôs que aconteçam encontros menores entre os Coordenadores de Jornalismo das Instituições.

Marcus Staudt, Coordenador da Rede Prosa, tomou a palavra e reforçou a importância de um encontro menor entre os Coordenadores de Jornalismo das universidades parceiras para alinhar melhor as matérias. Ele aproveitou, também, para comentar sobre algumas reportagens desta série, como a da UPF, que quase perdeu o foco. Em relação à produção da UCS, chamou a atenção para o momento em que a repórter utiliza microfone bola e a entrevistada, microfone lapela. Ou seja, é causada certa confusão. Quando à reportagem da UNIFRA, disse se tratar de uma matéria fantástica, mas que peca ao não explorar o áudio ambiente. Nisso, ele levantou uma discussão antiga entre o grupo: usar ou não trilhas? Staudt chamou atenção ainda para a produção da UCPel, que trouxe o dado de que o número de funcionários aumenta de 50 para mil. Como o dado não é acompanhado de uma explicação, ficou a pergunta: será que está correto? A UCPel não tinha nenhum representante no evento.

Staudt convidou Christian Langaro Vaisz, Coordenador de Projetos da Kiko Ferraz Studios, de Porto Alegre, que iria palestrar sobre a importância do áudio para o grupo na parte da tarde, para dar um parecer sobre as produções. Ele afirmou ter ficado surpreendido positivamente com as reportagens e que a maioria apresentava qualidade de áudio. Ele

complementou: “Senti um pouco de ‘pé no freio’ para explorar trilhas e achei legal as possibilidades abertas pelas reportagens em utilizar o som ambiente”.

Na sequência, foi solicitado que os participantes do encontro falassem sobre como foi o processo de produção. A maior parte preferiu relatar as dificuldades em definir o tema e o desafio de como mostrar o caminho percorrido pelo produto. A primeira foi a representante da TV UNIFRA, que comentou que a equipe teve dificuldade em encontrar um produto símbolo da cidade para retratar, já que Santa Maria, onde a universidade está localizada, é um lugar de passagem. Então, a saída encontrada foi a de mostrar a cidade como rota do transporte de produtos.

Depois, um dos representantes da TV UNIVATES presentes no encontro, relatou que o mais difícil do processo foi definir a pauta, apesar dele mesmo ter sugerido o tema no encontro anterior. Marcus Staudt, que também representa a TV UNIVATES, lembrou que não teriam como mostrar apenas o transporte do produto escolhido por ele, no caso o leite, sem mostrar o processo. Apenas a parte do transporte não traria informações suficientes e a reportagem poderia ficar “pobre”. E esse quesito foi visualizado por parte do grupo no encontro anterior quando a pauta foi sugerida. Mas mesmo assim, foram vencidos pelo voto da maioria.

A representante da TV FEEVALE comentou que quando saíram do último encontro, pensaram preocupados: o que vamos fazer? E que não tinham como fugir do calçado, mas que sabiam da dificuldade que seria em mostrar o transporte em função da exportação. Segundo ela, o processo de produção foi mais difícil do que o de execução. Foi necessário ligar para várias fábricas para entender o processo e poder contextualizar o produto na reportagem. Ela comentou que foram três dias de captação e que contaram com dois cinegrafistas nessas externas.

Na sequência, a representante da UNISC TV, comentou que essa foi a primeira vez que ela tomou a frente de uma reportagem da Rede Prosa. E que tratou logo de trocar ideias com a curadora, porque nunca havia participado de outros encontros e sentia que isso poderia prejudicá-la. Ela sentiu dificuldade no foco da reportagem, porque como a cuca é um produto artesanal, é transportada por um carro, em um caminho curto. Ou seja, não há muito o que mostrar. Então, ela focou em relatar o processo de produção da cuca com diferentes personagens antes de entrar no quesito transporte. Comentou que a equipe acordou às 4h da madrugada para fazer a externa e foi uma boa experiência.

Depois, a representante da UNIJUÍ lembrou que esse era seu primeiro encontro da Rede, que a universidade não tem TV própria e, por isso, todo processo de produção é

diferente. A Agência Experimental de Comunicação, Usina de Ideias, é o espaço onde se concebe as produções, com uma equipe reduzida. Para ela, o momento do encontro estava funcionando como uma espécie de capacitação e preparação para melhorar as reportagens. Então, disse que preferia mais “ouvir a falar”.

O representante da UPF TV comentou que a dificuldade em encarar a educação como produto de Passo Fundo. Segundo ele, foi necessário cerca de um mês entre produção e captação de imagens e sonoras. Argumentou que não teriam como falar nesse tema, sem mencionar a UPF, mas que cuidaram para não passar do limite e cair no institucional, conforme mencionado pela curadora. Para ele, o resultado foi gratificante.

Uma das representantes da UCS TV comentou que o grupo pensou em uma série de possibilidades para retratar, mas que não poderiam se esquecer do que identifica a região. Por isso, a escolha foi pelo agnolini. Ela aproveitou para justificar uma colocação de Marcus Staudt no início da conversa e disse que o cinegrafista insistiu em utilizarem lapela em todos os entrevistados e não havia um microfone do mesmo tipo para a repórter, por isso, em um momento ela aparece com microfone bola. A representante da UCS ainda aproveitou para comentar a produção da UPF. Segundo ela, o repórter resolveu bem a questão de tratar a universidade como case e acrescentou que apenas não terminaria com corte seco de sonora. Ela também comentou que gosta do estilo de narrativa do IPA, mas que não conseguiu enquadrar a reportagem na questão do transporte.

E, por fim, uma das representantes da TV UNISINOS que esteve presente no encontro comentou que a principal dificuldade foi semelhante a da maioria em retratar a questão do transporte. Nesse caso, o próprio cervejeiro fazia o transporte da cerveja artesanal, já que é produzida em pequena escala. A saída foi mostrar dois diferentes cases de um local que não pasteuriza a cerveja e de outro que pasteuriza, justamente para que possa ser vendida em locais mais distantes. Ela comentou que levou inspirações de outros documentários sobre o tema para os cinegrafistas terem referências durante a externa. A trilha, segundo ela, foi sugestão da própria curadora.

Ao término dessa parte, as equipes foram lembradas que o prazo para possíveis ajustes das reportagens é de apenas um dia após o encontro. Depois disso, as produções estão liberadas para veiculação e, também, serão encaminhadas para o Canal Futura para possível utilização dos materiais. Antes de encerrar esse momento, o grupo se dedicou, ainda, a discutir o tema da próxima produção realizada em parceria. “Como o resíduo é reaproveitado na sua região?” será o tema da 10ª série. A ideia é identificar algum tipo de resíduo que seja

muito produzido na região onde a TV universitária está inserida e qual alternativa de reaproveitamento é dado a ele.

Na parte da tarde, o encontro contou com a presença do convidado Christian Langaro Vaisz, Coordenador de Projetos da Kiko Ferraz Studios, de Porto Alegre, conforme já comentado nesse relato. Na palestra intitulada “E o áudio?”, ele falou sobre a importância do áudio, sobre como o som pode expandir a imagem, além das maneiras de se trabalhar as camadas sonoras (voz, música, efeitos sonoros, ambiente, *Foley*) em produções audiovisuais e telejornalísticas.

De forma simultânea ao evento que discutiu as questões jornalísticas, ocorreu a 5ª Reunião dos gestores/coordenadores das TVs universitárias que fazem parte da Rede Prosa. Estiveram presentes nesta reunião representantes das emissoras das seguintes universidades: UNISC, FEEVALE, UPF, UNIFRA e UNIJUÍ. Para o 4º Encontro entre as Rádios, marcaram presença representantes da UNISINOS, UNIVATES, UNISC, UPF, UNIJUÍ, FEEVALE e UCS.

No final do evento, o grupo definiu que o próximo encontro será entre o final de março e início de abril de 2015. A FEEVALE colocou-se à disposição para receber novamente o encontro. O representante da TV UNIVATES e coordenador da Rede Prosa, Marcus Staudt, está em contato com o jornalista da Rede Globo Marcelo Canellas para uma possível participação. Ele lembrou, também, que os certificados do 10º Encontro serão encaminhados pela secretaria do COMUNG para o e-mail de cada um dos participantes.

3.3 Rede Canal Futura x Rede Prosa

As TVs universitárias gaúchas parceiras do Canal Futura representam uma fatia significativa da rede mantida pelo Canal. E praticamente todas elas fazem parte da Rede Prosa. Tanto é que, para o próprio Canal, a Prosa é vista como uma rede dentro da rede, já que as motivações e inspirações iniciais foram estimuladas pelo modelo do Futura.

“A Rede Prosa surgiu a partir do conceito de atuação em rede que caracteriza o projeto social de comunicação do Canal Futura, com a proposição de produção de conteúdo seriados de interesse público com suas especificidades micro-regionais, produção colaborativa, ambiente comunicacional de baixa hierarquização. E ainda contribuir tanto no espaço acadêmico como num espaço colaborativo interinstitucional no aprofundamento do propósito de melhorar o padrão de qualidade de formatos e narrativas”. (JACINTO, 2015).

Uma diferença da Rede Prosa para a Rede do Canal Futura e universidades parceiras está na troca. Se para o Futura acontece de maneira unilateral, para a Prosa se dá de forma mútua. Também para o Canal Futura, as TVs universitárias colaboram de maneira não sistematizada, ou seja, não há cobrança para o envio periódico de material. Para a Rede Prosa, é possível a troca esporádica de conteúdo isolado, mas estabeleceu-se a necessidade de compromisso por parte de todos para que a colaboração seja efetiva e permanente. Em relação ao aspecto hierárquico, o grupo passou a contar com um coordenador, Marcus Staudt, da TV UNIVATES, mas apenas como forma de concentrar em uma pessoa o envio de avisos e relatórios. Ou seja, as regras ou processos de trabalho são definidos em conjunto pela Rede.

No momento inicial de trabalho, o Canal Futura foi comunicado formalmente sobre a criação da Rede Prosa e convidado a utilizar na sua programação o conteúdo que começava a ser produzido pelo grupo. O Canal Futura recebeu positivamente a notícia e mostrou-se interessado em abrir espaço para as séries da Rede Prosa e exibir até mesmo reportagens de universidades não parceiras. Representantes do Canal Futura também foram convidados a participar dos encontros promovidos pela Rede Prosa.

Sendo assim, as nove séries produzidas pela Rede Prosa foram acolhidas e exibidas pelo Jornal Futura, programa que geralmente exibe as produções de equipes externas. A primeira motivação foi justamente pelo fato de se tratar de um material realizado por TVs universitárias parceiras. Essas produções tiveram espaço, segundo Wexel (2015) em entrevista à autora, “[...] porque é uma experiência muito interessante você ter uma rede que deriva de outra rede. E o funcionamento em rede é assim, você tem vários modelos e a Rede Prosa é uma experiência pioneira em concentrar essa força”. E mesmo as TVs universitárias que não tinham ligação com o Futura tiveram espaço, como a TV FEEVALE, de Novo Hamburgo, por exemplo. O contato permitiu que, mais tarde, a emissora se tornasse mais uma parceira oficial do Canal Futura.

Como a Rede Prosa tem autonomia em relação ao Canal Futura, não há imposições por parte do Canal nas abordagens ou narrativas. Conforme já colocado, o Canal Futura não costuma veicular reportagens que não tenham passado por uma discussão prévia em uma reunião de pauta. Mas nesse caso, é aberta uma exceção. A cada série finalizada, a equipe de editores do Jornal Futura recebe via FTP todas as reportagens e tem liberdade para utilizá-las. Como programa é exibido de segunda a sexta, geralmente, são escolhidas em média 5 reportagens de cada série, ou seja, nem todas têm espaço para exibição.

Assim que recebem a série de reportagens, os editores do Canal Futura assistem a todas produções e fazem uma seleção daquilo que acreditam que tenham seguido mais

fielmente os critérios defendidos pelo Canal, que afirma não haver distinção ou preferência por determinadas universidades. Como a Rede Prosa está inserida no Rio Grande do Sul e explora um olhar sobre as características do Estado, uma das principais preocupações do Canal Futura está em oferecer um olhar mais global do tema, o que nem todas as produções cumprem.

“A gente segue com esse desafio, esse é um critério, porque a gente quer que a matéria seja entendida por alguém que mora no Piauí. A gente faz uma seleção de acordo com os mesmos critérios mencionados com a rede. Um diferencial que quando se escolhe fazer uma série temática e existem várias TVs de cidades diferentes fazendo, você acaba valorizando ainda mais essa regionalidade. Então, isso é um fator interessante na nossa escolha. Essa abordagem ‘glocal’ pra gente é importante, a gente sabe que as matérias são exibidas na rede, dentro da Rede Prosa, mas a gente segue com o desafio de ter um olhar nacional sobre o tema”. (WEXEL, 2015).

Da primeira série de reportagens sobre “Variação Linguística” foram utilizadas três reportagens (TV UNISINOS, UNISC TV e TV UCPel) no Jornal Futura. Já da segunda série “Escritores Locais” foram cinco (UCS TV, TV UNISINOS, UPF TV, TV UNIVATES E TV UCPel). Da série intitulada “Chimarrão e Processos Etnográficos” foram três reportagens (UPF TV, TV UNIVATES e TV UCPel). Da quarta série que tratou sobre “Voluntariado” foram cinco (UCS TV, TV UNISINOS, UNISC TV, UPF TV e TV UNIVATES). Da quinta série “Índios e Negros” foram seis reportagens no total (TV FEEVALE, TV UPF, TV UNIFRA, UCS TV, UPF TV e TV UCPel). A sexta série, “Esportes Adaptados”, contou com quatro reportagens veiculadas (UCS TV, TV UNISINOS, UPF TV e TV FEEVALE). A sétima série “Arte de Rua enquanto Contracultura” teve cinco reportagens exibidas pelo Canal Futura (TV UNIFRA, TV UNISINOS, UCS TV, TV UNIVATES e TV UCPel). A oitava reportagem “Relação Comunidade e Água” teve quatro reportagens veiculadas pelo Canal (TV UNISINOS, IPA, TV UNIVATES e UCS TV). E, por fim, a nona série intitulada “E o produto, vai como?” teve cinco reportagens exibidas (TV UNIFRA, UNISC TV, TV UNISINOS, TV UNIVATES e UCS TV).

Como forma de qualificar a escolha pelas reportagens de cada série, os editores do Jornal Futura tem proposto um esquema de curadoria de conteúdo, em que a própria Rede Prosa possa sugerir quais as reportagens são mais interessantes para serem exibidas. Segundo Wexel (2015), esse contato permite ampliar a conversa sobre “[...] linguagens que sejam bem entendidas pelo público do Canal Futura e que tenham qualidade narrativa, audiovisual e um aprofundamento na temática, sempre tentando trazer essa atualidade do tema”.

Em entrevista à autora, Jacinto afirmou que o Canal Futura, além de apoiar e valorizar a criação da Rede Prosa, pretende estimular a prática entre outras TVs universitárias parceiras. *“Estamos valorizando a experiência e a formação da Rede Prosa como referencial para que outros canais parceiros do Futura iniciem esse processo em seus estados, cada região, evidentemente, valorizando suas especificidades nas temáticas definidas”*. (JACINTO, 2015). Dessa forma, outras TVs podem experimentar esse tipo de modelo.

4 ANÁLISE DE REPORTAGENS DA REDE PROSA

Uma antiga premissa garante que uma página em branco aceita tudo. Ponto que desafia os profissionais do jornalismo a fazerem o diferente. Mas, há muito tempo, o texto jornalístico se tornou regrado e a narrativa no jornalismo perde espaço nas redações para o texto objetivo, informativo e uma construção simplificada da notícia. Um dos principais problemas está em o que é imposto pelo modelo jornalístico. O profissional quando escreve em um jornal, por exemplo, precisa seguir normas e padrões. Isso acaba se tornando uma prática rotineira, ou seja, como existe um padrão, uma forma de fazer, todos acabam seguindo o mesmo caminho.

Resende (2009) problematiza a questão jornalística na perspectiva de que há modos de narrar que podem possibilitar que se tenha um entendimento da complexidade maior do mundo, que não seja tão redutiva. Mas ele reconhece que o trabalho jornalístico impõe aos profissionais uma série de restrições e a prática cotidiana acaba limitadora. Resende (2009, p.36) acrescenta que o discurso jornalístico tradicional “[...] coloca à disposição do jornalista escassos recursos com os quais narrar os fatos do cotidiano”. Os prazos cada vez mais curtos não permitem uma apuração mais profunda. E, na prática, muitas vezes, o profissional não para para pensar que essa rotina é tão limitadora e acaba reproduzindo, todos os dias, o que aprendeu dentro da redação.

Em seu texto, Resende (2009) ainda explora a questão da objetividade e da verdade, que estão na base do jornalismo. O jornalismo tradicional, preso a uma ideia de verdade e na busca por essa verdade, acaba encontrando legitimidade nesse padrão pré-estabelecido. E aí entra o problema da representação que é feita a partir de determinadas codificações, via de regra, escrita a partir de códigos já pré-estabelecidos que tendem a ser redutores do cotidiano social e que é um problema de representação de uma maneira geral. O público está acostumado com o formato e, por isso, o jornalista faz uso desse modelo, porque sabe que junto dele há legitimidade.

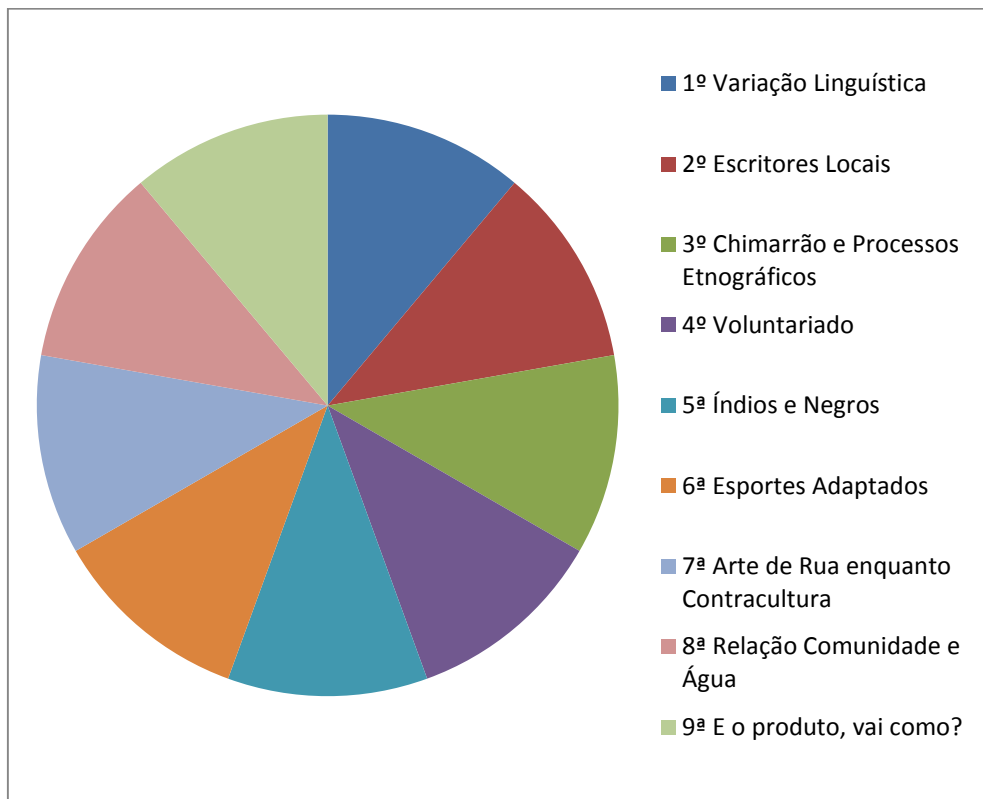
Na narrativa jornalística, a forma autoritária de narrar histórias se mantém, e, de certa forma, com mais agravantes por apresentar-se velada. Envolto no real e na verdade como referentes, além de trazer a imparcialidade e a objetividade como elementos que operam sentidos, o discurso jornalístico tradicional — o que encontra legitimidade epistemológica — coloca à disposição do jornalista escassos recursos com os quais narrar os fatos do cotidiano (RESENDE, 2009, p. 35-36).

Quando falamos em jornalismo televisivo, o que vemos é um modelo reproduzido de reportagens. Enquanto muitos poderiam experimentar e explorar novas narrativas, acabam

fazendo uma cópia do que já existe, do convencional. O formato serve como uma muleta, e o profissional se coloca em uma zona de conforto. Essa própria limitação criada pelo discurso padrão faz com que seja necessário repensar essa prática cotidiana – o formato da matéria.

E essa é uma das preocupações das equipes de TVs universitárias que fazem parte da Rede Prosa. Conforme verificado nas discussões dos encontros e nas entrevistas com os integrantes, a aposta da Rede sempre esteve ligada à ideia de produzir um conteúdo que fugisse das lógicas do jornalismo comercial e que buscasse outro olhar para a narrativa. Na tentativa de trabalhar essa questão, as TVs universitárias da Rede Prosa realizaram em conjunto nove séries de reportagens. Os temas abordados até o momento foram os seguintes:

Gráfico 1 - Temas das Séries realizadas pela Rede Prosa



Fonte: Elaborado pela autora.

O nosso intuito aqui é avaliar a primeira e a nona série, para verificar se as produções atingiram o objetivo, considerando desde a concepção da sugestão de pauta, até o conjunto final apresentado pelo grupo (descrição do processo, descrição das reportagens e análise do produto final). Porém, não encontramos um modelo pronto para ser aplicado diretamente na análise a seguir. Como afirma Gomes (2011, p. 17), “A importância que a televisão assume no

Brasil ainda não produziu, como resultado, o desenvolvimento de métodos de análise adequados de seus produtos”.

Entretanto, para tal exercício, existem referências do próprio Canal Futura, da curadoria e das declarações dos integrantes da Rede Prosa à autora. Uma delas diz respeito aos temas das reportagens. O estímulo e interesse em participar da Rede está fortemente ligado a abordagem de temas que possam retratar as particularidades de cada região, das quais essas universidades estão em atuação:

“Propiciar a integração das várias regiões do Estado, destacando as características individuais e os processos de identidade cultural, de paisagem e de sociedade, numa troca permanente e altamente rica de conteúdos e impressões”. (ANTUNES, 2014).

“[...] a troca de conteúdo proporciona dar visibilidade aos diferentes jeitos, costumes, culturas, potenciais e desafios das diferentes regiões do Estado”. (SPOHR, 2014).

“[...] as TVs desempenham um papel muito importante na criação das identidades locais, que num mundo de globalização se torna um diferencial, além de serem uma alternativa de produção de conteúdo que foge (ou deveria fugir) aos modelos convencionais”. (PEDROSO, 2014).

Outros pontos referem-se à utilização de uma linguagem menos comercial, com expressão universitária, além da unidade das séries realizadas em conjunto (por isso, a criação de uma curadoria). Sendo assim, chegamos a três itens de análise. São eles: a) temática da série; b) linguagem própria; e c) unidade de abordagem da série.

4.1 Primeira Série – Variação Linguística

“Variação Linguística” é o nome da série de reportagens de estreia realizada em parceria pelos integrantes da Rede Prosa, em junho de 2013. A primeira ação concreta executada pela Rede foi exibida pelas TVs universitárias na sequência, em julho do mesmo ano, de maneira livre. Ou seja, cada emissora teve liberdade para utilizar o material dentro da sua grade de programação. A maioria preferiu exibir em formato de série dentro de seus telejornais.

A ideia do tema surgiu no 2º Encontro promovido na UCS, em nove de maio de 2013. O grupo discutiu a importância de trazer características locais para dentro das produções e, por isso, acreditou que, mostrar os sotaques de cada região, fosse um bom caminho inicial. Na

época, sete universidades se comprometeram a entregar o material: UCS, UNISINOS, UNIFRA, UNISC, UNIVATES, UCPel e FEEVALE.

Todas as universidades tiveram cerca de dois meses para produzir, captar e editar as sonoras e as imagens, e postar a reportagem no FTP. Nesse período, o trabalho foi realizado de maneira isolada. Cada equipe esteve preocupada em organizar a demanda da Rede dentro da rotina das redações. Não houve trocas sobre a abordagem do assunto ou estilo de narrativa a ser utilizada por cada universidade.

4.1.1 Temática da Série

O discurso da Rede Prosa baseia-se na ideia de criação de uma identidade regional. Por isso, o intuito do grupo foi em abordar, na primeira série, a variação linguística e retratar a particularidades de cada região onde as universidades parceiras estão inseridas. As equipes das TVs universitárias foram, então, em busca de abordagem e fontes que dessem conta de atender o tema.

Nas cidades onde a influência da colonização é forte, como Caxias do Sul, a opção da UCS TV foi mostrar o costume de falar o *talian*, dialeto passado de geração em geração pelos descendentes da imigração italiana. Os personagens mostram como o hábito está inserido na rotina deles. *“Quem ouve a família Sottoriva conversar, logo percebe que a descendência é italiana. A língua portuguesa eles até sabem, mas preferem falar em talian, porque esse costume vem de outras gerações”*. (ver Apêndice D).

A reportagem da UNISC TV preferiu mostrar como o município incentiva o ensino de alemão. A cidade de Santa Cruz do Sul foi colonizada por alemães, mas a maioria não cultiva o hábito da língua. *“Para incentivar as tradições em Santa Cruz do Sul, a secretaria de educação e cultura apoia o aprendizado da língua alemã. Atualmente, 12 escolas municipais possuem o idioma como disciplina obrigatória”*. (ver Apêndice D).

A reportagem da TV UNISINOS concentrou-se em explicar os motivos que levam São Leopoldo, cidade de colonização alemã, a ter uma mistura de sotaques. *“A região do Vale dos Sinos tem duas universidades, que acabaram se tornando a casa de quem vêm para estudar, para dar aula, mas também para conhecer outras culturas. Por isso é difícil falar em sotaque, mas, sim, em sotaques”*. (ver Apêndice D).

No mesmo caminho seguiu a reportagem da TV FEEVALE, localizada em Novo Hamburgo, cidade vizinha de São Leopoldo. *“A cidade pertence ao Vale dos Sinos e fica próxima a municípios como Ivoti, Morro Reuter e Dois Irmãos, onde a fala carrega fortes*

traços de um dialeto lá da Alemanha, trazido pra cá pelos imigrantes. E mesmo com essa vizinhança, a fala aqui se modificou. Os motivos são a proximidade com a capital e influências econômicas”. (ver Apêndice D).

A TV UCPel trouxe brevemente algumas expressões características de Pelotas e fechou a reportagem com uma explicação da influência que forma a variação linguística da cidade. *“Aqui tem mais influência [...], por exemplo, do espanhol do Uruguai, principalmente do Uruguai, mas um pouco da Argentina. Tem influência da imigração portuguesa. Tem influência da imigração [...] dos negros.* (ver Apêndice D).

A reportagem da TV UNIFRA procurou nas ruas do centro da cidade retratar as características da linguagem local, sem explorar qualquer pesquisador ou fonte oficial. *“Santa Maria tem uma população de cerca de 300 mil habitantes, formada por diversas etnias. É conhecida, também, como cidade universitária, que tem a circulação de milhares de estudantes [...], que ajudam na formação da cultura local”.* (ver Apêndice D).

A reportagem da TV UNIVATES fez uma tentativa de associar o sotaque da região do Vale do Taquari com a produção de leite, do qual é responsável por uma fatia significativa do Estado. Mas a reportagem perdeu o foco e o único momento em que fez referência ao tema da série é quando fala sobre um dos produtores. *“O sotaque carregado e a maneira de se expressar logo identifica seu Hardi como morador de uma região onde predomina a cultura germânica”.* (ver Apêndice D).

O objetivo nesse momento não é o de verificar se as informações trazidas nos textos foram suficientes para sustentar as reportagens, mas sim se a temática proposta foi cumprida. Nesse ponto, podemos afirmar que sim, já que quase todas as equipes buscaram mostrar essa pluralidade de sotaques presentes no Rio Grande do Sul.

4.1.2 Linguagem Própria

Para compreender como estas reportagens foram produzidas, é preciso fazer referência aos programas das TVs universitárias em que elas foram exibidas. A maioria optou por veicular as produções nos seus telejornais, que, muitas vezes, acabam seguindo modelos de TVs comerciais. Dessa maneira, fica difícil fugir do modo de composição característico das reportagens de *off*, sonora e passagem, como verificado no trecho da reportagem a seguir:

[Off] “*Quando os alemães chegaram ao Brasil, há quase dois séculos, São Leopoldo foi um dos locais escolhidos pelos imigrantes. A maioria das famílias hoje tem algum descendente de alemão*”.

[Sonora Gunter Sudow, Voluntário do Museu Histórico de São Leopoldo] “*Meus pais vieram da Alemanha em 1933. E sempre insistiram pra falarmos em casa o alemão correto*”.

[Passagem Repórter, Gabriela Clemente] “*São Leopoldo nunca mais parou de receber pessoas de outros países e de outros estados. A região do Vale dos Sinos tem duas universidades, que acabaram se tornando a casa de quem vêm para estudar, para dar aula, mas também para conhecer outras culturas. Por isso é difícil falar em sotaque, mas, sim, em sotaques*”. (ver Apêndice D).

Por isso, não é possível afirmar que as reportagens trazem uma ruptura ou uma linguagem própria, porque, de certa forma, os jornalistas que as produziram se valeram de recursos ligados à lógica da prática de mercado.

As reportagens fazem uso de uma linguagem, apesar de simples, mais elaborada, como a do *feature*⁷, gênero jornalístico que vai além do caráter factual e imediato da notícia, e opõe-se ao *hard news*⁸, que é o relato objetivo de fatos relevantes para a vida política e econômica.

4.1.3 Unidade de Abordagem da Série

As reportagens da série da Rede Prosa são abertas com uma vinheta produzida para a Rede com seis segundos de duração. A logomarca aparece durante o tempo das produções e há padronização dos geradores de caracteres. Esses recursos oferecem a sensação de unidade. A maior parte das produções apresenta de 2 minutos e 30 segundos a 3 minutos de duração, o que, também, contribui para esse quesito.

Entretanto, as abordagens não se complementam. É certo que cada reportagem deve ter independência uma da outra, mas a ideia de série não é cumprida. Enquanto algumas TVs buscam mostrar como as características que uma região sofre com as influências de outros locais, outras mostraram o resgate de um dialeto nas próprias famílias ou ainda como um município incentiva o ensino do alemão na escola. O fato de cada equipe produzir suas

⁷ O *feature* é um gênero jornalístico que aprofunda o assunto e busca uma dimensão mais atemporal. E se define pela forma, não pelo assunto tratado. Pode ser um perfil, uma história de interesse humano, uma entrevista.

⁸ A expressão jornalística *hard news*, de origem inglesa, designa uma linha editorial especializada em notícias e coberturas mais complexas e densas, como a de fatos econômicos e políticos, bem como a sua contextualização, análise e projeções.

reportagens de maneira isolada contribuiu de forma negativa para que a unidade da série fosse cumprida.

4.2 Nona Série – E o Produto, Vai Como?

“E o produto, vai como” é o nome da nona série de reportagens realizada em parceria pelos integrantes da Rede Prosa, em dezembro de 2014. A produção foi exibida pelas TVs universitárias no mesmo mês e a maior parte fez uso da série dentro de seus telejornais. A ideia do tema surgiu durante o 9º Encontro, promovido pela UCS, Universidade de Caxias do Sul, em 25 de setembro de 2014. Dez universidades entregaram o material: UNIFRA, UNIVATES, FEEVALE, UNISC, UCPel, UNIJUÍ, UPF, UCS, UNISINOS e IPA.

Todas as universidades tiveram mais de dois meses para realizar todo o processo de produção até postar as reportagens no FTP da Rede Prosa. Nesse período, o trabalho foi acompanhado pela curadora da Rede, Adriana Antunes. A intensidade de orientação variou, conforme o contato feito por cada universidade para tratar da abordagem, estilo de narrativa e revisão do texto.

4.2.1 Temática da Série

A ideia de mostrar o caminho percorrido por produtos pareceu, para parte do grupo, uma saída interessante para seguir um dos objetivos da Rede Prosa, que é o de retratar temas que mostrem peculiaridades de cada região. Nas suas redações, as equipes procuraram identificar produtos que caracterizassem as suas localidades. A troca de informações e orientações com a curadora evitou que os produtos se repetissem, já que algumas universidades são próximas umas das outras e poderiam escolher o mesmo foco.

A TV UNIVATES abordou o caminho do leite, já que a região do Vale do Taquari é representativa nesse setor. *“Quanto mais próximo da indústria a localização da propriedade, diminui o tempo de transporte, o que pode melhorar a garantia da qualidade. Outro fator importante é a higiene. Ou seja, o caminhão, quando ele vai receber o leite, tem que ser higienizado. E o tanque, que resfria o leite até o momento da coleta, também merece uma atenção especial na questão da higiene”*. (ver Apêndice E).

A TV FEEVALE abordou o setor coureiro-calçadista, que continua sendo de grande importância para economia e o desenvolvimento da cidade. *“Aqui nós recebemos todas as mercadorias de nossos clientes, onde a gente coleta todos os dias. Temos caminhões de*

expedições e daí a gente traz mercadoria pro Brasil inteiro ou pra alguma região em específico. E aqui a gente descarrega, roteiriza por estado, região ou transportadora que vai fazer essa distribuição final”. (ver Apêndice E).

A TV UNISINOS optou por mostrar o caminho percorrido pelas cervejas artesanais até chegar ao consumidor final. O segmento tem crescido na região do Vale do Sinos, onde o canal está situado. *“Com relação ao transporte da cerveja em si, nós temos que considerar que, quando mais próximo do local de venda, melhor. Porque ela vai sacudir menos, ela vai trabalhar menos fisicamente”. (ver Apêndice E).*

Como a região de Pelotas é a maior produtora de pêssego do país, a TV UCPel deu ênfase para esse assunto. A reportagem também abordou o impacto positivo das obras de duplicação das BR 116 e BR 392 na região para que o produto chegue mais rápido aos destinos. *“Depois de muito trabalho aqui na indústria, pra chegar até o consumidor a viagem é longa. Maurício vai viajar dois mil quilômetros para chegar a Belo Horizonte. Vão ser três dias de viagem, que poderia ser um pouco mais segura com a estrada duplicada”. (ver Apêndice E).*

A UNISC TV falou sobre a cuca alemã, um prato típico da culinária de Santa Cruz do Sul. *“Em média, 400ucas são produzidas a cada madrugada. O processo dura em torno de seis horas, entre a preparação da massa e da cobertura, o momento de levar ao forno e o resfriamento para colocar as embalagens. Feito isso, os funcionários organizam os pedidos de acordo com as rotas de entrega e, ao amanhecer, levam asucas até os mercados da região”. (ver Apêndice E).*

Como está localizada no centro do estado, Santa Maria possui grande relevância no transporte de cargas. Por isso, a TV UNIFRA preferiu mostrar como passa o produto pela cidade, que é uma das principais rotas do escoamento da safra. *“As rodovias não são a única opção para o transporte dos produtos. A Malha Ferroviária de Santa Maria e região possui 2,4 mil km. Ela está ligada a quatro pontos estratégicos: Rio grande, Uruguaiiana, Porto alegre e Cruz Alta. Os produtos que mais passam por aqui são granéis e adubos de diferentes regiões e com destinos diversos. Mas o produto que mais fica na cidade é de combustíveis. São descarregadas, em média, 800 toneladas por dia”. (ver Apêndice E).*

A UCS TV mostrou como as massas produzidas em São Marcos, localizada a 36 quilômetros de Caxias do Sul, chegam a diferentes cidades. *“Seu Gilmar trafega pela BR 116 todas as vezes que precisa entregar um agnoline em Caxias do Sul. Ele deixa de lado o trabalho como pedreiro, para ajudar no negócio da família. O movimento é grande e a estrada é sinuosa, fatores que exigem um cuidado maior”. (ver Apêndice E).*

Quando se pensa em produto, logo se imagina em algo palpável, mas a UPF TV optou por falar da educação. *“Passo Fundo é uma cidade universitária e seu principal produto é a educação. Aqui, a movimentação nesse campo é permanente, através de faculdades, centros de ensino e universidades”*. (ver Apêndice E).

A reportagem do IPA mostrou como os produtos hortigranjeiros e agroindustrializados sem substâncias sintéticas chegam até a Feira Ecológica de Porto Alegre. *“A entrega, a gente faz em dois dias, terças e sextas de manhã, e a gente está dando um limite, porque entregava três dias da semana, e a gente achou demais. Estava um esgotamento muito grande, então delimitamos: terças e sextas-feiras. O que cabe na camionete, no carro, são 30 entregas na terça e um pouco menos na sexta”*. (ver Apêndice E).

Por fim, a UNIJUÍ mostrou como o alimento produzido pela agroindústria familiar chega às mesas como merenda escolar dos alunos da cidade. *“Para poder levar todos esses alimentos até o consumidor final, o seu Gelson faz cerca de duas viagens por semana, com um veículo comprado especialmente para isso”*. (ver Apêndice E).

Dessa maneira, podemos afirmar que a temática proposta pelo grupo consegue atender a expectativa de mostrar as características locais, hábitos e particularidades. A diversidade relatada ajuda a construir e mostrar a identidade do Estado.

4.2.2 Linguagem Própria

Desde o início da realização das séries em conjunto, a maioria das TVs universitárias da Rede Prosa exibem as reportagens em seus telejornais, conforme já mencionado. Esse pode ser apontado como um dos fatores que contribui para que muitas equipes ainda se valham do formato convencional de reportagem, composto por *off*, sonora e passagem. Mas existem tentativas interessantes nesta série, como a reportagem do IPA e da TV UNISINOS, que exploraram uma linguagem que se aproxima mais do estilo documental. As reportagens são construídas a partir dos depoimentos mesclados dos entrevistados, sem a interferência do repórter, com clipes de imagens e uso de trilha e som ambiente.

[Sonora Cláudia Bos Wolff, agricultora ecológica] *“Uma coisa que eu acho, assim, que deu muito certo, que foi inovador na época, é que a feira tinha que ser do produtor direto. Então, assim, não poderia ter outra pessoa vendendo. E é até hoje. Então, assim, tu vem na feira e vai encontrar o próprio agricultor vendendo o seu produto”*.

[Sonora Bernardo Iochpe, engenheiro agrônomo] *“A seriedade. Ele vende uma vez, vende duas e hoje ele vende na feira há 25 anos. Então ele sabe que essa parceria consumidor-produtor, vai perdurar”*.

[Sonora Juarez Antônio Felipe Pereira, agricultor ecológico] *“Da mesma forma que a gente vem e traz histórias, a gente também leva histórias. E isso vai se constituindo uma cultura”*. (ver Apêndice E).

[Sonora Cristiano Winck, Proprietário de Microcervejaria] *“Por isso que tem aquele ditado, né? Que a melhor cerveja é aquela que tu consegue enxergar a chaminé da fábrica. Tu vai tá tomando ela mais fresca”*.

[Sonora Guilherme Caon, Professor e Mestre Cervejeiro] *“Algumas das cervejas pra distâncias mais longas, elas passam, na verdade, por um processo de pasteurização”*.

[Sonora Cristiano Winck, Proprietário de Microcervejaria] *“A pasteurização aumenta o tempo de vida útil na prateleira, fora do gelo. Então todas as grandes cervejarias pasteurizam suas cervejas e muitas microcervejarias também pasteurizam”*. (ver Apêndice E).

Outra reportagem que trabalhou um formato diferente das demais foi a da TV FEEVALE, que foi conduzida durante todo o tempo pela repórter:

[Repórter Eliza Maliszewski] *“Todos os dias, é pelas rodovias que vai 80% do calçado produzido no Vale do Sinos. E nós vamos pegar carona nessa viagem. Vanderlan, tudo bem?”*

[Sonora Vanderlan Franco, caminhoneiro] *“Tudo bem, boa tarde”*.

[Repórter Eliza Maliszewski] *“Boa tarde. A gente vai pra onde?”*.

[Sonora Vanderlan Franco, caminhoneiro] *“Pra Buenos Aires”*.

[Repórter Eliza Maliszewski] *“E como é que é o procedimento antes de partir?”*. (ver Apêndice E).

Não é possível dizer que a partir dessas experiências possa surgir uma linguagem própria da Rede Prosa. Mas é válido verificar o movimento das equipes em experimentar e sair do formato convencional. Esse tipo de situação pode influenciar e motivar que as demais equipes sigam o caminho de ousar, mesmo com o risco do erro.

Um ponto a se destacar em algumas dessas reportagens é em relação à maior naturalidade na expressão das fontes adquirida através do uso do microfone do tipo lapela ou *boom*⁹; que não aparece, por isso não interfere no ambiente mostrado pela câmera. E, por ficar mais afastado, inibe menos o personagem. Outro recurso presente é o uso do *background* (BG), o chamado som ambiente, emoldurando o ambiente e construindo significado para as reportagens.

4.2.3 Unidade de Abordagem da Série

A exemplo das outras produções, as reportagens dessa série são abertas com uma vinheta produzida para a Rede, com seis segundos e seguem um padrão específico de geradores de caracteres. O tempo de duração das reportagens varia bastante. A mais curta, da TV UCPel, apresenta três minutos e 45 segundos e a mais longa, a da TV FEEVALE, tem seis minutos e 41 segundos. Esse ponto não contribui para a unidade do conjunto, porque evidenciou que algumas produções aprofundam mais o tema em relação às outras.

Entretanto, no que se refere às abordagens, é possível afirmar que há unidade, já que as reportagens se complementam. Como todas as equipes fizeram contato com a curadora, o resultado refletiu nessa característica para a série. Ao saber dos temas, a curadora orientou na abordagem, na escolha pelas fontes, no direcionamento das perguntas e fez sugestões para a captação de imagens. Algumas equipes ainda tiveram a chance de terem seus textos revisados antes de partirem para a edição de imagens. Em maior ou menor grau, as reportagens demonstram que houve pesquisa, ou seja, as equipes procuraram identificar produtos característicos das suas regiões, como eles estão inseridos na realidade dos locais e que caminho é necessário para chegarem ao consumidor. Esse aspecto sinaliza que a curadoria foi um ponto importante conquistado pelo grupo.

⁹ O *boom* é um microfone direcional, preso em uma longa haste, utilizado para captar áudio a uma distância maior.

5 CONCLUSÃO

No início de 2013, quando o tema deste estudo foi definido, a Rede Prosa havia acabado de nascer e não sabia exatamente no que se transformaria. Nós corríamos, até mesmo, o risco de a iniciativa não ir adiante. Porém, um entusiasmo nesse grupo de TVs universitárias gaúchas chamava a atenção de quem com ela interagia diretamente. Atualmente, em 2015, com 12 universidades participantes, a história da Prosa ainda é recente, mas já reconhecida pelas universidades e considerada necessária para a ampliação da discussão do trabalho desenvolvido dentro das TVs universitárias. E não só para as TVs universitárias gaúchas, conforme afirmou Daniel Pedroso, Gerente de Programação e Conteúdo TV/Rádio UNISINOS, em entrevista à autora: “[...] a Rede tem um potencial para se tornar um banco de práticas e ideias (de conteúdo, de modelo de negócios e de novas linguagens), que podem ser usadas por outras TVs”.

Neste momento, em que a experiência dessa Rede consolida-se, e pode, no futuro, servir como modelo para outras TVs universitárias, como os próprios integrantes acreditam, é fundamental que se entenda quais as maneiras de envolver tantos profissionais, de diferentes universidades e realidades em termos de estrutura humana e técnica, mas com um objetivo de trabalho em comum. E é esse ponto que o trabalho perseguiu: estudar a experiência da Rede Prosa e sua produção jornalística colaborativa.

Para realizar a pesquisa, partimos em busca de embasamento teórico sobre a TV universitária e verificamos que esse tema ainda é pouco estudado. Esse aspecto nos motivou ainda mais a insistirmos no assunto para o estudo. Para que um desafio seja superado, é preciso que ele seja explorado ao máximo. Ou seja, quanto mais pesquisas voltadas para o segmento, mais perto das respostas ficaremos. Nós fomos, também, em busca sobre conceitos do trabalho em rede, para chegarmos até a construção da Rede Prosa e suas séries de reportagens geradas de forma colaborativa. A partir daí, constatamos a necessidade de mostrarmos o exemplo da rede mantida pelo Canal Futura e de conversarmos com profissionais do Canal, para que nos trouxessem informações sobre essa experiência e mostrassem que nada acontece isoladamente ou se chega onde está, sem que se tenham movimentos anteriores.

Como parte do trabalho, fez-se necessário acompanhar os encontros realizados pela Rede Prosa e colher depoimentos (via e-mail) com os participantes em dois momentos distintos: o primeiro, logo no início da construção da Rede e, outro, quando a Prosa já havia concluído mais de dois anos de trabalho. Foi possível perceber a forma como as equipes se

sentiam responsáveis e interessadas em fazer parte do processo. Além do desafio de conviver com o novo, o trabalho em rede desperta nos participantes o sentimento de estar empenhado em contribuir com uma nova realidade para as TVs universitárias. A motivação dos integrantes está na consciência de que é possível fazer mais, porque existe potencial. Ele só precisa ser encontrado.

Ao concordarem em fazer parte da Prosa, os integrantes precisaram passar a pensar em rede, o que não é fácil. Foi necessária uma mobilização contínua das equipes envolvidas ou, então, ela poderia perder forças e terminar a qualquer momento. Por muitas vezes, alguns integrantes lembravam os demais de que era necessário manter o alto nível da motivação e ter cuidado para que os laços entre os parceiros não fossem enfraquecidos.

Ao assumir o trabalho em rede, as TVs universitárias entenderam que seria preciso identificar os problemas e conhecer a realidade umas das outras, a fim de saber da competência de cada uma para contribuir na resolução da situação problema. Por isso, a opção esteve em realizar encontros periódicos, revezados entre as universidades. A cada dois ou três meses, uma instituição ficava responsável em acolher os colegas. Momentos que permitiram entrar em contato direto com a estrutura física (equipamentos, estúdios, sala de redação e salas de edição), com as equipes e com a programação que cada TV coloca no ar. As universidades estão localizadas no mesmo Estado, mas eram poucos os profissionais que já haviam saído dos seus próprios locais de trabalho.

Ao comparecer aos encontros realizados pela Rede Prosa, foi possível acompanhar tentativas de autoanálise de integrantes das TVs universitárias parceiras. Perguntas como: “Estamos no caminho certo?”, “Que caminhos devemos seguir?”, “Para quem devemos e queremos falar?”, “Qual linguagem é a mais adequada?”, “Quais são os modelos de produção e negócio ideais?” eram frequentes. Para os participantes, o primeiro passo para responder essas questões foi dado. Ou seja, ao quebrar a barreira da falta de tempo e da distância, e estabelecer uma comunicação entre os veículos, abrem-se as possibilidades de investigação. Desde o início, os encontros possibilitaram, também, que os representantes das TVs universitárias compartilhassem problemas isolados. E não foram poucas as situações em que a ajuda veio de maneira imediata. Dou um exemplo simples: a representante da TV UNISC deu dicas de como melhorar a página da TV UNISINOS e TV UNIVATES no *Youtube*, a partir do que era aplicado na própria TV de Santa Cruz do Sul.

Nesse ponto, a palavra que dá nome à Rede parece certa. Prosear, conversar e dialogar pode representar um caminho efetivo para o que os profissionais das TVs universitárias buscam. Cada TV isolada na sua cidade, dentro da sua universidade e das suas

realidades, não tem força para sozinha encontrar seu verdadeiro espaço. O trabalho coletivo pode ser visto como uma das únicas possibilidades de chegar a uma produção mais próxima do ideal da TV universitária. Por isso, a importância de iniciativas como a da Rede Prosa.

Para a análise de duas séries de reportagens, optamos pelo primeiro e o último movimento em conjunto, a fim de verificar se o grupo avançou dentro daquilo que pretendia. As TVs universitárias da Rede Prosa conseguiram trazer temas que retratassem as regiões onde as universidades estão inseridas. Outro ponto de crescimento diz respeito a maior unidade nas abordagens das reportagens, conquistada a partir da curadoria proposta para o grupo. Entretanto, as equipes apresentaram dificuldades em fazer avançar o propósito da rede de inovar e não repetir o que já é explorado pelas TVs comerciais. É preciso mais para que elas possam atingir uma linguagem com expressão universitária, por exemplo.

O que está por trás de toda essa experiência, se refere à tentativa de entregar ao público um material de qualidade. Os integrantes da Rede Prosa compreendem, assim como Traquina (2005), que os jornalistas, mais do que operários de uma simples notícia, são agentes transformadores, porque contribuem ativamente para a realidade. Sendo assim, uma das principais contribuições das TVs universitárias está em oferecer informações que possibilitem que as pessoas possam construir conhecimento e opiniões próprias, não apenas como um consumidor automático de informações.

Para um segmento que tem 20 anos de vida, esse tipo de iniciativa entre as TVs universitárias gaúchas pode parecer pouco perto do que elas podem representar. Mas não podemos deixar de reconhecer a importância e a riqueza da experiência coletiva relatada sobre a Rede Prosa, que demonstra a responsabilidade que o jornalismo de uma TV universitária tem de produzir conteúdos que contribuam para que seus telespectadores entendam o mundo em que estão inseridos. Não há uma resposta definitiva, porém novos caminhos podem surgir a partir dessa articulação.

REFERÊNCIAS

ALEGRIA, João. **Telejornalismo educativo e produção em rede**: introdução às práticas de produção do Núcleo de Jornalismo do Canal Futura. Rio de Janeiro: Canal Futura, 2014.

ALEGRIA, João. **Telejornalismo educativo e produção em rede**: introdução às práticas de produção do Núcleo de Jornalismo do Canal Futura. Rio de Janeiro: Canal Futura, 2012.

ARGOLLO, Rita Virginia; BARRETO, Betânia Maria Vilas Bôas. TV UESC: uma proposta de telejornalismo voltada para a cidadania e experimentação de linguagens. In: FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ), 11., 2008, São Paulo; ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=273&cf=12>>. Acesso em: 14 maio 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TELEVISÃO UNIVERSITÁRIA (ABTU). Disponível em: <http://www.abtu.org.br/WebSite/?page_id=1506>. Acesso em: 10 maio 2013.

AZAMBUJA, Cíntia. **Jornalismo educativo**: da teoria à prática na TV universitária. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) -- Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.estacio.br/mestrado/educacao/dissertacoes/dissertacao_cintia_azambuja.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2013.

BARROS, F. Produção e edição colaborativa na internet: o caso do Overmundo. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 19, 2007.

BECKER, Howard, S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes (USP)**, São Paulo, v. 1, p. 73-88, 2008. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/85/130>>. Acesso em: 3 mar. 2014.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.

BUCCI, Eugênio. **Em Brasília, 19 horas**: a guerra entre a chapa branca e o direito à informação no primeiro governo Lula. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CALLIGARO, Donesca. **TVs universitárias**: um panorama das emissoras no Rio Grande do Sul. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC), Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=788>. Acesso em: 6 jan. 2015.

CANAL FUTURA. **Jornal Futura**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.futura.org.br/programacao/jornal-futura/>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO VALE DO TAQUARI (UNIVATES). **A TV UNIVATES**. Lajeado, [2014?]. Disponível em: <<http://www.univates.br/tv/a-tv>>. Acesso em: 10 maio 2014.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO VALE DO TAQUARI (UNIVATES). **Programação 1º Encontro Rede Prosa**. Lajeado, 2012. 1 folder.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO VALE DO TAQUARI (UNIVATES). **Programação 8º Encontro Rede Prosa**. Lajeado, 2014. 1 folder.

CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCO (UNIFRA). **Programação 6º Encontro Rede Prosa**. Santa Maria, 2014. 1 folder.

CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCO (UNIFRA). **Sobre a TV UNIFRA**. Santa Maria, [2014?]. Disponível em: <<https://tvunifra.wordpress.com/sobre/>>. Acesso em: 10 maio 2014.

CONSÓRCIO DAS UNIVERSIDADES COMUNITÁRIAS GAÚCHAS (COMUNG). **Certificado de participação**. [S.l., 2014]. Documento em PDF.

CONSÓRCIO DAS UNIVERSIDADES COMUNITÁRIAS GAÚCHAS (COMUNG). **Sobre o COMUNG**. Rio Grande do Sul, [2014?]. Disponível em: <<http://www.comung.org.br/sobre-o-comung/>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

CONSÓRCIO DAS UNIVERSIDADES COMUNITÁRIAS GAÚCHAS (COMUNG). **Termo de compromisso**. [S.l., 2013]. Documento em PDF.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Itania Maria Mota (Org.). **Gênero televisivo e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: Edufba, 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JORNAL Futura. Rio de Janeiro: Canal Futura, 7 mar. 2014. Programa de TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aGun49Cvf5w>>. Acesso em: 18 jan. 2015.

MAGALHÃES, Cláudio Márcio. Dossiê TV universitária: 45 anos de experiência. **Revista ABTU – TV Universitária + TV Pública**, São Paulo, v. 1, p. 8-14, 2013.

MOREIRA, Fernando. RITU alcança balanço positivo. **Revista ABTU – TV Universitária + TV Pública**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 40, 2014. Disponível em: <<http://www.abtu.org.br/WebSite/wp-content/uploads/2014/11/Revista-ABTU-n01-baixa-resolu%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2015.

PEREIRA, Chico. **Registro de laboratório de construção de pauta na UNISINOS** [Fotografia] [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <vanessaiores@gmail.com> em 20 nov. 2012.

PORCELLO, Flávio A. C. **TV universitária: limites e possibilidades**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PRIOLLI, Gabriel. A TV pública é importante? **Revista Cult**, São Paulo, ed., 115, 2010. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/a-tv-publica-e-importante/>>. Acesso em: 2 mar. 2014.

PRIOLLI, Gabriel. Estatal ou pública? A TV que não ousa dizer o nome. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, ano 18, n. 839 2008. Disponível em: <<http://www.observatorio.daimprensa.com.br/artigos.asp?cod=470TVQ001>>. Acesso em 20 dez. 2014.

PRIOLLI, Gabriel. Televisão universitária: TV educativa em terceiro grau. **Verso & Reverso**, São Leopoldo, v. 17, n. 36, p. 9-25, 2003.

PRIOLLI, Gabriel; PEIXOTO, Fabiana. **A TV Universitária no Brasil**. os meios de comunicação nas Instituições Universitárias da América Latina e Caribe. São Paulo: Associação Brasileira de Televisão Universitária, 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001399/139903por.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

RAMALHO, Alzimar R. **Mapa da TV universitária brasileira**. São Paulo: Associação Brasileira de Televisão Universitária, 2011. Disponível em: <<http://www.abtu.org.br/site/wp-content/uploads/2013/07/Mapa-da-TV-Universitaria-Brasileira.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

RAMALHO, Alzimar R. **O perfil da TV universitária e uma proposta de programação interativa**. 2010. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo 2010.

RESENDE, Fernando. O Jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.

REDE PROSA. [S.l., 2014?]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC1uQgb5YcTgb-40nDwr2IfA>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

REDE PROSA. Universidade. [S.l.], 2012. Disponível em: <<facebook.com/redeProsa>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

TORVES, José Carlos. **Televisão pública**. Porto Alegre: Evangraf, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS (UCPEL). **Programação 7º Encontro Rede Prosa**. Pelotas, 2014. 1 folder.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS (UCPEL). **TV UCPEL**. [2014?]. Disponível em:<<http://antares.ucpel.tche.br/tvucpel/home/>>. Acesso em: 10 maio 2014.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL (UCS). **A UCS TV**. Caxias do Sul, 2014. Disponível em:< <http://ucstv.com.br/about/>>. Acesso em: 10 maio 2014.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL (UCS). **Programação 9º Encontro Rede Prosa**. Caxias do Sul, 2014. 1 folder.

UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA (UNICRUZ). **Apresentação Unicruz TV**. Cruz Alta, [2014?]. Disponível em: <www.unicruz.edu.br/apresentacao-c60.html>. Acesso em: 10 maio 2014.

UNIVERSIDADE FEEVALE. **TV FEEVALE**. Novo Hamburgo, [2014?]. Disponível em: <<http://www.feevale.br/institucional/marketing/tv-feevale>>. Acesso em: 10 maio 2014.

UNIVERSIDADE FEEVALE. **Programação 4º Encontro Rede Prosa**. Novo Hamburgo, 2013. 1 folder.

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO (UPF). **Programação 5º Encontro Rede Prosa**. Passo Fundo, 2013. 1 folder.

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO (UPF). **Sobre a UPF TV**. Passo Fundo, 2008. Disponível em: <http://www.upf.br/tv/index.php?option=com_content&view=article&id=14&Itemid=14>. Acesso em: 10 maio 2014.

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL (UNISC). **Programação 10º Encontro Rede Prosa**. Santa Cruz do Sul, 2014. 1 folder.

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL (UNISC). **UNISC TV**. Santa Cruz do Sul, [2014?]. Disponível em: <www.unisc.br/portal/pt/cursos/graduacao/producao-em-midia-audiovisual/unisc-tv.html>. Acesso em: 10 maio 2014.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS). **Programação 3º Encontro Rede Prosa**. São Leopoldo, 2013. 1 folder.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS). **Sobre a TV UNISINOS**, [2014?]. Disponível em: <https://www.facebook.com/tvunisinos/info?tab=page_info>. Acesso em: 10 maio 2014.

WAINER, Julio. Processos de criação e gestão de uma TV Universitária. **Revista ABTU – TV Universitária + TV Pública**, São Paulo, v. 1, n. 01, 2014, p.7-13.

WEXEL, Juliana. **Registro reunião de pauta – Canal Futura**. [Fotografia] [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <vanessaioiris@gmail.com> em 20 jan. 2015.

APÊNDICE A - 1ª ETAPA DE ENTREVISTAS REDE PROSA

Adriana Antunes, Diretora de Programação UCS TV, de Caxias do Sul. Entrevista concedida via e-mail, em julho de 2013.

Qual o interesse e motivação da UCS TV em participar da Rede Prosa?

Antunes: Propiciar a integração das várias regiões do Estado, destacando as características individuais e os processos de identidade cultural, de paisagem e de sociedade, numa troca permanente e altamente rica de conteúdos e impressões.

Como encara a produção colaborativa em Rede?

Antunes: Acho que estamos dando um importante passo na construção de uma comunicação coletiva e horizontal, mostrando que não há um aspecto ou região mais importante que a outra, mas que justamente por sermos diferentes, temos focos de atenção diferentes e que é nesse contexto que as riquezas se sobressaem.

O que pode ser agregado à realidade dessa Instituição?

Antunes: As múltiplas visões das regiões que participam da rede, o respeito ao processo de produção das TVs parceiras e a troca de conteúdo e conhecimento.

Daiane Balardin, Coordenadora de Reportagem da UNISC TV, de Santa Cruz do Sul. Entrevista concedida via e-mail, em julho de 2013.

Qual o interesse e motivação da UNISC TV em participar da Rede Prosa?

Balardin: Nosso interesse parte da ideia de que a formação de uma rede de TVs Universitárias Gaúchas é uma forma de unir forças para mostrar a importância e o valor do jornalismo universitário. E também pela oportunidade de mostrar nosso trabalho em outras TVs, assim como divulgar trabalhos das nossas parceiras.

Como encara a produção colaborativa em Rede?

Balardin: Essa troca de reportagens que está se desenvolvendo através da Rede será de grande importância para todas as Tevês, uma vez que, além de colaborar e dar um “fôlego” em nossa produção diária de matérias é uma oportunidade de nossos repórteres divulgarem seus trabalhos e levar um pouco de cada município e universidade para diferentes telespectadores.

O que pode ser agregado à realidade dessa Instituição?

Balardin: É muito importante a gente conhecer a realidade de cada TV Universitária e, dessa forma, trocar ideias, conhecimentos e, principalmente, experiências. Conhecer os estúdios, a rotina de gravação e, também, os programas das TVs parceiras é uma forma de despertar ideias em cada equipe. Acredito que a Rede Prosa só tem a acrescentar conhecimentos para a realização de trabalhos de sucesso.

Mariangela Recchia Correa, Coordenadora Executiva da TV UNIFRA, de Santa Maria. Entrevista concedida via e-mail, em julho de 2013.

Qual o interesse e motivação da TV UNIFRA em participar da Rede Prosa?

Correa: A Rede Prosa nasceu de uma proposta conjunta de universidades ou centros universitários que buscam a construção de matérias em rede para troca de conteúdo. A TV UNIFRA esteve presente já no embrião desse processo e, entende que essa parceria irá contribuir para o crescimento de todas as instituições de ensino participantes em muitos aspectos: a busca constante por novos olhares sobre o conteúdo produzido por cada uma delas; a experimentação de novos formatos para veiculação da notícia; a possibilidade de ampliação de matérias mais produzidas em cada uma das grades de programação uma vez que como participante de rede a instituição de ensino terá a chance de exibir VTs produzidos por outros participantes, desafogando assim a produção diária local e permitindo que sua equipe foque em matérias especiais. Além disso, tudo, a troca constante de experiência e, até mesmo as visitas presenciais em cada uma das TVs - já que há uma rotatividade nos encontros mensais - permitirão melhorias na qualidade de produção e exibição de todas as TVs, pois a

cada encontro conhecemos as rotinas produtivas desses veículos bem como o que cada um dispõe em termos de equipamentos e equipe técnica.

Como encara a produção colaborativa em Rede?

Correa: Da melhor forma possível, pois essa atividade coloca em prática o conceito de inteligência coletiva de Levy. É evidente que quanto mais cabeças pensando na mesma direção, mais aproveitamento e crescimento alcançaremos. Lançada uma temática para a produção de um VT em rede, cada instituição de ensino tem autonomia para trabalhá-la e, dessa diversidade de olhares e formas de produzir - seja em termos de conteúdo, enquadramento, etc - uma universidade aprenderá com a outra, novas linguagens audiovisuais e até mesmo de gestão de pessoal. Por quê não?

O que pode ser agregado à realidade dessa Instituição?

Correa: Tudo. Basta querer ver. Uma televisão universitária que - a princípio, por veicular em canal fechado, tem uma abrangência microrregional - poderá ganhar destaque em todo estado, conforme estão localizadas suas parceiras. Projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos pela TV UNIFRA, por exemplo, podem ser exibidos na grande Porto Alegre, Caxias do Sul, Pelotas e Lajeado, fomentando, assim, novas parcerias em outras áreas do conhecimento e até mesmo despertando interesse de futuros universitários que pretendem seguir nas áreas de atuação exibidas nas reportagens. Outro olhar que essa rede pode trazer é em termos de equipamentos e condições de trabalho. Assim que confrontarmos o que temos em termos de tecnologia e equipe com as demais instituições de ensino da rede, vamos identificar em que setores ainda temos que buscar excelência e em que setores podemos servir de modelo. Diante desse cenário, poderemos oferecer oficinas para os integrantes da rede, sempre buscando a qualificação desse grupo.

Luciana Kraemer, Professora de Jornalismo do IPA, de Porto Alegre. Entrevista concedida via e-mail, em julho de 2013.

Qual o interesse e motivação do IPA em participar da Rede Prosa?

Kraemer: Por ser um espaço de troca de saberes sobre o fazer em TVs universitárias, rara oportunidade para conhecer a realidade deste lugar de produção de conteúdo audiovisual que é o âmbito da universidade. Há que se considerar que boa parte destas televisões iniciou sua operação há menos de dez anos no país. Por possibilitar a troca de conteúdo audiovisual, o que dá visibilidade para a produção de conteúdo em instituições de ensino superior que necessitam de maior reconhecimento no mercado, assim como no próprio campo universitário. Por possibilitar o exercício da colaboração como um modelo solidário de produção que - ao meu ver - deve ser estimulado.

Como encara a produção colaborativa em Rede?

Kraemer: Uma chance de conhecer realidades de produção e de linguagens diferenciadas levando em conta realidades comuns.

O que pode ser agregado à realidade dessa Instituição?

Kraemer: Sem resposta.

Laerte da Silva Dorneles, Jornalista da TV FEEVALE, de Novo Hamburgo.
Entrevista concedida via e-mail, em julho de 2013.

Qual o interesse e motivação da TV FEEVALE em participar da Rede Prosa?

Dorneles: O nosso interesse em participar da Rede Prosa se dá, principalmente, pela troca de experiências e contato com as outras realidades das TVs universitárias. Mas também pela nossa cultura de agregar parcerias, pois, para a fecharmos a nossa grade de programação, tivemos que buscar parceiros e com isso estamos sempre abertos para a possibilidade de trocas de conteúdo.

Como encara a produção colaborativa em Rede?

Dorneles: Muito positiva, pois é uma forma de ampliarmos a divulgação de nosso trabalho e também oferece ao telespectador de nossa rede uma amostra do mosaico cultural de nosso estado.

O que pode ser agregado à realidade dessa Instituição?

Dorneles: Ao meu ver, nos possibilita oferecer outras visões, outros modos de fazer TV que contribui não só como uma oferta para os nossos telespectadores, mas também como aprendizado para os estagiários e alunos de TV da instituição.

Sandro Kirst, Coordenador da TV UNIVATES, de Lajeado. Entrevista concedida via e-mail, em julho de 2013.

Qual o interesse e motivação da TV UNIVATES em participar da Rede Prosa?

Kirst: A UNIVATES, bem como as demais componentes da Rede Prosa e do COMUNG, são instituições comunitárias, por isto, o espírito de colaboração e de aproximação já está em nosso DNA. Participar de uma Rede de Parceiros, como no caso da Futura, é muito bom, mas nos desperta curiosidades e estímulos. E quando nessa mesma condição encontramos parceiros locais, é quase natural pensarmos em possibilidades e desafios integrados.

Como encara a produção colaborativa em Rede?

Kirst: Natural e espontaneamente. Como já explicitado, isto está em nosso processo natural de realização das coisas, tanto comunitariamente como profissionalmente. Os desafios são maiores, pois temos de não só discutir, mas aceitar as diferenças e estabelecer um processo permanente de crítica e evolução.

O que pode ser agregado à realidade dessa Instituição?

Kirst: Esperamos agregar qualidade no que produzimos e veiculamos enquanto TV, amplitude de ações como ICES, otimização do impacto causado na sociedade local, regional e estadual e o exercício e respeito aos nossos princípios e valores de integração de participação social.

Taís Rizzotto, Supervisora da UPF TV, de Passo Fundo. Entrevista concedida via e-mail, em julho de 2013.

Qual o interesse e motivação da UPF TV em participar da Rede Prosa?

Rizzotto: Em trocar experiências entre emissoras com a mesma realidade. Ver como as parceiras encontram soluções para suas dificuldades. Trocar conteúdo. Ampliar rede de relacionamento.

Como encara a produção colaborativa em Rede?

Rizzotto: Muito rica. Tem sido um aprendizado. Com a curadoria de uma colega jornalista da UCS TV, conseguimos aprender ainda mais. A tendência é que seja cada vez melhor.

O que pode ser agregado à realidade dessa Instituição?

Rizzotto: A partir do momento que cada Universidade tem suas especificidades e cada uma ganha visibilidade com a iniciativa da rede Prosa, a imagem dessas instituições ganha em visibilidade. Pesquisas, projetos de extensão e outros estudos da instituição com destaque estadual.

Marcus Spohr, Coordenador Geral da TV UCPel, de Pelotas. Entrevista concedida via e-mail, em julho de 2013.

Qual o interesse e motivação da TV UCPel em participar da Rede Prosa?

Spohr: A troca de conteúdo proporciona:

- a visibilidade da nossa emissora, alunos e funcionários em outras regiões do estado;
- conhecermos o trabalho, a linha, os profissionais e alunos de outras emissoras;
- dar visibilidade aos diferentes jeitos, costumes, culturas, potenciais e desafios das diferentes regiões do estado;
- qualificar as nossas produções;
- integrar diferentes emissoras e pessoas para a troca não somente de conteúdo, mas também de conhecimentos;
- interação pessoal e profissional entre os colegas da rede;
- integração para o desenvolvimento das emissoras;
- troca de informações não somente jornalísticas, mas também gerenciais;
- motivação para alunos e funcionários, na medida em que o trabalho deles ultrapassa os limites de Pelotas;
- melhorar a integração das nossas universidades, na medida em que a Rede Prosa está conectada diretamente ao COMUNG;
- melhorar a visibilidade positiva das nossas instituições através da troca de conteúdo e reuniões (encontros) periódicos;
- integrar as pessoas através dos encontros periódicos.

Como encara a produção colaborativa em Rede?

Spohr: Muito mais do que uma troca de produções, a Rede Prosa possibilita a troca de conhecimento e de experiências. Além disso, ela beneficia nossas emissoras, nossas universidades e nossos telespectadores.

O que pode ser agregado à realidade dessa Instituição?

Spohr: Rede pressupõe, entre outras coisas, integração e ligação. Mas ela representa, também, captura. Neste sentido, a Rede Prosa consegue capturar o que cada instituição tem de bom através de imagens e sons. Isso representa que através das lentes e dos microfones, mas fundamentalmente através das pessoas, nossas instituições conseguem dar visibilidade aos

seus potenciais utilizando uma das principais ferramentas de comunicação, a chamada mídia espontâneo (o jornalismo).

Daniel Pedroso, Gerente de Programação e Conteúdo TV/Rádio UNISINOS.

Entrevista concedida via e-mail, em julho de 2013.

Qual o interesse e motivação da TV UNISINOS em participar da Rede Prosa?

Pedroso: Eu diria que o interesse é o de nos aproximarmos de nossos pares, e, com isso, produzir conhecimento que nos permita crescer. Outro fator que eu acho que é muito relevante e, tem a ver com a motivação, é o de, a partir da rede, ganharmos força e capilaridade entre as instituições de Ensino Superior. Com isso, mostramos articulação e, com a articulação, vem a percepção do nosso valor, as TVs são fundamentais para os cursos de comunicação, funcionando como laboratórios de ensino, as TVs também tem a capacidade de dar visibilidade para as ações de cada uma das universidades ligadas a rede (visibilidade para a pesquisa, ações de marketing e educação a distância) a custos relativamente baixos. Além disso, as TVs desempenham um papel muito importante na criação das identidades locais, que num mundo de globalização se torna um diferencial, além de serem uma alternativa de produção de conteúdo que foge (ou deveria fugir) aos modelos convencionais.

Como encara a produção colaborativa em Rede?

Pedroso: A produção em rede está no DNA da Televisão desde a sua criação. E isso não seria diferente numa televisão universitária. A produção de conteúdo para a televisão é algo complexo, que exige muitos recursos técnicos e financeiros, o que torna quase impossível uma produção 24h inédita. É nesse sentido que a colaboração se torna fundamental, porque possibilita a ampliação não só do conteúdo, mas no caso das TVs universitárias, permite a colaboração e troca de experiências tecno-educacionais, que vem sendo desenvolvidas por cada uma das parceiras da Rede. Desta forma, a Rede tem um potencial para se tornar um banco de práticas e ideias (de conteúdo, de modelo de negócios e de novas linguagens), que podem ser usadas por outras TVs, o que ajuda na otimização de custos e visibilidade das produções.

O que pode ser agregado à realidade dessa Instituição?

Pedroso: Eu acho que a rede fortalece as emissoras. Uma vez que nos organizamos numa rede, mostramos para as universidades a importância do nosso trabalho, como foi mencionado anteriormente. Mas isso não se restringe apenas às universidades. A Rede tem potencial de agregar visibilidade externa para as nossas produções. A rede também pode ser uma catalisadora de verba para produções inovadoras das TVs universitárias. Se desenvolvermos um projeto conjunto entre as emissoras da Rede e multiplicamos a nossa penetração no RS, os nossos produtos se tornam muito mais atrativos, e, com isso, seria possível diminuir a dependência financeira direta das universidades, o que tem se mostrado o ponto fraco da maioria das TVs. Para isso, precisamos investir em capacitação, criatividade, e, principalmente, na forma de atração de parceiros (modelo de negócio). Acredito que a Rede seja um Fórum para se pensar sobre o produto que fazemos, como fazemos, como podemos nos diferenciar das propostas de comunicação convencionais. A Rede teria um desafio que seria transformar a educação e universidade em produto de televisão, que seja algo moderno e interessante. Mas, para não ficarmos apenas numa visão mercantilista, a Rede teria força para investir na produção de novos formatos, que sejam inovadores e que possam oferecer conhecimento ao mercado.

Luciane Andrade Dal-Soto, Jornalista do Núcleo Integrado de Comunicação da UNICRUZ – NIC e atua na Assessoria de Comunicação e na UNICRUZ TV.
Entrevista concedida via e-mail, em julho de 2013.

Qual o interesse e motivação da UNICRUZ TV em participar da Rede Prosa?

Dal-Soto: A iniciativa realizada pelo COMUNG acrescenta e incentiva de forma muito positiva as produções diárias feitas pela UNICRUZ TV, em expandir e repercutir seus conteúdos em outros canais Universitários. Demonstrando com isto, a importância de estar participando da Rede Prosa e na produção de conteúdos feitos para ela. Com esta troca de materiais entre as TVs, a UNICRUZ TV consegue de forma efetiva e com credibilidade mostrar suas produções em outras regiões do Estado, divulgando e propiciando contatos para novos conteúdos e informações da região a qual está inserida.

Como encara a produção colaborativa em Rede?

Dal-Soto: A equipe da UNICRUZ TV encara de forma muito positiva e desafiadora. Conversamos sobre as possibilidades de abordagem da pauta no grupo que é formado por três jornalistas. Muito embora, só um fique com a responsabilidade de executar a pauta, tudo que diz respeito a ela é decidido no grupo. Acreditamos de forma efetiva que esta integração deva ser preservada e ampliada para um melhor resultado trabalho.

O que pode ser agregado à realidade dessa Instituição?

Dal-Soto: As produções feitas pela Rede Prosa acrescentam e incrementam a programação da UNICRUZ TV, com conteúdos de qualidade e demonstrando as várias realidades vividas por cada canal de TV. Ao mesmo tempo, a participação na RP, demonstra que a UNICRUZ TV, tem a capacidade de produzir materiais de qualidade e que podem ser repassados para outras Instituições exibí-los.

APÊNDICE B - 2ª ETAPA DE ENTREVISTAS REDE PROSA

José Quintana Jr., Jornalista e Diretor da TV UNIFRA. Entrevista concedida via e-mail, em janeiro de 2015.

Nesses dois anos de trabalho, você acredita que a Rede Prosa tem cumprido com o objetivo inicial? Por quê?

Quintana Jr.: Acredito que sim. O Objetivo inicial era trabalhar as trocas de experiências, conteúdos e discussões que ajudem as TVs ligadas à rede a crescer. Isso sem tirar a autonomia e o caráter que cada instituição possui. É o que ocorre. Além da troca de materiais, são discutidos vários pontos em comum, como a TV digital, a relação com o Futura, projetos e produtos que possam ser desenvolvidos em parceria, etc.

Qual sua avaliação sobre os produtos (séries de reportagens) e processos gerados em parceria (destacar pontos positivos e negativos)?

Quintana Jr.: Penso que essa avaliação é bastante positiva. A rede se torna uma referência de qualidade e busca pelo aprimoramento do que é produzido. É uma forma de divulgação das instituições, mas também do que a cerca, características regionais, situações particulares ou comuns entre as IES. De negativo, acredito apenas que é preciso ter um objetivo mais claro. As séries produzidas serão sempre temáticas, trimestrais? Isso realmente faz a diferença pra rede? Se pensa em criar um produto da rede? Ou quem sabe, o grande trunfo e mérito da rede são as trocas de materiais no dia a dia? De pontos positivos, ver novas formas e formatos de produção jornalística, off, imagens, edição, enquadramentos. Levar o que é produzido como forma de divulgação e trazer um novo olhar, novas técnicas com o que é produzido pelos demais.

Que tipo de impacto foi gerado a partir da participação na Rede Prosa (comparecimento aos encontros e entrega das reportagens)?

Quintana Jr.: Trouxe novas referências, responsabilidades e compromissos. Mostrar o que é feito pela instituição, como funciona tal temática na região e principalmente, tentar se superar

e qualificar o que é produzido em cada material. A cada encontro, novas observações e novas concepções. Logo, novas formas de vislumbrar o trabalho realizado em uma TV Universitária.

Luciana Kraemer, Professora de Jornalismo do IPA, de Porto Alegre. Entrevista concedida via e-mail, em janeiro de 2015.

Nesses dois anos de trabalho, você acredita que a Rede Prosa tem cumprido com o objetivo inicial? Por quê?

Kraemer: Sim. O principal motivo, ao meu ver, é porque está conseguindo agendar espaços de reflexão sobre o fazer televisivo a partir das especificidades da TV Universitária. E, por consequência, dar mais qualidade aos produtos gerados. Não é fácil ou barato para as organizações abrir espaço na agenda para promover debates. As instituições se mobilizam por questões concretas, pragmáticas. Liberar profissionais de diferentes áreas em prol de um evento que não tem resultado imediato, e não traz benefícios concretos - e sim simbólicos mesmo que estratégicos, me parece um feito. As reuniões, presenciais ou virtuais têm conseguido se mostrar produtivas na medida em que efetivamente permitem discussões sobre a seleção (pauta), os procedimentos para execução da proposta, e ainda a narração audiovisual.

Qual sua avaliação sobre os produtos (séries de reportagens) e processos gerados em parceria (destacar pontos positivos e negativos)?

Kraemer: Alguns aspectos positivos:

- dão mais visibilidade aos produtos gerados
- reafirmam a identidade deste fazer e deste local de produção, valorizando-a. O que é mais importante na medida em que as televisões universitárias tem audiências difusas, e portanto, uma visibilidade parcial.
- possibilidade de feedback dado em grupo
- troca de informações sobre processos e procedimentos
- ganhos voltados a discussão e valorização do aspecto estético, não apenas centrada no conteúdo.

Negativos?

- não saberia listar.

Que tipo de impacto foi gerado a partir da participação na Rede Prosa (comparecimento aos encontros e entrega das reportagens)?

Kraemer: Acredito que um dos desafios da Rede é lançar propostas de pauta mais sistematizadas. Objetivos principais, contextos. O breafing pode melhorar, e para isto talvez seja necessário reduzir o número de participantes para pensar na seleção. Em relação a atender a demanda, no caso do IPA, foi um esforço monumental. Mas que valeu a pena. O aprendizado da grande reportagem e o experimento de novos formatos ajudou a dar fôlego. Por causa da correria, acabamos não conseguindo, na segunda reportagem, apresentar o roteiro para um feed back da curadora. No primeiro, sim. Deu para perceber, neste sentido, que o engajamento da universidade em questão é fundamental, pois no nosso caso que não temos uma televisão, não é fácil abrir um espaço na agenda para fazer a reportagem.

Daniel Pedroso, Gerente de Programação e Conteúdo TV/Rádio UNISINOS.

Entrevista concedida via e-mail, em janeiro de 2015.

Nesses dois anos de trabalho, você acredita que a Rede Prosa tem cumprido com o objetivo inicial? Por quê?

Pedroso: Do ponto de vista de visibilidade do trabalho das TVs universitárias e trocas de experiências, eu acho que funciona. Antes, não havia um sentido de rede, e acho que as angústias sentidas pelos integrantes tinham uma dimensão individual, de cada emissora. Depois da Rede, esse sentimento amadureceu, e acho que é possível transformar essas angústias, talvez a falta de visibilidade e a questão do modelo de negócios, em demandas de um setor, que é o das televisões universitárias gaúchas, isso é um valor inegável, sem dúvida é uma conquista da Rede. No meu entender, o movimento inicial foi cumprido, mas me parece que hoje vem se centrando apenas na parte editorial (acho que isso é fundamental, mas precisa ser ampliado para outras áreas para não ficar tipo uma reunião de caixa presencial). De uma certa forma, apesar das diferenças de cada TV, há uma maturidade crescente na troca de conteúdo. Mas isso deve ser levado para outras áreas, como a administrativa-financeira,

projetos e engenharia. E só a partir da integração das outras áreas que a Rede se fortalece como um todo.

Qual sua avaliação sobre os produtos (séries de reportagens) e processos gerados em parceria (destacar pontos positivos e negativos)?

Pedroso: A avaliação dos produtos gerados é boa e sinaliza uma grande potencialidade, não apenas focado em reportagens, mas acredito que deve se abrir para programas e outros projetos. Talvez seja preciso pensar num instrumento para medir o impacto dos produtos. No ano, foram gerados tantos produtos, isso representou uma economia de X e o impacto da série de reportagens foi o Y. Acho que a Rede deve definir os critérios para a medição do impacto. Acho que a avaliação deve ser olhada em várias perspectivas, econômica, jornalística e visibilidade. A partir do atendimento destes três pilares, estaremos cumprindo o papel da Rede.

Que tipo de impacto foi gerado a partir da participação na Rede Prosa (comparecimento aos encontros e entrega das reportagens)?

Pedroso: O impacto, eu acho, é o sentido de se pertencer a uma Rede, que tem um objetivo comum a ser enfrentado, e a potencialidade que isso tem. A Rede Prosa, em meu entender, tem que ter capacidade de exercer influência política para que consiga verba de produção, para melhorar a questão da visibilidade das TVs universitárias. Nesse sentido, a união das TVs é fundamental, porque ela representa um setor. Mas me parece que o impacto ainda é muito tímido, ficando apenas na seara do conteúdo, com um impacto restrito, mas com grande potencial. Acho que a Rede precisa ser mais agressiva no sentido de uma atuação que consiga reverter os objetivos da Rede em práticas mais concretas que tragam resultados para cada TV integrante. Nesse sentido, acho que medir o resultado deste potencial enorme que é a Rede, apenas a partir das matérias trocadas, e da participação nos encontros, é um pouco restrito. A participação nos encontros é fundamental, mas o desdobramento dos assuntos em cada TV é muito mais importante. Os encontros deveriam ensejar uma revisão das práticas, apontando novos caminhos.

Adriana Antunes, Diretora de Programação UCS TV, de Caxias do Sul. Entrevista concedida via e-mail em janeiro de 2015.

Nesses dois anos de trabalho, você acredita que a Rede Prosa tem cumprido com o objetivo inicial? Por quê?

Antunes: Acredito que temos cumprido com o objetivo estabelecido no começo. Sempre tivemos em mente três metas que deveriam ser executadas a cada série produzida em conjunto. são elas:

- 1) Produzir séries em conjuntos com as televisões que integram o COMUNG;
- 2) Destacar as semelhanças e diferenças que compõem o estado do Rio Grande do Sul;
- 3) Realizar uma troca de experiências entre os profissionais que integram as TVs parceiras.

Esses três objetivos visam criar uma identidade para a Rede e nos fixarmos em nível nacional, como sendo uma rede específica do Sul. No entanto, ainda há muito que se avançar, pois a etapa seguinte a esse primeiro processo é conseguir fixar a Rede como um produto comercializável, ou seja, que possamos criar um programa único englobando todas as TVs e torná-lo rentável para todas.

Qual sua avaliação sobre os produtos (séries de reportagens) e processos gerados em parceria (destacar pontos positivos e negativos)?

Antunes: A troca sempre é muito válida, pois é através desse processo que conseguimos visualizar as dificuldades e acertos de cada TV parceira e assim agregar experiência ao nosso processo. No entanto, embora na teoria o conceito seja perfeito, na prática ele é um tanto quanto diferente. Explico: as TVs parceiras têm realidades muito distintas umas das outras, tanto pelo aspectos comercial quanto jornalísticos. o modo de ver o mundo de cada redação e contar como vê esse mesmo mundo, acaba por transformar a Rede num grande “Franskenstein”. Para tentar minimizar esse problema, criamos uma curadoria de conteúdo. O objetivo era justamente o de poder dar uma linguagem e um formato mais ou menos parecido para a série. A ideia foi ótima, mas outra vez a prática mostrou-nos que seria complicado e o problema agora é a distância. Acertar a narrativa, a busca pela fonte, selecionar o que realmente vale a pena da fonte, passar texto, controlar o tempo de cada reportagem e outras ações próprias do fazer ficam prejudicadas pela falta de contato presencial. Mas, apesar disso,

chegamos a um ponto que não podemos voltar atrás, pois mesmo que de forma muito empírica ainda, conseguimos evoluir nesse processo.

Que tipo de impacto foi gerado a partir da participação na Rede Prosa (comparecimento aos encontros e entrega das reportagens)?

Antunes: Acredito que o impacto maior criado entre as TVs parceiras foi o da necessidade de comprometimento, para isso, é fundamental a responsabilidade e o trabalho em equipe. Formamos uma grande equipe virtual que realiza reunião de pautas e desenvolve sua reportagem na base do desejo de participar da Rede Prosa, e por mais estranho que isso possa parecer, vem dando certo. Claro que em função do já mencionado antes, pela diferença entre as TVs, há redações que conseguem realizar um trabalho mais bem apurado e outras que ainda estão no processo inicial de compreender a importância da rede. Geralmente as dúvidas, as discussões, as ideias de criação e as pautas são discutidas em encontros pré-agendados e a participação das TVs parcerias é sempre muito boa. O fato é que precisamos evoluir, e talvez uma forma de compreendermos para onde queremos ir e como faremos isso é documentando o que está sendo feito.

Laerte da Silva Dorneles, Jornalista da TV FEEVALE, de Novo Hamburgo.
Entrevista concedida via e-mail, em janeiro de 2015.

Nesses dois anos de trabalho, você acredita que a Rede Prosa tem cumprido com o objetivo inicial? Por quê?

Dorneles: Eu creio que sim. A Rede Prosa conseguiu unir as TV's universitárias do COMUNG. Isto não é pouco, pois as universidades tem uma visão empresarial da educação e portanto, passar na grade da TV FEEVALE uma reportagem da UNISINOS e vice versa, sem que aconteça uma "poda" interna só com o advento da Prosa. A troca de experiências também é muito relevante, pois, ao menos para nós da TV FEEVALE, foi muito bom saber da realidade das emissoras associadas e com isto conseguimos situar melhor a nossa própria situação. Perceber os pontos fortes e os fracos do nosso canal e visualizar alternativas para os problemas que temos, que em geral, são comuns para os parceiros da Rede.

Qual sua avaliação sobre os produtos (séries de reportagens) e processos gerados em parceria (destacar pontos positivos e negativos)?

Dorneles: O fazer jornalístico das séries nos fez refletir sobre o próprio ofício da reportagem. Ao ver as soluções para as temáticas (comuns para todos os membros da rede), a forma de construção das reportagens, nos proporcionou uma visão mais ampla sobre o fazer jornalístico. O velho roteiro, cabeça, off, sonora, passagem, off, sonora, ainda predomina. Ver pequenos avanços em que se quebre esta fórmula dura e ao mesmo tempo se fazer entender de forma rica em conteúdo tornando atrativa a reportagem. Eu creio que este seja o futuro do jornalismo, ou seja, mais humano, dinâmico e próximo da comunidade.

Que tipo de impacto foi gerado a partir da participação na Rede Prosa (comparecimento aos encontros e entrega das reportagens)?

Dorneles: Com o compromisso da entrega das reportagens nas datas, o comparecimento nos encontros e os compromissos firmados com a rede tornou a TV FEEVALE mais aberta e ao mesmo tempo mais ciente de seus compromissos. A troca voluntária de conteúdo, as experiências de gestão, funcionamento e de equipamentos tornou a TV FEEVALE mais abrangente no que tange às perspectivas audiovisuais e também no seu funcionamento.

Jair Giacomini, Coordenador da UNISC TV e Professor do Curso de Comunicação da UNISC, de Santa Cruz do Sul. Entrevista concedida via e-mail, em janeiro de 2015.

Nesses dois anos de trabalho, você acredita que a Rede Prosa tem cumprido com o objetivo inicial? Por quê?

Giacomini: Sim, tem cumprido. Por que a Rede Prosa foi sendo construída e se firmou como um projeto de integração e de compartilhamento das TVs universitárias gaúchas. Mais especificamente, das TVs de IES filiadas ao COMUNG. Esses eram os objetivos - integrar e compartilhar. Integrar: fazer com que as equipes das TVs estejam junto em determinados momentos (em especial, os Encontros) e que trabalhem junto em determinadas metas - no nosso caso, nesses dois primeiros anos, na produção das séries de reportagens. Compartilhar: trocar experiências, angústias, expectativas. Esse compartilhamento é importantíssimo para a

produção televisiva. Quantas equipes de televisão têm a oportunidade de se reunir com outras equipes para compartilhar suas alegrias e suas tristezas? Alegria e tristeza, a primeira vista, podem parecer palavras pouco "profissionais". Mas as equipes de profissionais são formadas por pessoas e, assim sendo, as emoções também precisam ser compartilhadas. Não ficamos somente nisso, é claro. Compartilhamos também aspectos da técnica de produção - no que se refere às equipes de jornalismo, especialmente o que está relacionado à produção de reportagem. Então, resumindo, integrar e compartilhar foram dois verbos que conjugamos muito bem nesses dois anos de Rede Prosa.

Qual sua avaliação sobre os produtos (séries de reportagens) e processos gerados em parceria (destacar pontos positivos e negativos)?

Giacomini: Avalio como excelentes as séries que a Rede Prosa produziu até o momento. Foram quase 80 reportagens. Somente esse número já seria digno de nota. Mas, além do número, temos o conteúdo. O conteúdo gerado em cada uma das séries qualifica a grade de programação das nossas TVs universitárias. Os temas decididos até o momento foram todos de grande relevância. Foram variados, indo desde aspectos artísticos até aspectos econômicos das nossas realidades locais e regionais. Percebo que, no geral, as equipes se dedicam bastante para produzir boas reportagens. Então, todos esses são aspectos positivos. Como aspecto negativo, coloco algo que não diz respeito à Rede Prosa em si. Mas observo que a quebra de rotina proporcionada pelas demandas da Rede Prosa, expõe algumas carências que ainda temos em nossas TVs universitárias. É algo a ser melhorado, isto é: ter equipes mais bem estruturadas, com maior capacidade produtiva. Esse aspecto, como disse, é histórico nas TVs universitárias. Outro aspecto que não é negativo, mas uma inquietação. Acredito que, como TVs universitárias e, portanto, tendo mais liberdade de criar e de experimentar, possamos ousar mais no formato de nossas reportagens. O conteúdo, em geral, está muito bom. Sinto que devemos discutir e propor mais ousadia para o formato das reportagens.

Que tipo de impacto foi gerado a partir da participação na Rede Prosa (comparecimento aos encontros e entrega das reportagens)?

Giacomini: Na equipe da TV, acredito que os dois aspectos apontados na reposta 1 - integrar e compartilhar - só trazem benefícios às equipes das TVs universitárias. E com a UNISC TV não foi diferente. Quem participa dos encontros sempre volta motivado e cheio de ideias.

Além dessa motivação, a Rede Prosa também provoca um pouco de "desacomodação". Ter de produzir um conteúdo que será assistido, analisado e avaliado pelas equipes das demais TVs, tenho certeza, mexe com os "brios" de todos. E isso é muito bom! Ao mesmo tempo, minha percepção é de não existe concorrência, mas um espírito colaborativo. Todos querem fazer melhor não para que a "sua" reportagem seja a melhor de todas, mas para que toda a série seja a melhor possível. Acho que esse sentimento é comum entre as equipes. Sinto isso na UNISC TV e acredito que, nas demais equipes, seja semelhante. Na Universidade, acredito que a Rede Prosa esteja contribuindo para que as IES do COMUNG visualizem melhor as potencialidades das suas TVs universitárias. Acho que a experiência da Rede Prosa poderá se constituir numa referência futura em termos de trabalho colaborativo. E acho que essa referência irá extrapolar o âmbito das próprias universidades do COMUNG. Sou otimista nesse sentido. E acho que colheremos bons frutos num futuro próximo.

Luciane Andrade Dal-Soto, Jornalista do Núcleo Integrado de Comunicação da UNICRUZ – NIC e atua na Assessoria de Comunicação e na UNICRUZ TV.
Entrevista concedida via e-mail, em janeiro de 2015.

Nesses dois anos de trabalho, você acredita que a Rede Prosa tem cumprido com o objetivo inicial? Por quê?

Dal-Soto: Acredito que sim. Muito embora as equipes se falem pouco, as trocas nos encontros tem sido produtivas e lá também é um momento de fazer ajustes do que não esta de acordo com as propostas feitas. No que se refere ao canal da UNICRUZ TV, a exibição das série tem mostrado um diferencial, que o público comenta e gosta.

Qual sua avaliação sobre os produtos (séries de reportagens) e processos gerados em parceria (destacar pontos positivos e negativos)?

Dal-Soto: No que se refere as séries de reportagens, acredito que os conteúdos produzidos tem sido de excelente qualidade. As equipes tem se empenhado em buscar olhares diferenciados para que não haja repetição de conteúdo. Muitas vezes, algum detalhe no que se refere a questões técnicas, acabam passando, mas acho que o grupo já avançou bastante. Outro fator que ajuda é que nos encontros estas questões são debatidas e quando necessárias

alteradas, conforme a aprovação do grupo. Os processos gerados em parcerias acredito que possam melhorar, no que se refere a tutoria das matérias. Muitas vezes fica difícil estabelecer o contato. Há muitos desencontros. Mas também acredito que isto não venha comprometendo o resultado final das reportagens realizadas até agora. Um detalhe que deve ser levado em consideração são as sugestões de pautas para as séries. Muitas vezes aqui na nossa região temos dificuldade de produzi-las por falta de opções, (por estarmos em um centro menor que outras Instituições).

Que tipo de impacto foi gerado a partir da participação na Rede Prosa (comparecimento aos encontros e entrega das reportagens)?

Dal-Soto: Para a equipe da UNICRUZ TV, a participação na Rede tem sido de extrema valia e de incentivo ao grupo como um todo. Isto tem feito com que possamos nos dedicarmos mais aos materiais produzidos. Uma das nossas dificuldades era com a equipe técnica (cinegrafistas), no que se refere à captação, a alternativa para incentivá-los foi levá-los aos encontros. A partir daí, mostrando e vendo outras produções realizadas pelas equipes que integram a Rede, foi possível discutir e melhorar o trabalhos deles no que se refere a captação de imagens. Conseguimos sair de um formato engessado e melhorar. O grupo também se sentiu mais animado e desafiado a buscar. Nos encontros as trocas de experiências é muito produtiva e também vem nos ajudando na nossa rotina diária.

Taís Rizzotto, Supervisora da UPF TV, de Passo Fundo. Entrevista concedida via e-mail, em fevereiro de 2015.

Nesses dois anos de trabalho, você acredita que a Rede Prosa tem cumprido com o objetivo inicial? Por quê?

Rizzotto: Acredito que sim, pois os encontros com trocas de experiências e não só de reportagens, permitem que a gente conheça outras realidades com mais facilidade. A criação da rede vai muito além da troca de conteúdo, é também uma oportunidade de saber como cada emissora lida com suas questões internas.

Qual sua avaliação sobre os produtos (séries de reportagens) e processos gerados em parceria (destacar pontos positivos e negativos)?

Rizzotto: Sobre as séries de reportagens, o crescimento é evidente. É perceptível o amadurecimento das equipes, não só nos quesitos técnicos como captação de imagens e edição, mas principalmente no direcionamento das reportagens. Não consigo evidenciar pontos negativos.

Que tipo de impacto foi gerado a partir da participação na Rede Prosa (comparecimento aos encontros e entrega das reportagens)?

Rizzotto: Os impactos são todos positivos. Há um interesse por parte de toda a equipe em participar. Há uma preocupação maior com a qualidade e com o conteúdo.

Sandro Kirst, Coordenador da TV UNIVATES, de Lajeado. Entrevista concedida via e-mail, em fevereiro de 2015.

Nesses dois anos de trabalho, você acredita que a Rede Prosa tem cumprido com o objetivo inicial? Por quê?

Kirst: Entendo que o objetivo inicial era bastante difuso e mesmo vago, uma vez que a expectativa inicial era de nos aproximarmos e trocarmos conteúdos (de maneira a nos auxiliarmos mutuamente no fechamento da grade, com custos menores e conteúdos mais diversificados). Mas, não só atingimos o objetivo inicial, como começamos a vislumbrar novas possibilidades (técnicas, de formação, de conteúdo e de linguagens televisivas) e isto nos trouxe e permitiu novos desafios, que estão sendo permanentemente absorvidos, pensados e aceitos, em parte pela flexibilidade das pessoas e parte pelo processo estabelecido, que é de construção conjunta e nada impositiva. Então, estamos sim trocando conteúdos, mas estamos pensando coletivamente, sem interferir no perfil e na ação individual de cada membro da Rede Prosa. Isto nos possibilitara novas posturas e ainda maior crescimento e realizações individuais, mas também do coletivo.

Qual sua avaliação sobre os produtos (séries de reportagens) e processos gerados em parceria (destacar pontos positivos e negativos)?

Kirst: Temos de considerar que somos instituições e televisões de diferentes perfis e realidades (técnicas, organizacionais, sociais e geográficas), pois somos uma extensão de nossas ICES e de nossas comunidades. Neste conjunto de perfis, a discussão e a própria definição de temas para series comuns já se torna um exercício de aproximação e de experimentação. Alguns componentes da Rede Prosa já estão num nível altamente profissional e ainda assim conseguem aprender, visualizar e compartilhar suas experiências. Outros estão iniciando ou tem pouco tempo para o "novo" e deixam isto transparecer no seu produto. Há também alguns na Rede Prosa que não tem TV, portanto estão participando para aprenderem e se integrarem. Neste sentido a Rede Prosa se torna mais um elo de integração no COMUNG, permite experimentação, desafio, conhecimento integrado e mutuo, além de um olhar diferenciado (por região) sobre os temas propostos. Estamos aprendendo e nas reuniões de gestores das rádios e TVs algumas ideias estão sendo gestadas para que nossa integração, futuramente, não fique apenas na troca de conteúdos e experiências. Além disto, temos de lembrar que estruturas a Rede Prosa, já nos deu um bom destaque junto a TV Futura, onde somos vistos como proativos e pioneiros neste tipo de iniciativa. Isto nos empresta respeito, seriedade e pode implicar em mais espaço, apoio e quem sabe verbas mais adiante. Também já fomos procurados por outros estados, como é o caso do PR para expandirmos o modelo de funcionamento da Rede Prosa.

Que tipo de impacto foi gerado a partir da participação na Rede Prosa (comparecimento aos encontros e entrega das reportagens)?

Kirst: Especificamente na TV UNIVATES buscamos trabalhar em rodizio nossos profissionais, para que todos tenham a experiência de participar, conhecer e atuar no processo. Portanto as presenças nas reuniões são alternadas e o compromisso de produção de conteúdos das séries também é em rodizio. Todos conhecem e crescem e, é claro, aparecem. A pontualidade da entrega da produção é norma comum na TV UNIVATES para todas as rotinas. Mas esperamos que novos desafios se apresentem, as 2 ou 3 ICES que ainda não participam, se juntem a todas as demais e que a Rede Prosa tenha vida longa, possibilitando quem sabe um trabalho em rede futuramente, mas num respeito muito claro aos perfis locais de cada membro.

Celestino Perin, Professor e Coordenador do laboratório de Vídeo da UNIJUÍ e representante do Conselho de Gestão da UNIJUÍ FM. Entrevista concedida via e-mail, em fevereiro de 2015.

Nesses dois anos de trabalho, você acredita que a Rede Prosa tem cumprido com o objetivo inicial? Por quê?

Perin: Acredito que a Rede Prosa cumpre o seu objetivo inicial. Porém, nas 2 últimas reuniões foram feitas algumas observações no sentido de remodelar alguns aspectos de sua natureza, principalmente no que se refere ao relacionamento com as novas mídias e as potencialidades de ampliar as relações com os públicos. Fazer melhor aproveitamento dos programas institucionais das IES do COMUNG.

Qual sua avaliação sobre os produtos (séries de reportagens) e processos gerados em parceria (destacar pontos positivos e negativos)?

Perin: As séries são muito interessantes, principalmente por abordar fontes e temáticas relacionadas com as relações nas diferentes regiões do estado. Este, defino como o principal ponto positivo e que pode ser ampliado com a estruturação de programas de TV, com conteúdos mais aprofundados sobre as temáticas e problemas regionais.

Que tipo de impacto foi gerado a partir da participação na Rede Prosa (comparecimento aos encontros e entrega das reportagens)?

Perin: O principal impacto foi observar que as IES do COMUNG, através da Rede Prosa, podem ser melhor visualizadas. Conseguimos observar melhor sobre os aspectos dos perfis institucionais e as relações de linguagens que formam um eixo na perspectiva da produção audiovisual.

Marcus Spohr, Coordenador Geral da TV UCPel, de Pelotas. Entrevista concedida via e-mail, em fevereiro de 2015.

Nesses dois anos de trabalho, você acredita que a Rede Prosa tem cumprido com o objetivo inicial? Por quê?

Spohr: Acredito que sim, visto que ela visou desde sua idealização, a troca de conteúdo entre as emissoras parceiras, o que efetivamente tem ocorrido através das séries de reportagens. Mas vejo que somente a troca de conteúdo através das séries, acaba por reduzir as possibilidades de um amadurecimento e expansão da rede.

Qual sua avaliação sobre os produtos (séries de reportagens) e processos gerados em parceria (destacar pontos positivos e negativos)?

Spohr: Como cada emissora tem suas peculiaridades, vejo com bons olhos o conteúdo produzido. Nem sempre temos uma qualidade técnica homogênea, e acredito que isso não irá acontecer, exatamente pelas diferenças existentes em cada TV. No entanto, nunca podemos deixar de lado a essência jornalística do conteúdo produzido. Este é um cuidado muito grande. Entendo que novos formatos estão se consolidando, mas a essência, por exemplo, de apurar uma notícia, nunca deve ser deixada de lado. Mesmo que venhamos a experimentar formas e formatos de fechar nossas reportagens, o jornalismo deve estar 100% presente. Do contrário, vamos repetir o que as emissoras abertas estão fazendo.

Que tipo de impacto foi gerado a partir da participação na Rede Prosa (comparecimento aos encontros e entrega das reportagens)?

Spohr: Nosso distanciamento geográfico tem nos impedido de estarmos presentes nos encontros no volume que desejamos. Mas é inegável que a cada participação temos aprendido. No entanto, o que fica mais evidenciado, é a integração que os encontros possibilitam. Quanto a aprendizagem, ela poderia ser mais intensa.

APÊNDICE C - ENTREVISTAS – CANAL FUTURA

Acácio Jacinto, Gerente de Relacionamento do Canal Futura com Universidades Parceiras. Entrevista concedida via e-mail, em janeiro de 2015.

Qual o interesse do Canal Futura em estabelecer parcerias com universidades?

Jacinto: Somos um canal de televisão comprometidos com a agenda de promoção educacional e social do Brasil, comprometidos com as questões que o Brasil precisa enfrentar, como a educação de qualidade, a formação dos jovens e o acesso deles ao mercado de trabalho, o empreendedorismo, a sustentabilidade socioambiental, princípios e valores muito próximos das Instituições de Ensino Superior. Aliás, remonta ao início do projeto do Canal Futura a opção pela produção de conteúdo em parceria com realizadores externos, estabelecendo uma metodologia para a "produção acompanhada" desses conteúdos, em que equipes do canal, que tenham envolvimento direto com as produções em curso, possam acompanhá-las, trabalhando para viabilizar sua qualidade artística, técnica, jurídica e de conteúdo. Fomos buscar entre tantos parceiros, as emissoras de televisão das universidades ou até mesmo os laboratórios dos cursos de comunicação, uma produção colaborativa de conteúdos audiovisuais adequados ao uso em programação televisiva. E na trajetória do canal, os profissionais do Futura souberam perceber a importância de produzir conteúdos em parceria com diferentes interlocutores do campo público, privado e com uma diversidade de protagonistas sociais, transformando seu modo de produção num dos diferenciais mais importantes do projeto. E aí, as universidades tiveram um papel fundamental. Hoje somos um mosaico de 38 universidades públicas, particulares, comunitárias e confessionais. Para o canal Futura essa produção colaborativa pressupõe a interação dialógica e negociada entre diferentes grupos e pessoas, que estejam trabalhando para atingir um objetivo em comum. Alia equipes internas e externas em permanente interlocução sobre processo de produção em curso, de modo a alcançar produtos nos quais todas as contribuições possíveis tenham espaço de expressão, desde que não sejam descumpridas as obrigações legais vigentes, os princípios editoriais do canal e os compromissos do Futura com a agenda da promoção educacional e social do Brasil. Nesse caso, a parceria com os canais universitários é extremamente valiosa no sentido de oxigenar e refletir sobre pautas, estruturas de texto, formatos, uma avaliação permanente e revisão das escolhas definidas.

Quais os critérios necessários para que uma universidade seja parceira do Canal Futura e passe a fazer parte dessa Rede?

Jacinto: Reforço que o Canal Futura é um projeto social de comunicação, comprometido com a educação, a agenda social e o desenvolvimento do país . O universo de Instituições de Ensino superior que trabalha com as premissas anteriormente reforçadas como compromissos inquebrantáveis do Futura nos interessam para estabelecer ações conjuntas não apenas na produção de conteúdo audiovisual, mas em projetos mais abrangentes em iniciativas institucionais de extensão, como a aplicação de conteúdos como ferramentas auxiliares na sala de aula, principalmente nos cursos de pedagogia e licenciatura. Queremos buscar parcerias com Instituições comprometidas evidentemente com as questões sociais. Apesar de sua face mais visível estar justamente na tela da TV, o projeto Futura trabalha com muitas e diferentes iniciativas de atuação social, envolvendo temáticas de interesse público como meio ambiente, democracia, saúde, educação, cidadania, juventude, cultura afro-brasileira. Conteúdos esses que podem compor material didático complementar para o meio acadêmico através dos seus cursos de licenciatura, transversalizando as ações permanentes em torno do enfrentamento desses problemas, evidentemente, preservados os aspectos regionais e locais. Isso é o que nos move e nos fortalece. Ações e projetos conjuntos com as universidades ampliam essa dimensão.

Por que é importante a realização dos encontros anuais de Jornalismo? O que esses momentos propiciam às equipes?

Jacinto: Especificamente na produção de conteúdo audiovisual, queremos cada vez mais aproximar as áreas de Coordenação Artística e Motion Design dos profissionais de laboratório, alunos e professores para atualização sobre as novas tendências audiovisuais. Além disso, o Futura promove oficinas locais sobre esses temas para estudantes. Entre as ações de relacionamento está a visibilidade para a Universidade e produção audiovisual do curso de Jornalismo, aproveitando os conteúdos audiovisuais de excelência das universidades e divulgá-los nacionalmente. A ideia é também retratar nacionalmente os avanços das pesquisas científicas e as ações de extensão local. Ainda falando de ações de relacionamento, o Canal Futura desenvolve workshops no Rio de Janeiro, como o “Geração Futura Universidades Parceiras” para estudantes de Comunicação Social das Universidades Parceiras. Reunimos no Rio de Janeiro também Reitores, Pró-Reitores, Vice- Reitores,

Diretores de TV e Dirigentes do Canal Futura com o objetivo de unir projetos às Metas de Educação do País apontadas pelos Reitores, e promover debates de que incentivem o desenvolvimento das TVs Educativas e a divulgação do conhecimento. Os resultados de todo esse envolvimento é a produção média de 50 horas inéditas de produção de conteúdo universitário com visibilidade para 46 milhões de brasileiros, sendo 2 milhões de educadores; mais de 150 estudantes das Universidades Parceiras certificados pela oficina de vídeo Geração Futura; mais de 300 profissionais já participaram de eventos de integração e estágios no Canal Futura; mais de 300 episódios de programas produzidos em as Universidades; mais de 600 matérias produzidas pelas TVs Universitárias e exibidas no jornalismo do Canal Futura. É para que haja essa interatividade permanente entre o Canal Futura, a sua produção de conteúdo, e a preocupação em promover os espaços regionais, os sotaques brasileiros, entendemos que o diálogo aberto com a produção coletiva fortalece nossos esforços de renovação do Núcleo de Jornalismo aprimorando cada vez mais as práticas de produção em rede. Assim, promovemos anualmente a integração com o Encontro Nacional de Jornalismo, unindo as equipes de jornalismo das TVs parceiras e de laboratórios dos Cursos de Jornalismo para junto discutirmos as produções realizadas, revermos processos e planejarmos novas produções. O momento em que reforçamos o diálogo com as equipes das universidades é extremamente produtivo, entendemos para os cursos de Jornalismo. O Canal Futura vem submetendo a sua operacionalidade e o seu editorial à reflexão crítica no sentido de fortalecer a independência, reforçar seus compromissos com uma produção em uma complexa rede caracterizada por um jornalismo que valoriza as boas práticas em educação e responsabilidade social. Ações e reflexões muito próximas, também, dos Curso de Jornalismo que ultimamente passaram por um processo de revisão de sua grade de conteúdos para a formação dos futuros profissionais comprometidos com o exercício da cidadania. Evidentemente que essa análise e reflexão deve ser compartilhada e ter a participação coletiva das parcerias.

Quais os próximos passos do Canal Futura para fortalecer a Rede com as parceiras?

Jacinto: Essa é uma movimentação constante no Canal Futura. A de identificar nas universidades parceiras compromissos com a transformação social, atuando nos territórios de forma presencial, envolvendo causas em que o campo da educação é tratado como um tema em si e um tema transversal a todas as outras temáticas como a educação infantil integral, enfrentamento às violências na infância, o enfrentamento ao extermínio da juventude negra, juventude rural, pobreza e desigualdade, saúde, questão étnico-racial, meio ambiente, direitos

humanos, segurança pública, direito à moradia e eficiência energética. A identificação nas universidades de projetos podem qualificar o debate em torno de algumas causas que podem dar origem à elaboração de produtos audiovisuais ou até mesmo metodologias que fortaleçam essas ações. Projetos e ações que envolvam a academia e o setor de Mobilização e Articulação social do Canal Futura, uma equipe de trabalho presencial, distribuída regionalmente pelo país, cuja função é promover a mobilização social e multiplicar as possibilidades de apropriação dos conteúdos realizados pelo Futura em diferentes territórios de atuação social e educacional. A tv é a janela mais evidente do Futura, mas trabalhamos , assim , construindo parcerias, estabelecendo um território de construção de produção, de encontros , de diálogos, com ênfase sim na mobilização e articulação social. E tudo que se trabalha no campo volta para a tela da TV para construção de novas pautas. É assim que o Canal Futura se fortalece , buscando a aproximação com universidades referenciais no Brasil na construção de alianças de boas práticas. E essas alianças reforçam algumas premissas que fazem parte do nosso DNA, como identificar em tudo o que fazemos a educação, o espírito comunitário, o pluralismo, a ética, o empreendedorismo e a sustentabilidade socioambiental.

No Rio Grande do Sul, TVs universitárias decidiram se unir e formar uma nova rede. Como você avalia isso?

Jacinto: A Rede Prosa surgiu a partir do conceito de atuação em rede que caracteriza o projeto social de comunicação do Canal Futura. Uma iniciativa que começou com os canais universitários parceiros como a UNIVATES de Lajeado, UPF de Passo Fundo, UCS de Caxias do Sul, UNISINOS de São Leopoldo, UNISC de Santa Cruz do Sul e foi de espalhando pelas universidades comunitárias do Rio Grande do Sul. Com a proposição de produção de conteúdo seriados de interesse público com suas especificidades micro-regionais, produção colaborativa, ambiente comunicacional de baixa hierarquização. E ainda contribuir tanto no espaço acadêmico como num espaço colaborativo interinstitucional no aprofundamento do propósito de melhorar o padrão de qualidade de formatos e narrativas. O Canal Futura apoia e valoriza tal iniciativa. Tanto que essa produção colaborativa também é aproveitada nos nossos espaços de programação. Estamos valorizando a experiência e a formação da REDE Prosa como referencial para que outros canais parceiros do Futura iniciem esse processo em seus estados, cada região , evidentemente, valorizando suas especificidades nas temáticas definidas.

José Brito Cunha, Coordenador do Núcleo de Jornalismo do Canal Futura. Entrevista concedida via e-mail, em janeiro de 2015.

Como o Canal Futura encara a produção colaborativa?

Cunha: A produção colaborativa faz parte do DNA do Futura. Por conta do seu modelo de operação, baseado na construção do conhecimento coletivo, receber conteúdos com diferentes pontos de vista é uma das estratégias que nos auxilia a oferecer ao público um leque de opções mais consistente e plural sobre os assuntos retratados. O pluralismo está na missão do Futura "Refletir a diversidade das manifestações culturais e a riqueza dos saberes e fazeres do brasileiro" Em basicamente todas as etapas da produção audiovisual contamos com o diálogo com diferentes instituições de todas as regiões do país, entre elas TVs Universitárias, ONGs, realizadores independentes. Como gestor direto do Núcleo de Jornalismo do Futura, sou responsável pela curadoria editorial destes conteúdos. O desafio é constante, pois a realidade de cada fornecedor é distinta, mas o estímulo pela inovação caminha na mesma velocidade, uma vez que o olhar diferenciado sobre um assunto em comum traz a possibilidade de qualificação da abordagem narrativa.

Qual a importância e os ganhos do trabalho desenvolvido em Rede com as TVs universitárias?

Cunha: O trabalho em rede com as TVs Universitárias avançou bastante nos últimos 5 anos. O diálogo é fundamental e entender que o Futura não é cabeça de rede e sim mediador de conteúdos facilita o trabalho. Outro conceito importante é o da parceria. No Futura, este conceito é determinante, afinal, não temos uma rede de afiliadas, e sim, fazemos parte de uma rede de parceiras. Isto é fundamental. Entender que a via é de mão dupla e que o interesse em manter o relacionamento firme é de ambas as partes. Costumo dizer que tão importante quanto exibir uma reportagem, documentário ou entrevista ao público é deixar claro como fazemos isto e quem está por traz da informação. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido com as universidades parceiras é transformador. Atualmente, contamos com 38 instituições na rede. Cada uma com suas características, filosofias, orçamentos e equipes. A diversidade é nosso principal ativo e entre os ganhos estão alcance de público fora do eixo Rio-SP,

intercâmbio de profissionais, desenvolvimento das equipes, formação técnica em Educação e, principalmente, valorização dos conteúdos regionais.

É importante que as equipes das universidades estejam em sintonia com os objetivos do Canal para produzir conteúdos que possam atender à sua grade e gerar material em nível nacional. Como garantir isso?

Cunha: Esta sinergia é fundamental. O trabalho em rede e a diversidade nos traz também responsabilidades. Conforme citado na resposta 1, sou gestor do jornalismo e por causa disso tenho responsabilidades. Explico: não posso permitir que qualquer conteúdo exibido pelas telas do Futura na TV ou internet viole algum estatuto ou crie ruídos, por exemplo, com a legislação brasileira. Difícil mensurar todos os casos em uma resposta. Cada situação precisa ser avaliada. Faço isso todos os dias ao avaliar os conteúdos exibidos nos programas do Futura. Por esta e outras razões, considero as reuniões de pauta fundamentais. Procuo participar de todas elas pois é lá que fazemos a análise de risco dos conteúdos que serão abordados e podemos controlar melhor a execução das matérias. Esta curadoria editorial passa por todos os programas. Um documentário do Sala de Notícias, em que o realizador é detentor dos direitos autorais sobre a obra, é autor da ideia que foi aprovada em edital e tudo mais, é importante deixar claro que ele precisará dialogar conosco para executar a ideia. O mesmo diálogo se dá com reportagens de TVs universitárias. É claro que há uma linha editorial a ser seguida e reportagens no campo da Educação acabam tendo mais destaque no Futura, por razões óbvias. Repito, está na missão da instituição promover a melhoria da qualidade de vida das pessoas e a Educação tem papel fundamental nisso. O que não significa que toda TV universitária tenha que seguir a mesma linha editorial. Cada uma tem a sua e isso é fundamental na rede. Torna o trabalho mais interessante, com certeza. Estamos produzindo um Guia de Produção e Redação. Esta é uma discussão ampla da qual foram convidados a participar representantes de todas as tvs universitárias. No entanto, a gestão do guia, por mais que receba contribuições da rede, deve ser feita pelo Futura por uma razão muito simples: somos os responsáveis legais pela exibição e não haveria modo de promover um debate tão intenso se tivéssemos diferentes pontos de vista na hora de decidir o fechamento de uma matéria. De qualquer maneira, tive relatos da rede que muito do que está sendo previsto no guia, que deve estar disponível a todos no próximo encontro de jornalismo em 2015, será útil ao trabalho das equipes.

As reportagens enviadas são submetidas à avaliação da equipe do Canal Futura. Como o Canal trabalha para que as relações de poder dentro da rede sejam reguladas?

Cunha: Todas as matérias são avaliadas antes da exibição. Por isso, o debate prévio com a rede é estratégico. Por causa da alta rotatividade de profissionais na rede, fica mais difícil exibir uma matéria que não tenha passado pela reunião de pauta. Por de ser que funcione. Mas pode ser que não. O Futura não tem a atribuição de regular nenhuma relação de poder na rede. O papel do Futura é promover diálogos em função da produção audiovisual. Debates acontecem e continuarão acontecendo.

Juliana Wexel, editora e apresentadora do Jornal Futura, do Canal Futura, e responsável pela produção em rede junto às TVs Universitárias. Entrevista realizado por telefone, em janeiro de 2015.

Por que o trabalho em rede com as universidades parceiras é importante para o Jornalismo do Canal Futura?

Wexel: Na verdade, acaba que o jornalismo do Canal Futura, ele acaba tendo um recorte de funcionamento como os outros setores do Canal. Porque o Canal Futura por ser um projeto social de comunicação, ele tem projetos com vários parceiros e atores sociais. E ele é feito em rede. É um tipo de projeto de comunicação que não se limita só a televisão e ele é feito em rede. E o jornalismo do Canal Futura também funciona nesse esquema de parcerias com redes, com ONGs, com instituições educativas, com produtoras independentes, com projetos que vão funcionando de uma maneira permanente ou sazonal, mas de uma maneira de uma construção de ideia com rede e com as universidades parceiras. No caso das universidades parceiras, a parceria, o diálogo começa antes de tudo com a própria universidade. A universidade enquanto instituição de ensino, porque o Canal Futura está dentro da Fundação Roberto Marinho, que é uma instituição que trabalha com memória e educação, então, a ideia de se estabelecer uma parceria do Canal Futura com as universidades está ligada à ideia de construção de conhecimento, de intercâmbio com a academia para aproximar da comunidade, das comunidades, da popularização da ciência, as criações que nascem dos pensamentos da academia. E a própria ideia de se estabelecer então a parceria com as televisões universitárias e trazer o jornalismo como, digamos, cabeça desse contato com as TVs é porque o Canal é uma televisão e as TVs universitárias também têm um propósito ou deveriam buscar um

propósito educativo, como é aquilo que o jornalismo do próprio Canal Futura se autodefine. Então, o trabalho em rede com as universidades ou com as televisões que funcionam dentro das universidades, tem a ver com uma construção de conhecimento para a comunicação social, com o foco na utilidade pública e de se criar experiências em rede que possam servir como referência também, de troca, não só de troca de conteúdo, mas de troca de conhecimento. A experiência do trabalho em rede traz possibilidades de inovação, de construção e exibição de conteúdo em parceria. Até porque as televisões universitárias, das 38 atuais que tem parceria com o Canal Futura, uma parte delas replica o sinal do Canal Futura na sua região, na sua cidade, seja via cabo, sinal aberto ou UHF, mas também acaba tendo algumas produções por projeto.

Quais os maiores desafios do trabalho em rede?

Wexel: Os maiores desafios de se trabalhar em rede dentro do Núcleo de Jornalismo é a gente conseguir construir um diálogo permanente, porque as equipes de cada TV, de cada emissora, são muito móveis, muito dinâmicas, e cada uma dessas TVs universitárias tem uma forma de funcionamento, uma estrutura física, uma estrutura de equipamento, uma estrutura humana, um conceito de ligação com os outros centros de comunicação. Então, acaba acontecendo o desafio da diversidade dessas relações e da multiplicidade de identidade de cada uma dessas TVs. Cada uma funciona muito de um jeito próprio. Então, o desafio de trabalhar em rede passa por entender essa identidade de cada uma, esses desafios internos de cada uma, de mudança de equipe, de trabalhar com estudantes, que está entre os propósitos, de muitas vezes não ter recurso para conseguir se auto-sustentar e se manter com uma produção permanente. Então, essa experiência em rede é ela começa com esse desafio do diálogo e, muitas vezes, quando se coloca uma experiência num nível de produção audiovisual, num caso mais específico de reportagens, depende muito dessa estrutura, dessa dinâmica, dessa disponibilidade que a rede tem, que cada uma das TVs têm. Como o nosso trabalho é muito horizontal, a gente não tem a premissa de determinar como as produções devem acontecer. Ou não tem uma hierarquia de comando, mas a gente trabalha numa esfera mais propositiva e também numa via contrária, receptiva. Então, os desafios muitas vezes é lidar com o tempo, que a gente tem de produção. Televisão é uma máquina louca que precisa por menos factual que seja o trabalho do Canal Futura, a gente precisa ter uma produção continuada, um desafio às vezes é acertar essa agenda, esses calendários, esse ritmo de manutenção da produção, né? Também passa o desafio pelo entendimento de conteúdo e um entendimento de abordagem. O

Jornal Futura e o Conexão Futura, que são os programas onde a maior parte do conteúdo é exibida e utilizada nesses programas, então assim, o desafio passa pelo entendimento da pauta, pelo entendimento do que pode ser útil para o público que assiste o Conexão Futura, a universidade através de uma reunião semanal, todas essas universidades podem propor temas e entrevistas para servir como base para o Conexão. O Jornal Futura já passa por produção de reportagens, o que já demanda discussão não só de pauta, mas de produção, edição, envio, feedback. Então, o desafio também passa por esse afinar de olhares, que resulta numa produção audiovisual, que sirva não só para exibição do Canal Futura, mas que esteja em sintonia com o local da TV universitária. Tem também os desafios de se estabelecer um feedback permanente de produção. Muitas vezes, o volume de produção que seja para o Canal Futura ele é grande e a gente precisa editorializar esses conteúdos, cada uma das edições diárias, de segunda a sexta-feira. Procura dar um feedback permanente, tem procurado fazer isso como um exercício que ajuda nessa construção de conhecimento que a gente se propõe também, nesse coletivo, que faz com que a nossa equipe amplie os seus olhares, evolua. Faz com que as equipes das TVs universitárias também tenham esse contato com a gente, possam crescer sobre conteúdos locais, conteúdos recorrentes que muitas vezes são factualizados por uma absorção de um modelo de TV comercial, de uma televisão local. Então, esse feedback que a gente tem procurado dar, é uma parte complementar e que vai sendo diluída na medida que a gente passa pelas etapas mais metódicas, que são: estar junto em reuniões de pauta, propor juntos, as produções, propor como elas vão se desenvolver, que contexto elas serão utilizadas. Então, a gente reduz a necessidade de dar um feedback, porque a gente tá construindo junto. Atualmente, no Jornal Futura, raramente a gente exhibe uma reportagem que não tenha passado por essa reunião de pauta que acontece todas as quartas-feiras, às 11 horas da manhã. Então, tem sido uma premissa nossa de evitar esse tipo de exibição, porque ela acaba sendo deslocada dessa proposta mais orgânica, de a gente estar fazendo coletivamente, de uma maneira mais horizontalizada, respeitando a diversidade cultural, onde cada equipe está inserida. A gente tem televisões operando no país inteiro, a gente tem uma concentração maior no sudeste e no sul, televisões parceiras. Nós temos no nordeste, no centroeste. No norte, nós temos apenas uma televisão que contribui, que é a Unama. Então, esses desafios também passam pelo entendimento de passar pelos conteúdos regionais, falando de temas nacionais, ou trabalhando esses conteúdos regionais de forma nacionalizada. O Canal Futura lida com temas sobre saúde pública, educação que é o grande topo do guarda-chuva, sustentabilidade, juventude, direitos humanos, ecologia, inovação, empreendedorismo,

economia. Então, as ligações com os grande temas da agenda nacional ou da cultura nacional interessam ao Jornal Futura e também ao Conexão Futura. A diferença é o perfil de programa. Como as equipes são muito fluídas, são muito dinâmicas e muito sazonais nas universidades, acaba que outro desafio é nós conseguirmos alcançar avanços nessas produções, já que com a rotatividade os profissionais vão mudando das universidades e a gente tem que começar do zero com aquele repórter, aquele produtor que chega e ainda precisa entender um pouco o tipo de jornalismo que nós temos buscado, que trabalha de um ponto de vista mais educativo. Então, esse é o trabalho mais desafiador, começar do zero com uma TV universitária que tem contribuindo, que tem uma ciranda bacana com a gente. Muitas vezes, aquele profissional segue seu caminho de formação, de evolução profissional e a gente precisa começar tudo de novo. A gente tem um trabalho chamado laboratório de construção de pauta, onde a gente procura visitar as TVs universitárias pra ajudar nesse desafio do entendimento de como a gente pode produzir junto. Ainda há sempre um desafio que a gente consegue alcançar com as ONGs que trabalham com a gente com produção audiovisual e com as universidades às vezes é mais difícil, que é transpor a nossa linguagem usual de off, passagem e sonora, de construção de reportagem, de construção do texto, de colocação das perguntas, de edição de imagem, de qualidade de imagem, de qualidade de produção, o desafio também passa por essas questões. Há o desafio também de não ser entendido como um cabeça de rede, afinal de contas a gente tem um modelo muito próprio da Rede Globo, com as suas afiliadas. A gente na verdade não tem esse raciocínio que o Canal Futura tenha afiliadas. O Canal Futura é um projeto de comunicação, que busca com essas parcerias, de uma maneira horizontal produzir junto e fazer com que a nossa programação ser conteúdo de desenvolvimento, de melhora, de transformação da vida das pessoas que estão acompanhando a nossa programação. Então, esse também é um desafio de colocar esse entendimento numa linha horizontal e não hierarquizada.

A maior parcela do conteúdo gerado pela produção em rede é exibida pelo Jornal Futura. Como você avalia essas reportagens que são realizadas pelas TVs universitárias?

Wexel: Atualmente, sou eu editora e condutora, apresentadora do Jornal, tem Marcílio Brandão, que é o editor executivo, e o Pablo de Moura. Quem acaba avaliando as reportagens somos nós mesmos. Quando essa reportagem é produzida a partir de uma reunião de pauta, em geral, ela acaba tendo uma avaliação positiva, no sentido de que a gente conseguiu

construir um caminho em comum. A avaliação, o modelo de raciocínio para construção de pauta, é que serve como guia para avaliar essas reportagens, como por exemplo, qual o tema, o problema dessa pauta? O Jornalismo é feito de problemas ou de identificação de problemas. Então, qual é a questão? Qual é o coração dessa pauta? Ao que ela vem? Quais são as causas desse problema, o que move essa questão que se escolheu fazer essa reportagem, quem são os atores e personagens envolvidos nessa produção? Quem eu posso ouvir? Que tipo de provocações esse tema evoca na sociedade, no contexto de onde ela é produzida? Quais são as consequências? Que soluções se pode apontar ou propor dentro dessa reportagem já que se trata de um problema? Qual é a inovação desse assunto? Qual o olhar diferenciado que eu posso dar sobre esse tema? Qual é a linguagem narrativa que eu vou escolher para contar essa história para desenrolar essa questão ou problema? E sempre pensar na contextualização, na necessidade de contextualizar esse tema, porque as TVs funcionam nas suas regiões, mas o Jornal Futura, ele é nacional. Então, a gente procura propor o que a gente chama de abordagem “glocal”, né? Uma produção local, mas com olhar global, com um olhar temático. Sempre lembrando de usar dados, fontes oficiais e se não forem oficiais, lembrar que existe uma responsabilidade com as informações nesse sentido, situar os fatos, os lugares, os contextos em que esse tema está acontecendo e lembrando que os atores sociais envolvidos podem estar ligados a diferentes setores e órgãos. Tendo como base essas premissas, a gente acaba avaliando as reportagens por aí. Fazer uma avaliação generalizada dessas produções é bastante complicado, por dois motivos: depende de cada emissora e depende de cada período que elas estão vivendo em termos de equipe e de qualidade de produção. No entanto, algumas características passam por quase todas as TVs, que é muitas vezes, a dificuldade de se romper com o modelo de produção comercial. Então, as produções em geral acabam sendo um pouco reflexo dessa formação de jornalismo comercial que a gente tem nos cursos, na academia. Isso é algo em comum. E a gente tem buscado cada vez mais sair desse modelo, tentar criar outros modelos, até mesmo no ritmo de narração, na construção de um texto, a gente fica com essa forma de produção que, muitas vezes, impede a criatividade de você, até de olhar um tema sem ficar repetindo o que a gente vê nos telejornais, principalmente factuais. Numa avaliação mais detalhada, teria que ter alguns cases para se dizer. É isso, se percebe essa reprodução desse modelo, né? Muitas vezes, acontece também de tentar sair desse modelo e ter algumas experiências interessantes, mas fica difícil dar uma avaliação geral das reportagens, porque é muito relativo. Tem TVs universitárias que trabalham com repórteres que são estudantes, tem TVs que têm repórteres que já são profissionais formados, então acontece um pouco dessa miscelânea nas redações, de perfis de profissionais.

Algumas reportagens das séries realizadas pela Rede Prosa foram exibidas no Jornal Futura. Por que a equipe decidiu acolher essas produções?

Wexel: A Rede Prosa é uma experiência que nasceu, eu lembro que eu ainda era Coordenadora de Jornalismo da UCS TV. Logo depois surgiu a ideia de fazer uma rede de TVs universitárias ligadas ao COMUNG. A gente interpreta a Rede Prosa como uma rede dentro da rede. A gente faz uma intersecção, mas que tem uma independência. Evidentemente, a gente decidiu acolher essas produções, porque são as nossas parceiras, algumas parceiras como a TV FEEVALE se estabeleceu pela própria Rede Prosa. Mas como ela tem uma autonomia, a gente negocia determinadas abordagens e segue naquela linha de não impor nenhum tipo de regra. Essas produções foram acolhidas, porque é uma experiência muito interessante você ter uma rede que deriva de outra rede. E o funcionamento em rede é assim, você tem vários modelos e a Rede Prosa é uma experiência pioneira em concentrar essa força. O primeiro diálogo de fazer uma rede das gaúchas foi em 2011.

Que critérios são utilizados no momento de escolher quais reportagens da Rede Prosa serão exibidas?

Wexel: Os critérios de escolher as reportagens da Rede Prosa têm duas etapas. Nós começamos nós mesmos fazendo a seleção. Então se enviava 11 matérias da série sobre a água, por exemplo. Nós olhávamos todas e procurávamos utilizar de uma a cinco, porque o Jornal Futura tem 5 edições e raramente usa uma série com mais de 5 reportagens. A gente faz uma seleção de acordo com os mesmos critérios mencionados com a rede. Um diferencial que quando se escolhe fazer uma série temática e existem várias TVs de cidades diferentes fazendo, você acaba valorizando ainda mais essa regionalidade. Então, isso é um fator interessante na nossa escolha. Essa abordagem “glocal” pra gente é importante, a gente sabe que as matérias são exibidas na rede, dentro da Rede Prosa, mas a gente segue com o desafio de ter um olhar nacional sobre o tema. Diferente da Rede Prosa que está no Rio Grande do Sul, então, tem um olhar mais estadual sobre os temas. A gente segue com esse desafio, esse é um critério, porque a gente quer que a matéria seja entendida por alguém que mora no Piauí. A gente está tentando colocar em prática um esquema de curadoria de conteúdo, onde a própria Rede Prosa nos sugira as reportagens mais interessantes do ponto de vista dos profissionais da Rede Prosa ou de quem faz a curadoria. Não há distinção porque é uma universidade ou outra, não passa por uma hierarquia de preferência. Esse contato possibilita

conversar sobre linguagens que sejam bem entendidas pelo público do Canal Futura e que tenham qualidade narrativa, audiovisual e um aprofundamento na temática, sempre tentando trazer essa atualidade do tema com o olhar diferencial. Dando destaque de quando existem as temáticas, se a divisão de olhar é bem feita pela própria rede entre si isso vai refletir na produção e na nossa escolha. Essa curadoria a gente tem conseguido fazer nas últimas duas, três exibições de série, mas não é algo engessado.

APÊNDICE D - REPORTAGENS SÉRIE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Reportagem TV FEEVALE

Tempo Total: 2'47''

Off: Novo Hamburgo é uma cidade de colonização alemã, mas o sotaque germânico pode ser percebido em uma minoria de idosos.

Sonora: Senhora falando em alemão

Off: Os traços da língua de imigração não estão mais presentes na fala. No entanto, ainda influenciam no vocabulário dos moradores.

Passagem Repórter, Daiana Lenz: A cidade pertence ao Vale dos Sinos e fica próxima a municípios como Ivoti, Morro Reuter e Dois Irmãos, onde a fala carrega fortes traços de um dialeto lá da Alemanha, trazido pra cá pelos imigrantes. E mesmo com essa vizinhança, a fala aqui se modificou. E os motivos são a proximidade com a capital e influências econômicas.

Sonora Rosemari Martins, Professora do Curso de Letras da FEEVALE: Talvez em Novo Hamburgo essas marcas não estejam mais tão presentes em função de questões de imigração. Nós recebemos muitos imigrantes nos anos 80, anos 90, em função da indústria calçadista. Também em função do nível de escolaridade das pessoas, né?

Off: Na região também é forte o uso da segunda pessoa no singular com o verbo conjugado na terceira pessoa. O famoso “tu” dos gaúchos.

Diálogo:

Repórter: E tu gosta de pular amarelinha?

Criança: Gosto.

Repórter: Até que número tu vai normalmente?

Criança: Às vezes eu vou até só o oito.

Sonora Rosemari Martins, Professora do Curso de Letras da FEEVALE: “Tu foste” é uma forma que o professor usa em sala de aula, ou que nós usamos em situações mais formais. Mas nós precisamos nos esforçar um pouco pra dizer isso, né? O nosso normal é “tu foi”.

Off: Utilizar o som de “u” em palavras com “o” também é marcante em Novo Hamburgo. Como apontou a pesquisa da aluna de letras da FEEVALE, Betânia Maciel, através de entrevistas a comerciantes locais.

Comerciante grita: Cachorro-quente!

Off: Já a acadêmica de letras Daniele Bauer analisou uma análise na fala de crianças. Ela avaliou a falta da pronúncia do “r” no final das palavras.

Sonora criança: Na hora que ele arrastar a corda, daí quando pegar nos meus pés, daí eu já tenho que pular pra corda passar.

Sonora Rosemari Martins, Professora do Curso de Letras da FEEVALE: São aspectos que se verifica em diferentes níveis de escolarização, em diferentes classes sociais e, também, em diferentes faixas etárias. Então, isso são características que marcam a fala da nossa região, mas que também estão presentes em outras regiões.

Off: Os traços germânicos ainda estão presentes na cor dos olhos e nos cabelos. Nas ruas, a arquitetura das alemães ainda é preservada, mas a linguagem utilizada pelos moradores tende a se modificar de geração em geração.

Reportagem TV UCPel

Tempo Total: 1'08”

Off: O gaúcho tem um jeito todo especial de falar. E cada região do Rio Grande do Sul tem, ainda, suas peculiaridades. Em Pelotas, no sul do estado, a gurizada fala mais ou menos assim.

Enquete:

- Aí, aquele mandinho.
- Aí, tá achacando com a minha cara?
- A gente costuma usar muito merece, né. Alguém fala alguma coisa, agradece, e a gente larga “merece”.
- Aí, tu visse que festa tem no final de semana?
- Ah, porque tu veio de um centro pequeno, de uma cidade pequena, tu tem que te largar, chegar aqui em Pelotas e te largar.
- Repórter: A senhora nunca tinha ouvido essa expressão?
- Eu nunca tinha ouvido isso aí, nunca ouvi.

Off: Mas de onde vêm essas palavras? Elas são influência de quem?

Sonora Adail Sobral, Mestre em Sociolinguística: Aqui tem mais influência do que em algumas outras partes. Tem influência, por exemplo, do espanhol do Uruguai, principalmente do Uruguai, mas um pouco da Argentina. Tem influência da imigração portuguesa. Tem influência da imigração forçada dos negros, né? Quer dizer, da Africa. Tem também um pouco de italiano.

Reportagem TV UNIFRA

Tempo Total: 3'06''

Off: Calçadão Salvador Isaias, um local de movimentação intensa todos os dias. Além do comércio, é ponto de encontro de pessoas dos mais variados tipos, estilos e tribos.

Passagem Repórter, José Quintana Jr.: Santa Maria tem uma população de cerca de 300 mil habitantes, formada por diversas etnias. É conhecida, também, como cidade universitária, que tem a circulação de milhares de estudantes de várias cidades do Rio Grande do Sul e, até mesmo, de outros estados do país, que ajudam na formação da cultura local.

Off: Mas com tantas diferenças, como será a comunicação dos santa-marienses?

Sonora João Paulo Dornelles, músico: É um modernismo, né. Hoje tá tudo moderno, desde as palavras já tá tudo difícil. A gente que é do campo, a gente interpreta errado as palavras.

Sonora Felipe de Andrades, estudante: Sem palavras, pode crer, vamos ver, é nós que tá.

Sonora João Paulo Dornelles, músico: A gente que vem do campo sofre um pouquinho, mas no meio deles eu tô aprendendo muitas coisas, já estou aprendendo assim. Vamos dizer assim, o mundo ensina.

Diálogo:

- Normal.
- Sem sotaque?
- Sem sotaque.

Sonora Eder Giovani, autônomo: Tem um dicionário tradicionalista, das várias gírias que tem e que não tão no dicionário. Daí pergunta pra um amigo agora: “fala uma gíria aí” “pô, eu não sei” e já saiu uma.

Sonora Felipe de Andrades, estudante: Muitas gírias, muitas coisas assim, tem muitos modos de falar.

Sonora Valdir Cristo, aposentado: Entro na deles também se puder, né. Eu converso bem com eles e tudo, não há problema nenhum.

Diálogo:

- “Di” Santa Maria
- Vocês falam assim?
- Eu falo assim porque sou natural “di” Porto Alegre

Sonora Valda Vieira, aposentada: Fala como todo o Rio Grande do Sul fala. Só Porto Alegre que é diferente, que em vez de falar “de” falam “di”, né. Quem fala “de” fala certo, quem fala “di” tá errado.

Sonora Robson Miranda, gerente de loja: “Ti”, a “genti”, “leiti”, é pra “frenti”, o “ti” aqui em Santa Maria é diferente de outros lugares.

Sonora Eder Giovani, autônomo: Eu cheguei: “e aí, chinoca”, é um cumprimento tradicionalista, que nem guri, chinoca. E ela: “mas eu não sou china”. Daí eu perguntei “bah, mas de onde que tu vem?” e ela nasceu em Santa Maria. Daí eu fiz um resumo básico que é um cumprimento de respeito, né, chamar uma mulher de chinoca e um homem de guri.

Off: No meio de tantos estilos, tribos e idades, os santa-marienses de nascimento ou passagem, transformam as diferenças e um jeito universal de ser Santa Maria.

Sobe som gaiteiro

Reportagem TV UNISINOS

Tempo Total: 2'55''

Off: Quando os alemães chegaram ao Brasil, há quase dois séculos, São Leopoldo foi um dos locais escolhidos pelos imigrantes. A maioria das famílias hoje tem algum descendente de alemão.

Sonora Gunter Sudow, Voluntário do Museu Histórico de São Leopoldo: Meus pais vieram da Alemanha em 1933. E sempre insistiram pra falarmos em casa o alemão correto.

Passagem Repórter, Gabriela Clemente: São Leopoldo nunca mais parou de receber pessoas de outros países e de outros estados. A região do Vale dos Sinos tem duas universidades, que acabaram se tornando a casa de quem vêm para estudar, para dar aula, mas também para conhecer outras culturas. Por isso é difícil falar em sotaque, mas, sim, em sotaques.

Sonora Alberto Efendy, Professor do PPG em Comunicação - UNISINOS: Na verdade, quando tu escuta minha sonoridade linguística, ela é uma mistura. Não tem um sotaque digamos, que tem um sotaque equatoriano, tem um sotaque gaúcho também.

Sonora José Luiz Braga, professor do PPG em Comunicação - UNISINOS: Minha mãe era carioca, meu pai era pernambucano. Eu fui pro Rio, depois fui para Recife, de forma que eu fui colecionando uma série de sotaques que, hoje, eu, a rigor, não saberia

Sonora Elizabeth Duarte Brager, Auxiliar de limpeza: Eu fui alfabetizada no Rio de Janeiro, então eu ouvi desde pequena professor falar com “rrr”, na garganta, ou então chiando, “doix”, “treix”.

Off: Neste ambiente, a variação linguística é encarada de forma positiva e até dá um toque a mais para o espaço. Além de refletir um pouco a formação do estado brasileiro.

Sonora Ana Maria Zilles, Professora do PPG em Linguística Aplicada- UNISINOS: Existe muita diversidade no país, não só porque muitas línguas são faladas aqui, mas também porque há muitas diferenças relacionadas com a ocupação do território na época da colonização dos imigrantes. Ou antes disso, quando os portugueses foram chegando e tomando o território. Isso produziu muitas formas diferentes de se falar o português.

Off: Tem sentido, então, em falar em sotaque?

Sonora José Luiz Braga, Professor do PPG em Comunicação - UNISINOS: As pessoas sempre acham que o sotaque é o do outro. A minha fala é a fala normal, digamos, e o outro tem sotaque.

Off: A língua deve servir para expressar sentimentos e visões de mundo. Para o escritor moçambicano Mia Couto, a norma da língua não deve se limitar a linguagem das pessoas.

Sonora Mia Couto, Escritor: Eu vejo a língua como se fosse um rio, como se houvesse não só o leito, como a margem. E como essas duas entidades se trocam se reconstroem, se reconfiguram e como não se podem separar.

Reportagem UCS TV**Tempo Total: 2'48''**

Off: Quem ouve a família Sottoriva conversar, logo percebe que a descendência é italiana. A língua portuguesa eles até sabem, mas preferem falar em *talian*, porque esse costume vem de outras gerações.

Sonora Lucinéia Sottoriva, Agricultora: Na minha infância, eu nasci lá com o pai e a mãe, o vô e a vó e os pais iam pra roça. Daí minha mãe dizia: “fica em casa com a nona que me vai a colônia e onde que a nona vá, (algo em *talian*)”. Eu tava sempre junto da nona e a nona não sabia falar português e o que ela falava comigo era só em *talian*. E fui que fui aprendendo italiano antes do português.

Sonora Valmir Sottoriva, Agricultor: Eu fui acostumado assim, desde o meu pai todo mundo sempre falava em *talian* e (quando íamos na igreja todo mundo falava *talian*). Daí tu vai falar português de que jeito, né? A gente em português não fala muito, parliamo italian e deu.

Passagem Repórter, Matheus Guaresi: O *talian* é a língua de identidade da imigração italiana. Uma mistura de pronúncias de diversas regiões da Itália que, aqui, se misturaram e se transformaram. O resultado desse processo cultural é uma língua materna que não está nos livros. Ela é ensinada dentro de casa, passada de geração para geração.

Sonora Lucinéia Sottoriva, Agricultora: Aqui com os vizinhos a gente se encontra assim e só *talian*.

Sonora Valerino Sottoriva, Agricultor: Com eles eu sempre falei em *talian* e com a minha neta também, só *talian*. É muito bonito ouvir ela falando em *talian*. (Fala original em *talian*).

Sonora Gissely Vailatti, Historiadora: Muitas crianças ouvem, muitos adolescentes ouvem e muitas pessoas da minha idade ouvem e compreendem. No entanto, são pouquíssimas aquelas que conseguem formar frases com as expressões que ouvem.

Sonora Valmir Sottoriva, Agricultor: Na cidade parlano tutti em português. Agora aqui na colônia ainda, tu vai na capela e o padre fala em *talian*, mas se tu vai na cidade, aí fala mais o português. Conforme a turma que tu acha, né.

Sonora Cleodes Piazza Júlio Ribeiro, Pesquisadora: A UNESCO acaba de absorver essa língua. O registro do *talian* como uma língua da imigração.

Sonora Gissely Lovatto Vailatti, Historiadora: O elo que liga, que nos liga entre si como descendentes, é a linguagem. É o mais forte de todos os elos, eu diria. Entre o passado e o presente e entre pessoas por si só por se reconhecerem assim.

Sonora Lucinéia Sottoriva, Agricultora: Eu gosto muito de falar o *talian* pra cultivar aquilo que aprendi desde pequena com meus avós. (Fala original em *talian*).

Reportagem TV Univates

Tempo Total: 2'37''

Sonora Hardi Tellöken, Produtor: Eu sou Hardi Tellöken, tenho 58 anos, moro no interior de Arroio do Meio, chamado forqueta baixa e eu trabalho na atividade leiteira há 34 anos. E hoje eu tô orgulhoso e feliz, eu tenho bom rendimento.

Off: O seu Hardi tem 27 vacas que produzem, em média, 500 litros de leite por dia. Ele fornece a matéria prima pra uma das três empresas de laticínios da região do Vale do Taquari. O sotaque carregado e a maneira de se expressar logo identifica seu Hardi como morador de uma região onde predomina a cultura germânica.

Sonora Hardi Tellöken, Produtor: É costume, né, tradição. E também por já ser o ordenado mensal do produtor, então a gente se atirou nisso aí.

Passagem Repórter, Marcos Ruschel:

No Vale do Taquari o leite é um dos três segmentos mais importantes do agronegócio. Responsável por quase 13% da produção estadual, quase 50% dos produtores obtém sua renda mensal através da indústria de laticínios.

Off: O leite produzido na região passa por uma análise criteriosa antes mesmo de chegar na indústria.

Sonora Jéferson Bottoni, Gerente Administrativo da Unianálises: Unianálises é um laboratório da instituição, da UNIVATES, voltada a prestação de serviços, a qualidade do leite.

Off: O laboratório do leite analisa cerca de sete mil amostras por mês. Destas, em média quatro mil são do controle de qualidade. Ou seja, obrigação das empresas. E três mil são analisadas para controle do próprio produtor.

Sonora Júlia Spellmeier, Coordenadora do Laboratório do Leite: Nós fazemos análise da composição do leite: controle de proteína, de gordura, sólidos, lactose. A partir desses resultados consegue se fazer um gerenciamento da propriedade e conseguindo assim melhorar a qualidade do leite e aumentar a produtividade.

Off: Entre as diversas linhas de pesquisa da instituição, o trabalho feito com a cadeia leiteira é referência no estado e no país. O caso mais recente onde a UNIVATES teve ligação direta, foi na descoberta da adição de formol e uréia na composição do leite em uma operação coordenada pelo Ministério Público.

Sonora Lucildo Ahlert, Consultor de Agronegócios: É uma atividade, vamos dizer, onde ela não é predominante, ela é uma atividade que garante o sustento da casa. Se tornou uma questão cultural aqui. É bastante difícil algum produtor não ter a produção de leite.

Sonora Hardi Tellöken, Produtor: Hoje eu to feliz, to contente, me orgulho de ser produtor de leite.

<p>Reportagem UNISC TV Tempo Total: 3'27''</p>
--

Off: A escola municipal de ensino fundamental Guido Herberts, tem o alemão no currículo desde 2006. Hoje, o ensino do idioma é realizado do sexto ano à oitava série. Os alunos têm

aula de alemão uma vez por semana. Alguns deles confundem o idioma com o inglês, que também é ensinado na escola, mas sabem que o alemão pode ter uma grande importância para o futuro.

Sonora Ricardo Toiller, 13 anos: Saber mais de uma língua é melhor

Sonora Julia Mattheis, 13 anos: Espero poder usar o alemão no futuro

Repórter: E é difícil aprender a falar alemão?

Sonora Julia Mattheis, 13 anos: É, bem difícil. Pra mim é, confunde um pouco.

Passagem Maria Regina Eichenberg: Para incentivar as tradições em Santa Cruz do Sul, a secretaria de educação e cultura apoia o aprendizado da língua alemã. Atualmente, 12 escolas municipais possuem o idioma como disciplina obrigatória do currículo. E existe a tentativa de incorporar, também, em uma escola estadual.

Sobe som da aula de alemão

Sonora Luciani Maria Kunz, Professora de Alemão: Numa escola municipal, é muito interessante dar aula de alemão, porque a maioria deles, hoje, não fala mais alemão em casa. De algumas escolas do interior eles vêm bilíngue pra escola, mas que nem, a realidade dessa escola aqui, eles não falam mais alemão em casa. E é legal, porque você alfabetiza eles em alemão e constrói neles um conhecimento que eles percebem mais tarde que eles adquiriram, né? Eles percebem isso quando eles vão precisar usar mais tarde, né, que é na vida pública dele, que é no trabalho, numa prova. Que nem nós temos na oitava série a prova da língua alemã aí eles se dão conta do conhecimento, porque a prova é feita pelo instituto Goethe e não é feita por nós, professores da rede. São eles que desenvolvem e aplicam as provas com nossos alunos, né.

Sonora Alirtes Heming, Diretora da EMEF Guido Herbers: Eu vejo, assim, como uma oportunidade para o futuro, né. Porque no trabalho, quando eles forem pro mercado de trabalho, saber uma outra língua é muito importante. E até assim uma oportunidade depois, pra quem continuar, fazer uma faculdade, até de fazer um estágio no exterior depois.

Sobe som da aula de alemão

Sonora Luciani Maria Kunz, Professora de Alemão: As aulas são bem diversificadas, a gente trabalha com vídeos, a gente trabalha com áudio, eu trago estrangeiros pra sala de aula. Ano passado a gente teve a visita de um alemão aqui na escola. Então todo o momento que tem uma possibilidade eu trago. Eu mostro que aqui no município se falam quatro dialetos diferenciados, né. Então são conhecimentos que eles vão adquirindo, que o alemão do sul é diferente do alemão do norte. Então eu procuro mostrar a Alemanha de hoje, a Alemanha moderna, a Alemanha cheia de oportunidades na vida deles.

Off: A aprovação pelo aprendizado da língua também é confirmada pelos pais.

Sonora Elise Inês Toiller, Secretária: Eu acho super bom, né? Ainda mais que a gente é de uma origem alemã. A cidade em si tem a cultura alemã. Então, pra mim, é ótimo, porque vai melhorar pra ele, para o futuro dele, em questão de mercado de trabalho. Eu acho que é desde pequeno que tem começar e eu não sei falar alemão. Sou totalmente alemoa, mas não sei, gostaria de saber. Então se ele tem essa oportunidade na escola, perfeito. Pra mim é excelente, é tudo o melhor pra ele, né?

APÊNDICE E - REPORTAGENS SÉRIE E O PRODUTO, VAI COMO?

Reportagem TV UCPel

Tempo Total: 3'45''

Off: Estamos em Pelotas, no sul do Rio Grande do Sul. Por aqui a época da colheita do pêssego, mas a fruta é enviada para todo o Brasil e para outros países em forma de compota. Essa fábrica tem a maior estrutura de processamento de pêssego do Brasil, mas o que pode facilitar o envio do produto, são as obras de duplicação nas estradas. No entorno do município, a visão é de máquinas que trabalham 24 horas por dia. Mas você sabia que essas melhorias podem influenciar no seu bolso? Isso, porque estradas melhores, trazem trânsito melhor. E trânsito melhor traz um transporte mais barato e que chega mais rápido.

Sonora Mário Castro, Gerente de Logística: Um tempo atrás nós considerávamos tanto o valor do frete em si na mercadoria. Hoje é o valor essencial, tem que cuidar primeiro o frete, pra onde vai se entregar, pra depois poder calcular o preço. Um coisa que tá sendo prioridade é o frete, é a logística e a entrega no custo do produto.

Off: Em período de safra, a fábrica multiplica o número de funcionários. Ele pula de 50 para mil trabalhadores. A maioria utiliza as BRs para chegar ao trabalho, o que vai facilitar a logística da empresa.

Sonora Mário Castro, Gerente de Logística: Então esse transporte desse pessoal é diário, então faz muita movimentação. E quanto melhor as vias, melhor, né, pra nós.

Off: Depois de muito trabalho aqui na indústria, pra chegar até o consumidor a viagem é longa. Maurício vai viajar dois mil quilômetros para chegar a Belo Horizonte. Vão ser três dias de viagem, que poderia ser um pouco mais segura com a estrada duplicada.

Sonora Maurício Garcia, Caminhoneiro: Com a estrada dupla é bem mais segura e no próprio tempo, né. Que acarreta menos congestionamento, a duplicação é uma coisa muito boa.

Repórter: Três dias de viagem, nesse trajeto, quais são as maiores dificuldades que vocês têm?

Sonora Maurício Garcia, Caminhoneiro: Normalmente é o trânsito, são os congestionamentos. É a BR 101, litoral, principalmente agora no verão. Muito turismo, então... E até pelas próprias condições da estrada. O que a duplicação ajuda muito.

Off: Eles chegam a levar de três a quatro mil toneladas de produto por mês. as viagens nunca param.

Sonora Maurício Garcia, Caminhoneiro: Se pegar uma linha dessas pra fazer, é possível fazer três viagens ao mês. Vai, descarrega a mercadoria daqui e carrega uma outra carga de volta pra cá. Três vezes ao mês dá pra fazer tranquilo.

Passagem Repórter, Mateus Marques: Das fábricas, os motoristas têm que enfrentar longas viagens, mas esse destino pode ficar um pouco melhor depois das obras de duplicação das BRs 116 e 392. Aqui no contorno de Pelotas, vão ser mais de 24 quilômetros duplicados. E o fluxo dos veículos também vai melhorar com a construção de três novas pontes e 11 viadutos.

Off: O movimento de caminhões aumenta cada vez mais e esse é um dos principais objetivos da construção, que vai beneficiar, também, os veículos de passeio. E os que passam horas e horas no volante não veem a hora de conseguir ter um viagem mais tranquila.

Sonora Carlos Rodrigues, Caminhoneiro:

Vai melhorar 100%. Assim que terminarem a rodovia vai melhorar muito muito. Pra todos, né. Pra veículo pequeno e pra nós, que trabalhamos com veículo pesado. Porque às vezes o veículo pequeno se torna mais fácil, ele dá uma escapadinha daqui e dali e ele entra, ele consegue escapar. Agora o caminhão grande tu parou e até movimentar ele passa três, quatro carros.

Off: E a boa notícia para esses caminhoneiros é que, se tudo ocorrer bem, essa obras, que começaram em 2012, devem acabar no segundo semestre de 2015. Quando tudo aqui deve ficar em ordem.

Reportagem UNISC TV**Tempo Total: 4'36''**

Off: Na família Helfer, a tradição de fazer cucas é a forma de sustento há cerca de 30 anos. A empresa começou pequena, mas a demanda da produção cresceu. O trabalho inicia à meia noite, para garantir cucas fresquinhas nos mercados e padarias na manhã seguinte.

Passagem Repórter, Maria Regina Eichenberg: Com oito sabores diferentes, a Cucas Helfer chega a produzir, em determinadas épocas do ano, catorze mil unidades. Daqui, a produção abastece os municípios de Santa Cruz do Sul, Rio Pardo, Sinimbu, Vera Cruz, Pantano Grande e Santa Maria.

Off: Em média, 400 cucas são produzidas a cada madrugada. O processo dura em torno de seis horas, entre a preparação da massa e da cobertura, o momento de levar ao forno e o resfriamento para colocar as embalagens. Feito isso, os funcionários organizam os pedidos de acordo com as rotas de entrega e, ao amanhecer, levam as cucas até os mercados da região.

Sonora Pedro Luiz Helfer, sócio-proprietário:

As cucas a gente produz aqui e a gente não tem um ponto de venda específico aqui. Então o que a gente faz: a gente separa por cliente e a gente tem rotas. Dentro dessas rotas a gente distribui as cucas nas cidades vizinhas.

Off: No início da manhã as cucas já estão nas prateleiras dos estabelecimentos e logo elas são vendidas. Para chegar até esta etapa, 16 funcionários dividem as tarefas de produção e entrega das Cucas Helfer. Mesmo para quem trabalha há 26 anos com a mão na massa é possível aprender um pouco mais a cada receita.

Sonora Alaira Frantz, Confeiteira: Aprendi, fazia, assim, pro meu gasto, né. Mas aprendi mais aqui e lendo, indo em feiras e coisa. Porque cada lugar que tu vai tu tira alguma coisa, quando tu tem interesse. Porque tu já vai nos lugares assim, quando tem uma feira, já procurando alguma coisa que tu não sabe, conhecer mais, né. Eu acho que já virou vício ou esporte. Não sei te dizer o que, sabe... Pra levantar essa hora da madrugada acho que é esporte mesmo, é gostar.

Off: Um dos pontos turísticos de Santa Cruz do Sul também é conhecido pela gastronomia típica alemã. A dezessete quilômetros do centro do município, a Cucas Gressler integra a Rota Germânica do Rio Pardinho. São cerca de 50 cucas produzidas por final de semana. E, neste caso, não é a cuca que vai até o consumidor – é ele que vem até aqui para provar e comprar essa delícia.

Sonora Clarine Lenz, Cuqueira: Nós só temos esse ponto aqui, na Rota Germânica. Então a gente funciona sexta, sábado, domingo e nos feriados e o pessoal pode vir, pode degustar e levar a cuca junto também. A principal propaganda é a de boca em boca, então o pessoal que volta diz: “ah, o meu amigo veio e gostou”, então o pessoal vem e compra e, acho eu, que eles gostam da nossa cuca, né. Que ela é um diferencial, que ela é feita mais artesanal, não é uma coisa industrializada e é da nossa própria região aqui, mesmo, que nós colocamos as frutas e acho que esse é o diferencial que o pessoal acha.

Off: Na feira rural, nas padarias ou nos supermercados, ela sempre está presente. Independente da forma como a cuca chega até o consumidor, o doce tem espaço na vida dos santa-cruzenses e de quem vive em outras cidades.

Sonora Odete Turcati, Professora Aposentada: Em todos os lugares. Compro no mercado, compro nas feiras quando tem oportunidade e, às vezes, eu mesma fabrico. Algum tipo de coisa eu mesma faço.

Sonora Paulo Afonso Haas, Motorista: De manhã, de tarde, às vezes de noite. Se não quero fazer uma janta, a gente faz um café e come uma cuca junto.

Sonora José da Silva, Advogado: Santa Cruz do Sul se destaca a nível municipal, estadual e federal. E eu posso testemunhar isso porque eu tenho levado muita cuca de Santa Cruz pra Porto Alegre. As portas se abrem por lá quando eu chego com as famosas cucas de Santa Cruz.

Reportagem TV UNIFRA**Tempo Total: 3'57''**

Off: Região central do estado do Rio Grande do Sul. Previsão de colheita de mais de 63 mil toneladas de arroz. Entre elas, os 280 mil quilos produzidos pelo seu Domingos.

Sonora Domingos Balcone, Produtor Rural: Aqui da na base de uns 40 hectares, e se produz ali em torno de oito mil, oito mil e poucos quilos por hectare.

Off: Agricultor desde os 10 anos de idade, ele conhece bem o cultivo e as facilidades que a tecnologia trouxe ao campo.

Sonora Domingos Balcone, Produtor Rural: Hoje é com máquinas, bem mais fácil produzir,

Off: Mais fácil de produzir e, também, de transportar.

Sonora Heder Macedo, Policial Rodoviário Federal: Hoje os veículos de carga eles também aumentaram em dimensão, aumentaram em capacidade, o que era antigamente uma combinação simples, só uma carreta ou um, hoje é um bitrem, é um caminhão trator com dois ou três semirreboques.

Off: De acordo com dados do IBGE, a estimativa para 2014 é que o estado produza cerca de 30,5 milhões de toneladas de grãos, 0.9% a mais do que no ano passado. Pelo menos 60% da produção deve passar pelo centro do estado em direção ao porto de Rio Grande.

Sonora Heder Macedo, Policial Rodoviário Federal: O movimento das rodovias aumenta muito, sobretudo no final de março, início de abril até agosto, período de safra, então os grãos que são produzidos na região central do Rio Grande do Sul, eles são transportados em direção ao porto de rio grande, direção sul do estado, usando sobretudo a BR 158 e a BR 392.

Passagem Repórter, Camila Joras: As rodovias não são a única opção para o transporte dos produtos. A Malha Ferroviária de Santa Maria e região, possui 2,4 mil km. Ela está ligada a

quatro pontos estratégicos: Rio grande, Uruguaiana, Porto alegre e Cruz Alta. Os produtos que mais passam por aqui são granéis e adubos de diferentes regiões e com destinos diversos. Mas o produto que mais fica na cidade é de combustíveis. São descarregadas, em média, 800 toneladas por dia.

Off: O produto que chega revela o perfil socioeconômico da cidade. São quase 300 mil habitantes, entre eles muitos militares e estudantes. Em Santa Maria, a agropecuária corresponde apenas a 2,24% do produto interno bruto. Já a prestação de serviços corresponde a quase 75%.

Sonora Alexandre Reis, Economista: Dá para se dizer que hoje é uma boa referência na questão do plano educacional, o comércio é muito forte, que faz a oferta para outras cidades que ficam no nosso redor, e o serviço, né. A prestação de serviços, a mão de obra qualificada.

Off:

Apesar de a agricultura não ser o setor que mais pesa no PIB, foi devido ao transporte dos produtos, ou melhor dizendo, a localização estratégica do município que Santa Maria ganhou destaque no estado.

Daiane Rossi, Historiadora: A cidade se tornou um ponto de passagem ligando a capital a fronteira oeste do estado, então economicamente, a partir deste ponto de interligação do estado, Santa Maria cresceu muito. Até a ferrovia Santa Maria era uma vila, depois da ferrovia ela se tornou uma cidade com certeza.

Reportagem TV Univates

Tempo Total: 4'07''

Sonora Patricia Fassina, Nutricionista: O leite é um alimento importante desde a fase da infância das pessoas, até a fase adulta, idade mais avançada, por ser um alimento rico em cálcio. Ele ajuda em todo o estabelecimento da estrutura, da formação óssea, da formação da dentição das crianças, ajuda na manutenção de todas as funções fisiológicas no organismo, no crescimento e desenvolvimento. Durante a fase adulta ele ajuda na reposição de cálcio. Na

fase da idade mais avançada, não temos mais uma absorção tão intensa de cálcio, mas mesmo assim é um alimento importante.

Passagem Repórter, Ronaldo Rempel: Segundo dados de 2013, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, cada brasileiro consome cerca de 172 litros de leite por ano. Mais comum é o leite integral, como este, que vem das vacas. Mas, até chegar no supermercado, ele percorre um longo caminho.

Off: No Vale do Taquari, 15 mil produtores de leite, como o seu Eliseu. No interior da cidade de Arroio do Meio, a 120 quilômetros de Porto Alegre, ele cria 30 vacas. Produção de 450 litros de leite por dia. A rotina é sempre a mesma: sete e meia da manhã já está de pé, pronto para a ordenha,

Sonora Eliseu Alves, Produtor de Leite: Na hora da ordenha, o leite sai direto da vaca e é canalizado direto pro resfriador, você nem toca mais no leite. Antigamente você colocava o balde ao pé da vaca, daí levava o balde. Hoje, com a sala de ordenha você coloca cinco vacas, ou quantas quiser, de um lado e do outro, aí você trabalha só no meio. As vacas vão ao teu encontro e não você vai ao encontro das vacas. E essa tecnologia ajuda muito, facilita. Uma pessoa consegue tirar leite, em questão de uma hora, de 30 vacas.

Off: O leite fica armazenado neste tanque refrigerado. A coleta é feita a cada dois dias. O produto, então, percorre cerca de 41 quilômetros até chegar ao local onde vai ser industrializado.

Sonora Daniel Lehn, Engenheiro de Alimentos: Quanto mais próximo da indústria a localização da propriedade, diminui o tempo de transporte, o que pode melhorar a garantia da qualidade. Outro fator importante é a higiene. Ou seja, o caminhão, quando ele vai receber o leite, tem que ser higienizado. E o tanque, que resfria o leite até o momento da coleta, também merece uma atenção especial na questão da higiene. Sem falar nos utensílios utilizados para a ordenha e os hábitos de quem trabalha na propriedade rural.

Off: Depois de 43 minutos a matéria prima chega nessa cooperativa. Além dela, mais dez empresas trabalham com leite no Vale do Taquari.

Sonora repórter, Ronaldo Rempel: Aqui o leite é pausterizado. Depois passa pelo processo UHT: aquecimento e imediato resfriamento, para esterilizar o produto antes de ser envasado.

Sonora Dirceu Bayer, Diretor da Cooperativa: Principalmente no estado do Rio Grande do Sul, em torno de 50% é destinado ao estado. Mas também comercializamos o produto para Santa Catarina, Paraná, São Paulo em uma quantidade bastante expressiva nas grandes redes de São Paulo e Rio de Janeiro da mesma forma, né. E os mercados, principalmente, atendem o pequeno varejo e também as grandes redes.

Off com gráfico: O Vale do Taquari representa 1,7% do território do Rio Grande do Sul, 3% da população e 3% do produto interno bruto gaúcho. Apesar disso, é responsável por 9% da produção de leite no estado.

Sonora Cintia Agostin, Presidente do CODEVAT: A cadeia leiteira do Vale do Taquari é a terceira maior cadeia produtiva. Só fica atrás, falando de agronegócios, da cadeia de suínos e da de frango que é a nossa maior cadeia. A produção leiteira no vale aumentou 100% na última década, nos últimos 12 anos. Então, invariavelmente, pro Vale do Taquari, essa é uma das principais cadeias produtivas. Além de, economicamente, representar muito pra nossa produção é pra industrialização, ela parte do principio da pequena propriedade rural, que é o nosso caso.

Reportagem TV UNISINOS

Tempo Total: 5'31''

Sonora Thomaz Carvalho, apreciador de cerveja artesanal: A minha paixão por cerveja artesanal, ela começou mais ou menos em 2010, quando eu resolvi conhecer um pouco mais desse mundo. Começou a ter algumas cervejas com mais fácil acesso na linha artesanal.

Sonora Ulisses Bragaglia, Sócio-Proprietário de Microcervejaria: A artesanal, ela se propõe ao produto de qualidade. Então ela foge um pouco do conceito de beber mais e beber por causa do calor.

Sonora Rafael Roos, Proprietário de Pub: No começo foi bem difícil, as pessoas chegam e pediam cerveja normal. “Vocês não tem cerveja normal?” E a gente só tem cerveja especial, né? Cerveja artesanal.

Sonora Guilherme Caon, Professor e Mestre Cervejeiro: Apesar do consumo de cerveja tá crescendo tanto no Rio Grande do Sul, como no Brasil, poucas pessoas ainda conhecem qual é o processo de fabricação e também como que essa cerveja pode ser melhor conservada até ela chegar na mesa do consumidor.

Sonora Cristiano Winck, Proprietário de Microcervejaria: Tudo começa no campo com o plantio da cevada. A cevada é um grão que é rico em amido e esse amido é o que vai fornecer o açúcar pra gente fazer a nossa cerveja. Quando o malte tá na cervejaria a gente faz a moagem dele, depois que ele é moído a gente vai fazer a mosturação. Essa é a tina de mosturação. Aqui dentro é feito uma infusão de água e o malte moído. Depois que o processo de mosturação é concluído passa pra tina filtro. Essa é a tina filtro. Aqui a gente faz a clarificação da cerveja. Daí ela clarificou pra ir pra tina de fervura. Depois que é fervido, é resfriado e levado pro fermentador.

Sonora Guilherme Caon, Professor e Mestre Cervejeiro: Hoje, no Rio Grande do Sul, pra um cervejeiro caseiro, os ingredientes que ele, na maior parte, são importados. Nós temos quatro ingredientes aí: o malte, o lúpulo, o fermento e a água. A água nós temos de ótima qualidade, mas os outros ingredientes são difíceis de ser encontrados. O Rio Grande do Sul é o maior produtor de malte, só que esse malte já é pré-comprado pelas grandes indústrias, então a gente não tem acesso a ele.

Sonora Cristiano Winck, Proprietário de Microcervejaria: Se a gente fosse pensar somente no negócio, a gente colocaria adjuntos, como milho, como arroz. E isso é o que diferencia uma cerveja artesanal de uma comercial, da grande escala. É a matéria-prima. Primeiro a gente faz a receita buscando um produto com sabor, com qualidade e não pensando no custo da receita. Depois é que a gente vai ver qual é o valor desse produto.

Entrevistado sem crédito: Claro que tu nunca vai competir com as cervejas industrializadas, por causa dessas coisas. Eles usam materiais mais baratos, mas, pela qualidade que se tem, tu tá pagando um preço justo.

Sonora Guilherme Caon, Professor e Mestre Cervejeiro: Com relação ao transporte da cerveja em si, nós temos que considerar que, quando mais próximo do local de venda, melhor. Porque ela vai sacudir menos, ela vai trabalhar menos fisicamente.

Sonora Cristiano Winck, Proprietário de Microcervejaria: Por isso que tem aquele ditado, né? Que a melhor cerveja é aquela que tu consegue enxergar a chaminé da fábrica. Tu vai tá tomando ela mais fresca.

Sonora Guilherme Caon, Professor e Mestre Cervejeiro: Algumas das cervejas pra distâncias mais longas, elas passam, na verdade, por um processo de pasteurização.

Sonora Cristiano Winck, Proprietário de Microcervejaria: A pasteurização aumenta o tempo de vida útil na prateleira, fora do gelo. Então todas as grandes cervejarias pasteurizam suas cervejas e muitas microcervejarias também pasteurizam.

Sonora Ulisses Bragaglia, Sócio-Proprietário de Microcervejaria: A gente queria também abrir o horizonte pra outros estados do Brasil. Então o que a microcervejaria fez: a gente resolveu, também, trabalhar com a cerveja pasteurizada. Então, com esse facilitador, o transporte e a logística se tornam muito fácil pra poder enviar pra um distribuidor do Rio de Janeiro, que a gente tem, Santa Catarina, Bahia. Então isso aí faz facilita demais, né. Tu não precisa exigir um transporte de um envio em um caminhão refrigerado, por exemplo, que custa muito mais caro e que vai chegar pro consumidor final muito mais caro também.

Sonora Cristiano Winck, Proprietário de Microcervejaria: A Maniba optou por não pasteurizar. Então a nossa logística tem que ser muito mais rápida e muito mais ágil.

Sonora Rafael Roos, Proprietário de Pub: A gente trabalha com cervejas artesanais muito em função da sustentabilidade e da questão da economia local, que a gente pretende fortalecer.

Sonora Guilherme Caon, Professor e Mestre Cervejeiro: Os primeiros imigrantes alemães que vieram para São Leopoldo, eles já começaram a fabricar cerveja, porque eles sentiam falta de ter isso na dieta deles, no dia a dia. Então uma das primeiras cervejarias do Brasil se estabelece em São Leopoldo. E hoje em dia se a gente for considerar o segmento das cervejas

industriais e das artesanais, nós temos um crescimento das artesanais de, em torno, 30% ao ano. Quando as industriais tã, na verdade, caíndo no consumo. Exatamente porque as pessoas tã se concientizando que não precisa beber tanto. Tu pode beber menos e beber melhor.

Sonora Cristiano Winck, Proprietário de Microcervejaria: Com o *boom* da cerveja artesanal, vários investidores estão entrando no mercado, acreditando que seja um bom negócio. Só que uma microcervejaria, ela tem que ter alma, ela tem que ter alguém port trás dela, que põe a sua cara na cerveja. É um hobby maravilhoso, quem começa a fazer cerveja, é difícil parar.

Reportagem TV FEEVALE

Tempo Total: 6'41''

Repórter Eliza Maliszewski: Qual mulher não gosta de um belo sapato? Feminino ou masculino, o fato é que os calçados gaúchos vão para vários países do mundo.

Off: Antes disso, eles vão dos pés da Maristela, para as mãos.

Repórter Eliza Maliszewski: Quais que são as fases? Como é que começa?

Maristela Bones, maqueteira: Começa a preparação, né. Prepara, vai passando fita, colocando... prensando, né. Colocando debrum e assim vai indo, até terminar.

Repórter Eliza Maliszewski: Como se fosse montar um quebra-cabeça, dessas pecinhas, vai sair esse sapato?

Sonora Maristela Bones, maqueteira: Vai sair esse sapato.

Repórter Eliza Maliszewski: E quanto tempo demora esse processo?

Sonora Maristela Bones, maqueteira: Olha, depende do modelo. Às vezes leva uma, às vezes duas, três, depende até a manhã inteira.

Repórter Eliza Maliszewski: É cansativo?

Sonora Maristela Bones, maqueteira: É cansativo. Não é que é cansativo, é que tem que trabalhar com cabeça, né.

Repórter Eliza Maliszewski: Quantos anos já na indústria calçadista?

Sonora Maristela Bones, maqueteira: 20. 20 anos.

Repórter Eliza Maliszewski: E nesses anos vocês fez o que, assim, em termos de sapato, dentro da fábrica?

Sonora Maristela Bones, maqueteira: Eu já fiz de tudo, de tudo tudo um pouco.

Repórter Eliza Maliszewski: No Rio Grande do Sul, cerca de 300 empresas representam a indústria calçadista. Quando se trata de componentes para o calçado, elas chegam a quase 800. E estão espalhadas em 150 municípios das regiões dos Vales dos Sinos, Taquari e Paranhana. Quanto que essas indústrias movimentam, hoje, aqui no estado?

Sonora Antônio Carlos Rocha, diretor industrial: Milhões.

Repórter Eliza Maliszewski: E como que é feita essa produção aqui dentro da fábrica?

Sonora Antônio Carlos Rocha, diretor industrial: O calçado é uma indústria de artesanato em grande escala. É mão de obra intensiva. E nós, hoje, aqui no estado, estamos fazendo a parte de corte, de costura e de montagem.

Repórter Eliza Maliszewski: Um calçado, como esse que você tem aqui na mão, demora quanto tempo pra ficar pronto e pra ir pros pés?

Sonora Antônio Carlos Rocha, diretor industrial: Olha, você não vai acreditar, mas 100 pessoas colocam a mão pra fazer um par de sapatos. E demora, esse, mais ou menos, 70 minutos pra elaborar. Entre corte, costura e montagem.

Repórter Eliza Maliszewski: Depois de saírem da fábrica de calçados, eles vêm para centros de distribuição como esse. Eles passam por uma triagem e recebem etiquetas de identificação para depois seguirem para outros destinos. Esse mercado é gigantesco. São cerca de um milhão e 800 mil pares todo o mês.

Sonora Cidinei Cardoso, diretor de logística: Aqui nós recebemos todas as mercadorias de nossos clientes, onde a gente coleta todos os dias. Temos caminhões de expedições e daí a gente traz mercadoria pro Brasil inteiro ou pra alguma região em específico. E aqui a gente descarrega, roteiriza por estado, região ou transportadora que vai fazer essa distribuição final.

Repórter Eliza Maliszewski: Esse processo não para?

Cidinei Cardoso, diretor de logística: Não, não para. Ele inicia sete horas da manhã, para às três ou vira até às sete do outro dia. Nós entregamos hoje em grandes centros e nesses grandes centros as mercadorias elas têm um acesso difícil até a loja. Porque há dificuldades no trânsito, há dificuldades nos horários de shopping, que são pré-estabelecidos. Algumas rodovias, enfim, têm leis que restringem.

Repórter Eliza Maliszewski: Todos os dias, é pelas rodovias que vai 80% do calçado produzido no Vale do Sinos. E nós vamos pegar carona nessa viagem. Valderlan, tudo bem?

Sonora Vanderlan Franco, caminhoneiro: Tudo bem, boa tarde.

Repórter Eliza Maliszewski: Boa tarde. A gente vai pra onde?

Sonora Vanderlan Franco, caminhoneiro: Pra Buenos Aires.

Repórter Eliza Maliszewski: E como é que é o procedimento antes de partir?

Sonora Vanderlan Franco, caminhoneiro: O procedimento é mandar mensagem pra gerenciadora tudo, quando tá começando o início da viagem.

Repórter Eliza Maliszewski: Avisando que tá saindo?

Sonora Vanderlan Franco, caminhoneiro: Avisando que tá saindo.

Repórter Eliza Maliszewski: Vamos lá, então?

Vanderlan Franco, camionero: Vamos.

Repórter Eliza Maliszewski: Quanto tempo vai durar essa nossa viagem rumo à Argentina?

Sonora Vanderlan Franco, caminhoneiro: Quatro dias.

Repórter Eliza Maliszewski: Por que tanto tempo?

Sonora Vanderlan Franco, caminhoneiro: Por causa da burocracia da aduana, tudo. Passar fronteira, tudo. Isso tem tudo muito trâmite de documento, né. Daí demora um pouquinho. Não tem lugar seguro pra ficar, pra dormir, daí tem que ser pelo procedimento da gerenciadora, do rastreamento, né.

Off: A carga é monitorada de forma rigorosa por este sistema.

Repórter Eliza Maliszewski: Se eu quiser, por exemplo, pegar um caminhão que está em Pernambuco eu posso? E descobrir onde ele está e como essa carga está?

Sonora Moisés Bruno, gerente de transporte e logística: Sim, no momento que a gente acessa o sistema a gente visualia o mapa e tem o local, rua, endereço, o armazem que ele tá descarregando no momento.

Repórter Eliza Maliszewski: Por que ela é tão visada? Por que ainda tem um valor agregado alto?

Sonora Moisés Bruno, gerente de transporte e logística: Sim, são mercadorias, hoje, que nós transportamos na faixa de um milhão de reais cada carreta que sai daqui.

Repórter Eliza Maliszewski: E a sua viagem é uma viagem solitária?

Sonora Vanderlan Franco, caminhoneiro: Solitária. Só eu e Deus.

Repórter Eliza Maliszewski: E o calçado.

Sonora Vanderlan Franco, caminhoneiro:

E o calçado. Que é a responsabilidade maior no caso. É chegar, sair do destino e entregar perfeitamente a mercadoria.

Repórter Eliza Maliszewski: A gente desembarca por aqui, mas o Vanderlan segue viagem por mais 1300 quilômetros. Esta é apenas uma viagem, mas o calçado se espalha por vários destinos pelo mundo.

Off: Pelas rodovias dentro do Rio Grande do Sul, o foco é a serra e Porto Alegre. Uma boa parte também vai de caminhão para os estados do sudeste do país, como São Paulo e para a Bahia, Pernambuco e Ceará, no nordeste. Na exportação, a Argentina é o principal destino da América. Mas o calçado também pode ir via marítima, pelo porto de Rio Grande. Ou, se for de maior valor agregado, via área, pelo aeroporto Salgado Filho. Os destinos são Estados Unidos e países da América Central, da Europa e da Ásia.

Repórter Eliza Maliszewski: E é possível esse calçado sair daqui e voltar pra cá?

Sonora Cidinei Cardoso, diretor de logística: Claro, tem um percentual, depende da marca, mas há um percentual, sim, que o produto retorna.

Off: Pode, inclusive, voltar para os pés de Maristela.

Repórter Eliza Maliszewski: Como que é pra ti, ver o sapato que tu faz nos pés das outras pessoas na rua depois?

Sonora Maristela Bones, maqueteira:

É maravilhoso, tu ir na loja assim e olhar que tu que fez, né. Eu acho muito legal.

Reportagem UNIJUÍ

Tempo total: 4'48''

Off: Um dos momentos mais deliciosos desfrutados na escola é a hora da merenda.

Sonora Simone Campos, diretora da E.M. infantil Alvorada: É muito nutritivo, né? Que nem na nossa secretaria a gente tem o cardápio da nutricionista, já vem balanceado com frutas e verduras.

Off: Alguns dos produtos consumidos na escola municipal infantil Alvorada e que reforçam a alimentação das crianças, são as bolachas que vêm da propriedade do seu Gelson Treter. São percorridos cerca de 10 quilômetros para levar esses alimentos até o seu destino. Mas o trabalho começa bem antes de pegar a estrada. É na linha sete oeste, localizada no interior do município de Ijuí, no noroeste gaúcho, que funciona a agroindústria Sete Sabores. Aqui são produzidos pães, cucas, bolachas, salgadinhos, doces, bolos e salgados. Alguns produtos utilizados na produção desses alimentos também são produzidos aqui. Como as frutas que são levadas direto do pomar para a produção de cucas e sucos. Para poder levar todos esses alimentos até o consumidor final, o seu Gelson faz cerca de duas viagens por semana, com um veículo comprado especialmente para isso.

Sonora Gelson Treter, produtor rural e empresário: Havia uma linha de créditos para o mais alimentos e a gente procurou se adequar dentro do que a legislação pedia. Pra conseguir um alvará sanitário, o condutor tem que ser separado dos alimentos. E a gente procurou atender essa necessidade que tinha justamente pra ter um carro, também, com um espaço maior, né. A entrega era grande, o carro que a gente tinha não era adequado e era pequeno também, não tava comportando a produção que tava tendo. Nós entregamos na feira do produtor, em uma cooperativa de produtores em Ijuí, na padaria Sabor da Praça, além de todas as escolas estaduais que a gente atende no município.

Passagem Repórter, Laís Dahmer: Com tantos quilômetros para percorrer e vários lugares para entregar os alimentos, é preciso ter um cuidado redobrado com o armazenamento e o transporte para garantir que os produtos cheguem com qualidade até o seu destino final. Principalmente quando se trata da merenda escolar.

Sonora Gelson Treter, produtor rural e empresário: Hoje em torno de 60% da produção da agroindústria é entregue na merenda escolar. A tendência é aumentar cada vez mais e o objetivo que a gente conseguiu a agroindústria se adequar, foi justamente porque tinha esse

mercado na merenda escolar. Nós procuramos sempre produzir um dia antes ou no dia sempre que possível, quando é entregue à tarde, se faz de manhã, mas geralmente é feito um dia antes, quando o pedido é maior. Pra sempre chegar um produto fresquinho lá no consumidor final que é o aluno. Que muitas vezes ele não tem a oportunidade de ter uma alimentação boa em casa, alunos mais carentes, de escolas mais de bairros, né. Então às vezes a alimentação que ele vai ter é a merenda que ele vai adquirir, então a gente procura sempre levar um produto com maior qualidade possível.

Off: O alimento que chega até a mesa das crianças nas escolas municipais de Ijuí, é entregue na secretaria municipal de educação e de lá é encaminhado até as instituições de ensino, como a escola municipal infantil Alvorada. Segundo a nutricionista da Secretaria de Educação, alguns cuidados básicos podem auxiliar no transporte desses alimentos.

Sonora Camila Alves, nutricionista da SMED/Ijuí: No caso deste produto que está sendo encaminhado hoje, que é a bolacha caseira, o alimento chega aqui no nosso depósito em caixas e dentro de embalagens plásticas, transparentes, limpas, conforme a quantidade solicitada. E daqui nós acondicionamos nas nossas caixas e são colocados no nosso veículo que faz a entrega de todos os alimentos nas escolas. O veículo também é adequado, com todas as condições e exigências necessárias. O veículo passa também pela avaliação da vigilância, pra ver se está tudo ok, desde questão de refrigeração, limpeza, não pode ter estrados de madeira dentro, então todos esses cuidados são observados no momento do transporte de alimentos.

Off: Esse é o caminho do alimento que sai da agroindústria familiar e chega até a merenda escolar. Percurso que fortalece a economia formada pelo trabalho dos produtores no noroeste gaúcho e ainda beneficia muitas crianças da rede pública de ensino.

Reportagem IPA

Tempo total: 4'15''

Sonora Juarez Antônio Felipe Pereira, agricultor ecológico: Estão muito próximos quem se nutre dessa atividade e quem está lá, interagindo junto a natureza, pra que o resultado dessa interação seja o alimento que aqui é ofertado.

Sonora Cláudia Bos Wolff, agricultora ecológica: Uma coisa que eu acho, assim, que deu muito certo, que foi inovador na época, é que a feira tinha que ser do produtor direto. Então, assim, não poderia ter outra pessoa vendendo. E é até hoje. Então, assim, tu vem na feira e vai encontrar o próprio agricultor vendendo o seu produto.

Sonora Bernardo Iochpe, engenheiro agrônomo: A seriedade. Ele vende uma vez, vende duas e hoje ele vende na feira há 25 anos. Então ele sabe que essa parceria consumidor-produtor, vai perdurar.

Sonora Juarez Antônio Felipe Pereira, agricultor ecológico: Da mesma forma que a gente vem e traz histórias, a gente também leva histórias. E isso vai se constituindo uma cultura.

Sonora Guido Orlando Berger, produtor ecológico: A busca é motivada, normalmente, grande parte do público, pessoas com doenças, que comprometem a saúde com o produto com agrotóxico, então é recomendado usar a verdura sem agrotóxico. Segundo grupo de consumidores é casais jovens que têm criança pequena, pra fazer a papinha, a sopa, porque querem dar o melhor pro seu bebê, esse é um grande público. E outros tantos por convicção. A entrega, a gente faz em dois dias, terças e sextas de manhã, e a gente está dando um limite, porque entregava três dias da semana, e a gente achou demais. Estava um esgotamento muito grande, então delimitamos: terças e sextas-feiras. O que cabe na camionete, no carro, são 30 entregas na terça e um pouco menos na sexta.

Pergunta repórter: Como o senhor se sente hoje produzindo, o senhor se sente realizado?

Sonora Guido Orlando Berger, produtor ecológico: Demais. Eu vou te confessar, eu me aposentei como professor de forma antecipada, até, pra poder ficar nesse canto aí. E poder começar a brincar de fazer pomar e plantar, cultivar. Eu acho que quem nasce no interior e trabalhou com isso, acompanhou os pais, na infância, na juventude, fica no DNA, no chip da gente, entendeu. Esse gosto pela natureza. Eu vou colhendo uma cenoura, uma amora, uma pitanga, uma goiaba, entendeu. Então isso me dá prazer e isso faz com que a coisa ande, tenha um ritmo, é o ritmo da vida da gente.

Sonora Mauni Oliveira, tradutora: Se for comparar com alimento que diz que é orgânico, que eu fico meio assim, no supermercado, é bem mais barato.

Sonora Karen Tiemi, professora: Além de ser uma feira que a gente tem esses produtos maravilhosos, nós temos, assim, eu digo que sempre é uma terapia aqui.

Sonora Alexandre da Silva, professor: Uma alimentação um pouco mais natural pra casa e principalmente incentivar os pequenos também, né. Desde pequeno também.

Reportagem UCS TV

Tempo total: 5'40''

Sonora Janete Hoffman Fochesato, 43 anos: Começamos a fazer um quilincho, dois, três quilinhos. E pras irmãs, pras vizinhas, pra amigas. Daí o pessoal foi gostando, foi encomendando e daí a gente foi fazendo e experimentando, pra ver se dava. Daí, um belo dia, a gente resolveu juntar a força também e resolveu colocar uma casa de massa.

Off: Foi aí que assim, com o incentivo e o apoio de toda a família, que Janete abriu uma casa de massa, há sete anos, em São Marcos, interior do Rio Grande do Sul. Ela e mais 15 funcionárias são responsáveis pela produção de diversos tipos de massas caseiras.

Sonora Geive Fochesato, 23 anos: Esse foi o maior sonho da minha vó. Ela que sempre sonhou em ter uma casa de massas com o nome dela, que foi passando pro meu pai, que é filho dela. E hoje, quem toca pra frente o negócio é a minha mãe e eu que to ajudando a minha mãe.

Off: O carro chefe do negócio é o agnoline, produzido de três a quatro vezes por semana. Pelo menos 80 quilos são fabricados por dia. Geive ajuda a mãe a pouco mais de um ano. Ela é responsável pelas contas, pelas cobranças e pela distribuição do produto, que chega a 90% dos mercados de São Marcos. Por mês, cada local recebe mais de 100 quilos de agnoline. Mas, para chegar até aqui, o caminho foi longo. A produção começou pequena, eram, no máximo, 20 quilos diários. Para entregar todos os pedidos, a solução foi comprar uma máquina e contratar mais ajudantes.

Sonora Suzana Aumond Maurina, ajudante: Começo às oito, até às 11 e da uma e meia até às seis. Mas no inverno a gente faz hora extra pra poder ter o pedido, a quantidade, pronta.

Off: As massas de São Marcos também são distribuídas em Caxias do Sul. Parte do serviço é terceirizado, mas nem sempre os horários entre a produção e a entrega coincidem.

Passagem Repórter, Isadora Guerra: A distribuição do agnoline, na maioria das vezes, é feita pela Janete. Quando o motoboy não pode, geralmente é feita pelo marido dela, o Seu Gilmar. Por isso, a gente agora vai acompanhar ele até Caxias do Sul, ao longo dos próximos 36 quilômetros.

Diálogo:

Repórter: Tudo certo pra viagem, seu Gilmar?

Gilmar Fochesato, 50 anos: Tudo pronto.

Repórter: Então vamos lá, porque ela não é tão curta.

Trilha

Repórter: E já pegou alguma complicação na estrada ao longo desses anos?

Gilmar Fochesato, 50 anos: Já, algumas complicações. Batida, caminhão tombado, umas quantas vezes, já.

Off: Seu Gilmar trafega pela BR 116 todas as vezes que precisa entregar um agnoline em Caxias do Sul. Ele deixa de lado o trabalho como pedreiro, para ajudar no negócio da família. O movimento é grande e a estrada é sinuosa, fatores que exigem um cuidado maior.

Sonora Gilmar Fochesato, 50 anos: Já teve bem pior do que agora, agora até que tá mais ou menos, né. Lá em Caxias que complica, né.

Repórter: O que tem de complicado lá?

Sonora Gilmar Fochesato, 50 anos: O movimento é muito movimento lá.

Sonora Márcia Mendes, técnica SEBRAE - Serra Gaúcha: Se a estrada tiver muito ruim no perímetro onde ele vai ter que transportar a mercadoria, talvez tenha um depreciação maior do veículo, uma demora maior na entrega da mercadoria. E, sim, isso vai acabar impactando, também, no valor final do produto, né. No caso de São Marcos pra Caxias, acredito que o

impacto não vai ser tão grande, porque a gente não tá falando de uma cidade tão distante. Mas eles abrindo o mercado, pensando em outros estados, ou cidades mais distantes, aí isso tem que ser analisado porque sim, vai impactar um pouco mais.

Passagem Repórter, Isadora Guerra: Depois de mais ou menos uma hora de viagem a gente, finalmente, chega a um dos mercados aqui em Caxias do Sul, onde a Janete distribui os produtos dela. Pelo menos cinco estados aqui do Brasil já recebem o agnoline produzido em São Marcos. Ou seja, é muita gente que tem a oportunidade de comer produtos produzidos aqui na serra gaúcha, como agnoline.

Sonora Geive Fochesato, 23 anos: Tem muitos clientes que passam lá mesmo, na casa de massas, pra levar pros parentes em outros estados: Ceará, Brasília, Curitiba, né. Vão pra Santa Catarina, tem parentes em São Paulo. Os conhecidos daqui que levam pro conhecidos de lá, né.

Sonora Emília Julieta Giotti Fochesato, 73 anos: Um orgulho enorme, é bom, né?

Passagem Repórter, Isadora Guerra: O agnoline feito em São Marcos por, pelo menos, 15 pessoas, chega em três mercados diferentes aqui em Caxias do Sul antes de vir parar da mesa da Luciane. Luciane, por que você compra há tanto tempo o agnoline da vó Julieta?

Sonora Luciane de Oliveira Bonatto, representante comercial: Por gostar muito de massas, caseiras principalmente, pelo recheio, cozimento rápido e por lembrar quando eu era criança.

Off: Luciane compra o produto há quase cinco anos. Natural de Antônio Prado, ela e a família tem o hábito de comer agnoline tanto no inverno, como no verão.

Sonora Luciane de Oliveira Bonatto, representante comercial: Tô pra te dizer: é o da minha mãe e o da vó Julieta.

Sonora Janete Hoffman Fochesato, 43 anos: Essa minha casa de massas hoje ela pode tá conhecida, pode tá famosa, com os agnolines bons, tudo por causa da vó Julieta.

Sonora Emília Julieta Giotti Fochesato, 73 anos: Continuar sempre indo pra frente assim, mais bom. Sempre mais bom.

Reportagem UPF TV

Tempo total: 4'44''

Sonora Cassiano da Silva, 15 anos: Meu nome é Cassiano da Silva, tenho 15 anos, estudo na escola São Luiz Gonzaga de Passo Fundo. Gosto muito de aprender, mas tempo sempre foi assim. Eu era bastante incomodativo, não respeitava os professores, riscava as paredes da escola. E hoje eu sou um aluno mudado.

Off: Uma mudança que começou, de acordo com ele, também na escola. Convidado a participar de projetos educativos, aprendeu que cuidar do que é de todos era um dever. Então, tomou pra si a tarefa. Hoje, ele é uma das pessoas que ajuda a preservar esse espaço, que, até ontem, não tinham o mesmo respeito.

Sonora Cassiano Alves da Silva, estudante: Esses projetos me ensinaram a desenvolver. Agora eu paro mais dentro da sala, não risco mais classe, não risco mais paredes. Eu sou uma pessoa boa e eu tenho personalidade pra ser um grande homem.

Off: Uma transformação como essa, que aconteceu com o Cassiano, ocorre com mais frequência quando a educação é entendida na sua mais pura essência.

Sonora Marinês Lara Schaeffer, diretora da escola: É gratificante e é o coroamento de qualquer educador. Nós temos que lembrar sempre, que a educação está a serviço de um bem comum. E esse bem comum depende daquilo que eu acredito. Se eu, como educadora, acredito que há possibilidade, eu vou investir e vou ter parceiros.

Passagem Repórter, Fábio Eberhardt: A nova perspectiva de vida adotada pro Cassiano partiu, justamente, do apoio dos professores, que viram no conhecimento e no ensino, as grandes chaves para essa transformação. Mas para que pudessem acreditar nisso, todos tiveram que passar por uma base de orientação, que se encontra, justamente, no meio acadêmico.

Off: Passo Fundo é uma cidade universitária e seu principal produto é a educação. Aqui, a movimentação nesse campo é permanente, através de faculdades, centros de ensino e universidades. É o caso da UPF, que forma professores, apoia e realiza eventos culturais que movimentam o país, como é o caso da Jornada Nacional de Literatura.

Sonora Tania Rösing, coordenadora Jornadas Literárias UPF: Isso vem pelo conhecimento, pelo processo de construção gradativo que cada ser humano faz. Pensando não apenas em aprimorar-se, mas aprimorar o outro e aprimorar-se no grupo.

Off: A UPF é a maior instituição de ensino do norte gaúcho e por isso exporta conhecimento. Em 43 anos de existência, já formou mais de 65 mil profissionais, que levam para todo o Brasil e para o mundo, o estudo adquirido ao longo dos anos. Dóris, que nasceu em Passo Fundo e se formou em dermatologia pela UPF, atualmente é uma das mais reconhecidas profissionais da área. Hoje, ela está a frente de pesquisas científicas e recentemente esteve em San Diego, nos Estados Unidos, onde foi a primeira brasileira a receber uma distinção para dermatologistas e cirurgiões dermatológicos que fazem a diferença na especialidade.

Sonora Dóris Hexsel, médica dermatologista: Eu não sou uma pessoa que me contento. Se o paciente tiver alguma complicação eu quero entender por que ele teve a complicar. Porque se eu conseguir entender eu vou conseguir prevenir em todos os outros. Eu sempre tive uma conduta, que eu não sei se é da minha personalidade, de querer ser curiosa e entender as coisas.

Off: Hoje, ela atende cerca de 500 pacientes por mês em Porto Alegre e no Rio de Janeiro. Com o médico cirurgião Paulo Reichert o caminho foi parecido. Com graduação e especialização em Porto Alegre, mestrado e doutorado em São Paulo, na área de cirurgia do aparelho digestivo, veio para Passo Fundo, onde trabalha há 30 anos.

Sonora Paulo Reichert, médico cirurgião: Nós não temos no dia a dia do profissional de referência em Passo Fundo, aqueles casos simples do dia a dia ambulatorial. Então isso é um desafio, nos obriga a buscar o conhecimento. E aí que vem outro problema. Conhecimento médico dobra em dois anos. Então, se nós ficarmos parados, somente trabalhando, sem uma atualização constante, nossos pacientes vão ser muito prejudicados.

Off: Terceiro maior polo de saúde do interior do Rio Grande do Sul, o município conta com nove hospitais das mais diferentes especialidades. O que faz com que muitas pessoas venham de outros estados em busca da medicina qualificada que se encontra aqui e que é constantemente renovada.

Passagem Repórter, Fábio Eberhardt: Pois é, o produto também pode ser visto como resultado útil de um trabalho. E, como você pode perceber, a educação e a saúde são referências em Passo Fundo. O produto intelectual que sai da universidade, resulta na multiplicação no ensino, da educação e do conhecimento.

